

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**UM ANEL PARA A TODOS GOVERNAR: O
MEDIEVO E A SENSIBILIDADE
CONTEMPORÂNEA NA OBRA *O SENHOR
DOS ANÉIS* DE J.R.R. TOLKIEN**

Thiago Destro R. Ferreira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

THIAGO DESTRO ROSA FERREIRA

***UM ANEL PARA A TODOS GOVERNAR: O
MEDIEVO E A SENSIBILIDADE
CONTEMPORÂNEA NA OBRA *O SENHOR DOS
ANÉIS* DE J.R.R. TOLKIEN***

Uberlândia, Novembro de 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

THIAGO DESTRO ROSA FERREIRA

***UM ANEL PARA A TODOS GOVERNAR: O
MEDIEVO E A SENSIBILIDADE
CONTEMPORÂNEA NA OBRA *O SENHOR DOS
ANÉIS* DE J.R.R. TOLKIEN***

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História, no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Josianne Francia Cerasoli.

Uberlândia, Novembro de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

FERREIRA, Thiago Destro R. (1987)

Um Anel para a todos governar: o medievo e a sensibilidade contemporânea na obra O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien / Thiago Destro Rosa Ferreira – Uberlândia, 2009. 126 pgs.

Orientadora: Josianne Francia Cerasoli

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Palavras-chave: Tolkien, Medievo, Imaginário, Sensibilidade Contemporânea

THIAGO DESTRO ROSA FERREIRA

***UM ANEL PARA A TODOS GOVERNAR: O MEDIEVO E A
SENSIBILIDADE CONTEMPORÂNEA NA OBRA O
SENHOR DOS ANÉIS DE J.R.R. TOLKIEN***

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Josianne Francia Cerasoli – Orientadora

Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz

Prof.^a Dr.^a Jacy Alves Seixas

Aos meus queridos pais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço meus pais, que me proporcionaram a oportunidade de estudo. Sem o apoio e carinho deles nada disso seria possível. Muito obrigado por tudo!

Agradeço ao meu tio Carlos por ter sido o primeiro a me apresentar Tolkien. A partir dali os hobbits começaram a receber atenções minhas.

A meus padrinhos e ao meu primo/irmão Lucas meu muito obrigado pelo apoio e pela acolhida durante todo esse tempo. A minha madrinha Maria Augusta, em especial, pelo apoio e incentivo constantes.

À professora Luciene Lehmkuhl devo o gosto pelo estudo da História Medieval. A disciplina ministrada por ela, enfatizando temas tão fascinantes para mim, fez com que eu percebesse a riqueza do período medieval. Além disso, sou grato as oportunidades de trabalho e pesquisa que me foram ofertadas por ela, que tanto contribuíram para minha formação.

Gostaria de agradecer ao professor Guilherme Amaral e a professora Jacy Seixas não só por terem aceitado compor a banca de avaliação deste trabalho, mas também por terem marcado de forma positiva minha formação acadêmica. Muitas de minhas idéias e concepções sobre a História me foram semeadas por eles no período em que frequentei suas aulas.

A professora Josianne Cerasoli gostaria de deixar os mais sinceros agradecimentos de um orientando que se considera privilegiado pela orientação que teve. Uma orientadora sempre disposta a auxiliar um orientando muitas vezes confuso e inseguro. Pela boa-vontade e disposição que teve ao se comprometer com uma pesquisa distante de seus interesses mais próximos. Pelo convívio não só com a orientadora, mas com esse modelo profissional que me inspira. Muito obrigado por tudo Josi.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus queridos amigos, sem os quais não posso nem mesmo imaginar o que seria de mim.

Nove para os Homens Mortais, fadados ao eterno sono – Obrigado Diovanina, Carla, Matielo, Fernanda, Stela, Daniela, Glauber e Fayga por todos os momentos que passamos. Pelo carinho e incentivo constantes da Dio. Pelas tardes de discussão historiográfica e literária com a Dani na biblioteca, e também aos divertidos devaneios. Pela presença marcante e luminosa da Fer que suportou minhas bobagens “5789,14 vezes”, sempre incentivando os amigos historiadores tanto em seus percursos no tempo

quanto nas revoluções cotidianas. Pela alegria contagiante da Stelinha (Tristeza? “Não obrigada, passa amanhã!”) que sendo nossa devotada estudiosa das virtudes trouxe um pouco de santidade a nossas vidas profanas. Fayguinha pelo carinho que sempre teve comigo. Sem me esquecer das memoráveis reuniões regadas a “coca-cola e talento vermelho”.

Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores – Obrigado Guilherme, Newarney, Jordhan, Eduardo, Paulo e Fábio pela amizade, embora mais recente, não menos sincera. Ao Mestre (em breve) Guilherme pelos caminhos a que me apresentou e conduziu. Jordhan e Du, meus vizinhos e companheiros nos mais refinados banquetes. Paulinho, que sabe bem o que é ter uma pesquisa “torta” assim como eu, e Fabin, por tornarem minha vida muito mais divertida.

Três Anéis para os Reis-Elfos sob este céu – Enfim, Cristiane, Jaqueline e Gustavo. Por cada palavra e gesto de motivação que tiveram para comigo. Um agradecimento especial em razão do que passamos juntos principalmente nos últimos três meses. Companheiros de todas as horas, de intermináveis noites de discussão e crises de riso. A Cris, e sua personalidade “singular”, a indescritível Jac e ao querido Gu.

Durante meu percurso pelas estradas, florestas escuras e altas montanhas, foram vocês, meus amigos, os companheiros de viagem e aventura. No caminho pude encontrar a sabedoria élfica, a habilidade dos anões e a jovialidade dos hobbits em cada um de vocês. Embora o trajeto possa nos afastar e nos reunir independente de nossa vontade, vocês foram, e sempre serão lembrados, como a minha Sociedade do Anel.

“Pobre de nós! E todos os que caminham pelo mundo nestes últimos tempos. Pois assim são os modos deste mundo: encontrar e perder, como parece àqueles cujo barco está na correnteza veloz.”

Legolas, o elfo – *O Senhor dos Anéis*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a presença de características do medievo e de concepções do homem medieval na construção do mundo fictício da obra *O Senhor dos Anéis* de John R.R. Tolkien. A obra nos remete há vários traços do imaginário medieval ocidental: organização do espaço, visões e maneiras de estar e sentir o mundo dentre outras, que mesmo de forma reelaborada aparecem na narrativa literária de Tolkien. Além disso, a obra nos chama atenção pela grande repercussão entre o público contemporâneo, sugerindo que de alguma forma atinge a sensibilidade da atual sociedade. Assim, propomos também lançar um olhar para a sociedade contemporânea, buscando levantar hipóteses e elaborar reflexões que nos auxiliem a compreender as razões de tal repercussão e qual o papel desses "traços medievais" nessa relação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa da Terra-média 1.....	38
Mapa da Terra-média 2.....	39

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Prólogo	
1.1 A Obra, a Literatura e a Fantasia.....	21
1.2 Entre Iconografia e Clientela.....	32
Parte 1 – Aproximações com o mundo do Medieval	
Um Medieval Imaginado.....	35
Terra-média: Viagem pela geografia medieval imaginada.....	40
Parte 2 – Aproximações com o Imaginário Medieval	
O Bem, o Mal e a Escolha.....	56
História e Lembrança: um mundo em declínio.....	65
Aragorn, o Rei Taumaturgo.....	71
Sensibilidade Medieval: <i>Fides</i> e Amizade.....	76
Epílogo – Fim da Viagem e suas Permanências.....	86
Bibliografia.....	105
Anexos.....	109

INTRODUÇÃO

“Numa toca no chão vivia um hobbit”¹. Assim começam as histórias narradas por John Ronald Reuel Tolkien, o criador da Terra-média. A produção literária de J.R.R. Tolkien é marcada por traços que a singularizam perante outras não só de sua época, mas também da literatura em geral. O autor criou em seus livros um mundo ficcional complexo e vasto, que durante a segunda metade do século XX conquistou uma enorme quantidade de leitores. O conjunto de obras que o constituem, posteriormente denominado *Legendarium Tolkieniano*, narram acontecimentos de um mundo onde homens dividem o espaço com elfos e hobbits. São narrativas grandiosas e complexas em uma ficção tão rica em detalhes que provocam uma verossimilhança com o real. A dita fantasia de Tolkien é singular no campo literário.

Essa peculiaridade, tanto em relação ao seu lugar dentro da literatura quanto ao conteúdo de suas narrativas, fez com que as opiniões a respeito do autor e de sua obra divergissem significativamente. Sua obra é admirada e estudada por um grande público em todo mundo, enquanto é repudiada e tida como um fantasioso universo escapista por outros. O meio acadêmico tradicionalmente despreza e marginaliza esse tipo de produção, rotulando-a de juvenil sem uma profundidade maior. Porém, o próprio autor atua nesse ambiente erudito, o que parece singularizá-lo ainda mais.

Mas afinal, que motivações um professor da prestigiada Universidade de Oxford teria para dedicar grande parte de seu tempo à criação de um mundo fantástico extremamente complexo e com incrível nível de detalhes?

John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 1882 em Bloenfontein, África do Sul, mas ainda criança vai para a Inglaterra, país de origem de sua família. Desde cedo desenvolveu um gosto por línguas, se tornando mais tarde filólogo e lingüista. Lecionou na Universidade de Leeds e posteriormente na Universidade de Oxford, onde exerceu a docência até sua aposentadoria.

Seu interesse maior eram as línguas antigas, em especial aquelas do norte da Europa como finlandês e anglo-saxão. Estes interesses fizeram com que ele tomasse contato com textos antigos e clássicos, sendo que seus estudos acabaram por se concentrar nestas obras. Sendo um estudioso e grande conhecedor destes textos, grande

¹ TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. Trad. Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Piseta revisão técnica e consultoria Ronald Kyrmse. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p.1.

parte deles de conteúdo épico e mitológico, Tolkien possuía um grande domínio do assunto e de seus temas. Esse conhecimento o leva a perceber que, se a Finlândia, Escandinávia, dentre outras regiões da Europa, possuíam um passado mítico preservado em um conjunto de sagas e lendas, os ingleses não tinham nada parecido, e se o tinham eram poucos fragmentos de uma mitologia já perdida. Portanto, Tolkien se propôs a escrever uma mitologia para a Inglaterra. Uma das motivações para a realização de sua obra, então, é a concepção de uma mitologia propriamente inglesa. Outra grande motivação seria a criação de um pano de “fundo histórico” para as línguas que ele foi desenvolvendo durante a sua vida. Sua paixão era a linguagem, tanto que elaborou línguas fictícias, que apesar de não funcionarem como uma língua falada, possuíam vocabulário, estrutura e regras gramaticais próprias. Em suas narrativas suas línguas criavam vida por meio de seus personagens e história por meio dos fatos narrados. Em seu mundo elas poderiam ser reais.²

O mundo criado por Tolkien é desenvolvido em várias obras, são elas: *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (*A Sociedade do Anel* e *As Duas Torres*, 1954; *O Retorno do Rei*, 1955), *As Aventuras de Tom Bombadil e outros versos do Livro Vermelho* (1962). Postumamente foram publicados *O Silmarillion* (1977), *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-média* (1980), *The History of Middle-earth* (doze volumes publicados entre 1983 e 1996) e finalmente *Os Filhos de Húrin* (2007)³.

Os acontecimentos narrados se passam em Arda, nome dado ao universo tolkieniano, que tem sua história narrada desde a criação, passando pelas Três Eras do Sol, até o começo da Quarta Era. Esse universo é povoado por homens, e também por elfos, anões, hobbits, orcs, dentre outras raças fantásticas criadas por Tolkien inspiradas nas antigas mitologias européias. No entanto, a maioria das histórias se passa na Terra-média, uma região de Arda, na qual essas raças habitam e os acontecimentos se desenrolam. A paisagem lembraria muito o ocidente medieval como aponta Lin Carter:

² Discutiremos mais a frente as noções de real e fictício no contexto da obra de Tolkien, uma discussão que julgamos fundamental para compreender o autor.

³ Datas de lançamento para as edições inglesas. No Brasil *O Senhor dos Anéis* foi lançado em uma primeira edição pela editora Artenova ainda na década de 70, segundo consta, sem autorização para uma tradução da obra. Em 1994 a editora Martins Fontes lança a obra em três volumes, e em 2000 em volume único. As demais obras foram editadas também pela Martins Fontes nas seguintes datas: *O Hobbit* /1995, *O Silmarillion*/ 1999, *Contos Inacabados*/2002, *As Aventuras de Tom Bombadil*/2008 e *Filhos de Húrin* a ser lançado em dezembro desse ano. *The History of Middle-earth* ainda não conta com uma edição brasileira.

A imagem de Tolkien para a Terra-média durante a Terceira Era não é muito diferente da Europa durante a Idade Média. É composta principalmente de florestas grandes e antigas onde espreitam coisas sombrias, tendo aqui e ali fragmentos de vida caseira – pequenas fazendas, campos plantados e pequenas cidades – formando ilhas de pacata sociedade rural em meio à escuridão do ermo.⁴

Nesse cenário existe também o maravilhoso e o tenebroso, como as moradas élficas de características encantadoras ou a tenebrosa Terra Negra de Mordor. Reinos humanos são governados por reis e outros homens de grande valor, guerreiros lutam pelo seu povo e os magos viajam pelas terras aconselhando homens e elfos.

Sua produção literária, no entanto, não se restringe a esse campo, o autor ainda possui outras publicações literárias não ligadas à Terra-média, além de ensaios acadêmicos e textos sobre teoria do que ele chamou contos de fadas ou fantasia.

Como fontes que inspiraram à criação da Terra-média são apontados antigos textos épicos e míticos, com os quais o autor tomou contato na sua vida acadêmica. Com relação às prováveis fontes e influências muito tem se especulado a respeito, citaremos aqui as mais comentadas. Em primeiro lugar temos o poema épico *Beowulf*⁵, objeto de estudo profissional de Tolkien e texto importantíssimo para a literatura inglesa antiga.

A *Edda Poética*⁶ e a *Edda em Prosa*⁷, os principais textos sobre a antiga mitologia nórdica, são citados também como importantes fontes da sua obra. Elfos e anões, por exemplo, são personagens dessa mitologia, enquanto que o nome Terra-média tem sua origem no termo Midgard, o mundo dos homens segundo essa tradição. Ainda referentes à mitologia nórdica, temos as diversas sagas, em especial a *Volsunga saga*⁸ que possui muitos temas em comum com *O Senhor dos Anéis*.

⁴ CARTER, Lin. *O Senhor do Senhor dos Anéis: O Mundo de Tolkien*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 39.

⁵ Escrito aproximadamente entre o século VIII e X da era cristã, o *Beowulf* é um poema épico escrito em anglo-saxão (old-english) de autoria desconhecida. Apesar de ter sido elaborado na Inglaterra, o poema narra os feitos de Beowulf príncipe dos Geats, eventos que teriam ocorrido no que hoje seriam regiões da Suécia e Dinamarca. O ensaio *Monsters and the Critics* da autoria de Tolkien é ainda hoje texto de referência para o estudo dessa obra

⁶ A *Edda Poética* é uma coleção de poemas em nórdico antigo preservado no *Codex Regius*, texto islandês escrito no século XIII. Os poemas se originam de uma tradição oral ainda mais antiga e é uma das fontes mais importantes sobre a mitologia nórdica e germânica.

⁷ Também chamada de *Jovem Edda*, essa coleção de textos islandeses foi elaborada por Snorri Sturluson (por volta de 1220) a partir de tradições e textos mais antigos, como a *Edda Poética*. Como esta, é uma fonte importante dos mitos e lendas da Europa setentrional.

⁸ Também de origem islandesa, a *Volsunga saga* (século XIII, mas assim como os textos já citados, com origem em temas orais anteriores) narra as aventuras de Sigurd, o Volsung do título.

Também teriam inspirado a obra de Tolkien a *Das Nibelungenlied* (*A Canção dos Nibelungos*)⁹, o *Mabinogion*¹⁰, conjunto de textos da mitologia celta, o *Kalevala*¹¹, épico finlandês relacionado com a nacionalidade da Finlândia e a *Heimskringla* (*As Crônicas dos Reis da Noruega*)¹². Além disso, por vezes são apontados outros autores de “fantasia” anteriores a Tolkien, como William Morris, autor de várias obras publicadas na segunda metade do século XIX.

Por fim gostaríamos de destacar a possível inspiração em *O Anel do Nibelungo*¹³, tetralogia composta por Richard Wagner e uma de suas mais importantes obras. *O Anel do Nibelungo* foi baseado na mitologia nórdica e germânica, em especial na *Volsunga saga*, e narra as aventuras de Siegfried neto de Wotan, deus líder do panteão dos deuses, e seu envolvimento com Brunhilde, a Valkíria. Mas é, principalmente, a história do anel amaldiçoado de Alberich, o nibelungo, cuja posse dará ao portador poder sobre todo o mundo. Da mesma forma um anel de poder incrível é o centro da trama de *O Senhor dos Anéis*. Além disso, o herói Sigfried também possui uma espada que foi reforjada, assim como a do personagem Aragorn de *O Senhor dos Anéis*. Outras semelhanças poderiam ser apontadas. Essas aproximações levaram muitos a apontar Wagner como uma das grandes influências de Tolkien, que sempre negou o fato, chegando mesmo a dizer que a única semelhança entre os dois anéis era o fato de ambos serem redondos. As proximidades entre os enredos são realmente interessantes, um parece remeter ao outro. No entanto, talvez essa semelhança se dê mais pela fonte comum que ambos conheciam e/ou utilizaram, a mitologia e tradição escandinava antiga, e não indique a apropriação de Wagner por Tolkien.

Além dessa questão da semelhança das tramas, os dois autores parecem possuir mais traços em comum do que o mero conteúdo de suas obras. Além de toda

⁹ Épico germânico escrito provavelmente entre o século XII e XIII de autoria anônima. Trata da história e feitos de Siegfried, sua morte e a vingança de sua esposa, Kriemhild. O texto possui muitas aproximações com as fontes mitológicas pagãs, em especial com a *Volsunga saga*.

¹⁰ Conjunto de contos galeses escritos entre os séculos XI e XIV, mas referentes à tradição oral antiga. Foram organizados e traduzidos por Lady Charlotte Guest no século XIX.

¹¹ O *Kalevala* foi elaborado por Elias Lönnrot a partir de temas do folclore e tradição oral coletados da tradição finlandesa. A primeira edição de 1835 foi expandida com novo material recolhido e publicada em 1849. Foi fundamental para a valorização da cultura finlandesa, vindo a se tornar o épico nacional da Finlândia.

¹² Escrito por Snorri Sturluson, em aproximadamente 1225, o texto narra acontecimentos referentes a vários reis da Noruega entre o ano de 850 e 1177. Considerado uma fonte preciosa do período Viking.

¹³ Esse ciclo de óperas é uma das mais importantes obras de Richard Wagner (1813 – 1883). É uma tetralogia composta das óperas: *Das Rheingold* (O ouro do Reno), *Die Walküre* (A Valquíria), *Siegfried e Götterdämmerung* ou *Ragnarök* (O crepúsculo dos Deuses). De tema épico, a obra tem seu enredo baseado na mitologia germânica, com personagens como o deus Wotan e suas filhas Valkírias, o lendário herói Sigfried e o Anel do Nibelungo, tema central do enredo.

importância de Wagner para o campo da música erudita, ele também exerceu papel fundamental na cultura alemã, sua obra agiu como um aglutinador para a identidade nacional germânica num momento em que a nação se construía. Essa questão de identidade parece se aproximar da intenção de Tolkien, que desejava produzir uma mitologia para o povo inglês. Com relação a isso é interessante notar que as fontes apontadas como inspiradoras do autor parecem convergir, pois a maioria delas se relaciona com a nacionalidade e identidade cultural dos respectivos povos que as produziram.

De todas as obras sobre o universo tolkieniano, as que realmente alcançaram maior sucesso e projeção foram os livros sobre a Terra-média e seus personagens hobbits, homens e elfos. *O Hobbit* iniciou esse ciclo quando foi lançado em 1937 como um livro infanto-juvenil. No fim do mesmo ano J.R.R. Tolkien inicia *O Senhor dos Anéis*, que só seria publicado anos mais tarde em 1954, mas seria sua obra de maior repercussão, tendo grande acolhida por milhares de leitores até os dias de hoje.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, *O Senhor dos Anéis*, diferentemente de *O Hobbit*, é uma leitura de fôlego dirigida ao público adulto. É uma obra extensa e complexa, com várias tramas paralelas sendo desenvolvidas ao mesmo tempo em que se desenrola o argumento central.

O texto teria sido uma tradução de um relato muito antigo do Livro Vermelho do Marco Ocidental, ao qual o autor teria tido acesso, e narraria eventos grandiosos de um passado remoto. É a história de Frodo Bolseiro, um hobbit do Condado que repentinamente se vê envolvido em uma história muito maior e mais antiga que a sua. Frodo é herdeiro do anel mágico de seu tio Bilbo, que o conseguiu em suas antigas aventuras. Com o tempo, o mago Gandalf, amigo de ambos, descobre que o anel não é simplesmente mágico, mas é na verdade o Um Anel, o mais poderoso de todos os Anéis de Poder, pertencente a Sauron, o Senhor do Escuro. No passado, Sauron, o Senhor dos Anéis do título, havia dominado quase toda a Terra-média por meio de anéis de poder controlando-os pelo maior deles, o Um Anel. Uma aliança entre homens e elfos o combateu e ele foi derrotado. No entanto, ele se levanta novamente e busca o Anel para finalmente cobrir o mundo com sua sombra. Cabe a Frodo e seus companheiros viajarem por toda a Terra-média para enfim destruir o Anel e com ele a ameaça que paira sobre o mundo.

Quando foi lançado em 1954, o primeiro volume recebeu todo o tipo de críticas. Um crítico escreveu:

As pessoas de grave praticidade não terão tempo para ele [*O Senhor dos Anéis*]. Os que têm imaginação a incendiar-se vão se ver completamente arrebatados juntos, tornando-se parte da movimentada missão, e lamentar que haja apenas dois outros livros em andamento.¹⁴

A comentários como esse se seguiram outras críticas positivas. Bernard Levin foi da opinião de que a obra era “uma das mais admiráveis obras da literatura do nosso ou de qualquer tempo”¹⁵, e W. H. Auden afirmou que não mais confiaria nos julgamentos daqueles que desaprovassem o livro.

No entanto, nem todas as críticas foram de natureza positiva. Um comentador do *Times* foi da opinião de que “O Senhor dos Anéis não é uma obra que muitos adultos lerão inteira mais de uma vez”¹⁶, já o crítico americano Edmund Wilson chegou a caracterizá-lo de “lixo juvenil”¹⁷. Outros comentários diziam que a obra só agradaria ao gosto britânico, ou criticavam o que chamavam de superficialidade dos personagens. A obra teria um conteúdo maniqueísta com os personagens representando estereótipos rasos e pobres. Seriam sempre bons e nobres, ou cruéis e sombrios, não havendo espaço para o conflito ou profundidade na construção de suas personalidades. Outro ponto fraco do livro seria a dificuldade do autor em trabalhar as emoções românticas dos personagens. Tolkien trata com extrema falta de jeito o relacionamento entre homem e mulher. Isso fez com que Edwin Muir dissesse em uma de suas críticas que “o espantoso é que todos os personagens são garotos mascarados de heróis adultos [...] dificilmente um deles sabe alguma coisa sobre mulheres, a não ser de ouvir falar”¹⁸.

Como podemos ver *O Senhor dos Anéis* dividiu opiniões e gostos. Segundo o biógrafo Michael White “foi logo um livro amado e odiado, um livro que cindiu a fraternidade literária com visível aleatoriedade”¹⁹.

Para a insatisfação das críticas divergentes, o fato é que a repercussão em torno de *O Senhor dos Anéis* foi crescendo cada vez mais com o decorrer dos anos. Estima-se que cem milhões de exemplares já foram vendidos em todo o mundo, tendo sido

¹⁴ Citado em WHITE, Michael. *Tolkien: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 207

¹⁵ Ibidem. 207

¹⁶ Aos 50 anos, 'Senhor dos Anéis' dá a volta por cima. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2004/07/040729_tolkieng.shtml>. Acesso em: nov/2009

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ WHITE, Michael. *Tolkien: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 209

¹⁹ Ibidem. p. 209.

traduzido em trinta idiomas²⁰. Em 1997 foi eleito o livro do século pelos leitores da *Waterstones*. Resultado que voltou a se repetir em uma votação promovida pela BBC em 2003²¹.

A filmografia produzida sobre a obra tornou-a ainda mais popular. Muitos descobriram Tolkien a partir daí, principalmente os mais jovens. O filme *O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei*, referente ao último volume da trilogia, produzido por Peter Jackson é o segundo longa-metragem mais visto da história do cinema²².

Além disso, verifica-se a repercussão de Tolkien não só na literatura, sendo que muitos autores de fantasia admitem terem sido inspirados pela obra tolkieniana, mas também em campos tão diferentes como música e jogos de interpretação (Role Playing Games - RPGs). O RPG *Dungeons & Dragons* (1974) e os que vieram depois dele constantemente são apontados como tendo grandes influências do mundo de Tolkien. Na música, várias bandas retiraram material das obras para compor seus trabalhos. A banda alemã *Blind Guardian* possui várias composições com temas da obra, inclusive um álbum inteiro (*Nightfall in Middle-Earth*) dedicado a Tolkien.

Talvez o que caracterize de maneira mais forte a importância e influência de Tolkien sejam as sociedades e grupos formados para o estudo, discussão e divulgação de sua obra. A *Tolkien Society*, fundada em 1969, foi a primeira delas. Sediada na Grã-Bretanha, essa sociedade conta com grupos e ligações em toda a Europa além de países como Brasil, Canadá, Estados Unidos, e até mesmo Paquistão e Taiwan.

No Brasil temos a Federação Tolkiendili Brasileira (FTB), que reúne vários grupos dedicados a Tolkien, e em especial ao seu *Legendarium*. A FTB é definida como

[...] um órgão que reúne as principais sociedades e comunidades brasileiras dedicadas à obra do escritor J.R.R. Tolkien. Criada no dia 12 de julho de 2003 sob o testemunho de associados do Conselho Branco, representantes da Na Toca do Hobbit, Heren Hyarmeno, Conselho Branco e Valinor, a FTB tem como objetivo divulgar o trabalho do Professor, estimular estudos e discussões sobre suas obras e promover a união entre seus fãs.²³

²⁰ Ibidem. p. 248-249

²¹ *Britânicos elegem 'O Senhor dos Anéis' melhor livro da história*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2003/12/031214_senhoron.shtml>. Acesso em: nov/2009.

²² *"O Retorno do Rei" é o 2º filme mais visto da história*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/02/040219_ringsfn.shtml>. Acesso em: Nov/2009.

²³ Texto de apresentação da FTB. Disponível em: <<http://www.hobbitcon.com.br/ftb.php>>. Acesso em: out/2008.

A Federação e os grupos que a compõem promovem estudo sobre a obra, promovem eventos de divulgação, encontros e discussões. Também há uma grande produção de textos e artigos sobre vários aspectos do mundo de Arda, especialmente interessante são os estudos sobre as línguas tolkienianas²⁴, especialmente o élfico. Sobre essas línguas foram publicados no Brasil dois livros²⁵ para o estudo do quenya e do sindarin, as línguas mais bem estruturadas de Tolkien, sobre as quais ele deixou mais informações.

O Senhor dos Anéis e os livros correlatos são tratados muitas vezes como infantis, mas lembremos que seus admiradores estão entre as mais diversas idades, e apenas o público mais jovem não formaria sociedades do porte da Tolkien Society britânica. Seria então o caso de tomarmos essas pessoas como alienados, ou adolescentes e adultos infantilizados? Passemos a um rápido exame no quadro de membros organizadores e colaboradores ativos da comunidade Valinor²⁶. Dentre eles temos uma diversidade de profissionais, com níveis de formação variados. Temos analistas de sistemas, historiadores, escritores, profissionais da área de línguas, professores. Não dizemos aqui que seja um interesse predominantemente adulto, mas antes procuramos salientar a diversidade do público que se interessa pela obra tolkieniana. Lembremos também do alcance exercido por Tolkien em outras áreas.

É esse enorme interesse sobre a obra, somado ao grande volume de críticas escritas e a atenção despertada sobre a mesma, que suscita as indagações presentes neste trabalho. Por que uma obra aparentemente desarticulada da literatura de sua época, considerada uma forma literária marginal e inferior, que recupera temáticas relativas a tempos antigos, como a medievalidade européia ocidental, alcança um acolhimento tão grande em meio ao público contemporâneo? Afinal, como afirma Michael White, quando os livros foram publicados em 1950, eram anacrônicos em relação a sua própria época, sendo considerado muitas vezes como obsoletos. Numa sociedade altamente

²⁴ Segundo o site *Ardalambion*, dedicado as línguas de Tolkien, “se considerarmos as versões ‘históricas’ das línguas que são relevantes para a forma clássica dos mitos de Arda, Tolkien desenvolveu 2 idiomas que são vagamente ‘utilizáveis’ (no sentido de que você pode compor texto longos ao evitar deliberadamente as lacunas no nosso conhecimento); nomeou aproximadamente de 8 a 10 outros idiomas que possuem um mínimo de substância real mas não são de qualquer modo utilizáveis; forneceu *meros fragmentos* de pelo menos 4 outros idiomas, e *aludiu a* numerosos outros idiomas que ou são inteiramente fictícios ou possuem um vocabulário de apenas uma ou algumas palavras reais. Disponível em: <<http://www.ardalambion.com.br/quantos-idiomias-j.-r.-r.-tolkien-criou.html>>. Acesso em: Nov/2008,

²⁵ *Curso de Quenya - A Mais Bela Língua dos Elfos* de Helge Fauskanger (atualmente esgotado) e *Curso de Sindarin* de Thorsten Renk, lançado em 2008, ambos lançados no Brasil pela Editora Arte e Letra. Ver Anexo 1.

²⁶ Valinor é uma das maiores comunidades sobre Tolkien dopais. Informações retiradas do site Valinor: <www.valinor.com.br> Acesso em: out/2008.

tecnológica e industrializada, regida pelos preceitos da ciência racional do que valeria um rei guerreiro como Aragorn, ou o encantamento dos elfos? Quais características estariam contidas na obra de Tolkien, em específico em *O Senhor dos Anéis*, que atrairia tanto a atenção de uma audiência moderna? Seriam os temas abordados que tocariam de alguma forma a sensibilidade desse público?

Tolkien, ao conceber uma atmosfera “medieval maravilhosa” para o seu mundo ficcional, recuperando ambientações, figuras e valores, estaria montando por meio deles um quadro que vem ao encontro de anseios atuais? Nesse sentido, teriam os traços medievais presentes nos livros alguma relação com esse fascínio? A relação parece não se dar de maneira tão direta e simples, mas acreditamos que esse ponto de vista abra caminhos possíveis.

Esta pesquisa se propõe, portanto, a pensar sobre essas questões e para isso elegemos o estudo da obra *O Senhor dos Anéis*, tanto pelo conteúdo da obra em si quanto por sua repercussão. Acreditamos ser possível entender essa reação do público contemporâneo frente a uma obra como essa, e para isso pretendemos nos deter em alguns aspectos da obra.

Sendo esta uma pesquisa desenvolvida no campo da historiografia, propomos o estudo do imaginário medieval; valores, crenças e concepções que fizeram parte da realidade dos homens daquele tempo e que de alguma forma aparecem na obra mesmo que de forma reelaborada. Acreditamos que a análise de algumas dessas reconstruções seja um caminho viável para a resposta das questões a que nos propomos. A recuperação de elementos de um passado em uma obra que encontra tamanha resposta junto ao público pode nos esclarecer sobre os anseios de nosso presente.

Para isso, lançaremos um olhar sobre a sociedade contemporânea, a fim de poder compreender os modos de sentir e agir do indivíduo atual, e também como essa sociedade pensa a si mesma. Compreendendo um pouco mais sobre a sociedade hoje, será possível pensar de maneira mais adequada a aceitação de uma obra fundada em um passado fictício e maravilhoso.

A OBRA, A LITERATURA E A FANTASIA

O Senhor dos Anéis é estruturado em prólogo, seis livros que desenvolvem a narrativa, um conjunto de apêndices e mapas. A edição²⁷ que utilizamos para esta pesquisa conta ainda com prefácio do autor e nota à edição brasileira. Essa nota merece destaque por conter informações que reforçam a seriedade tanto do trabalho do autor como da tradução feita. Nela, encontram-se informações sobre a equipe de tradução e os parâmetros pelos quais esta foi feita. Notamos aqui uma preocupação acadêmica com o trabalho, algo interessante em uma obra a primeira vista considerada como literariamente marginal.

Tem-se ainda a tradução dos caracteres que adornam as páginas iniciais do livro. Esses caracteres são símbolos fonéticos referentes às línguas criadas por Tolkien. Assim temos:

O SENHOR DOS ANÉIS TRADUZIDO DO LIVRO VERMELHO/ do Marco Ocidental por John Reuel Tolkien. Aqui está contada a história da Guerra do Anel e do retorno do Rei conforme vista pelos hobbits.²⁸

Dessa forma, é clara desde o início a intenção do autor em atribuir a existência da obra a uma tradução, mesmo que fictícia, feita a partir de antigas fontes a que ele teria tido acesso. Essas fontes teriam merecido a mesma atenção e cuidados por parte do autor que aqueles dispensados a documentos não ficcionais. Percebemos, portanto, uma preocupação metodológica na obra mesmo que esta seja ficcional.

No prólogo, o autor procura localizar seu leitor fazendo um breve resumo dos acontecimentos passados em *O Hobbit*, livro anterior, cujos eventos narrados antecedem àqueles de *O Senhor dos Anéis*. Além disso, ele nos apresenta os hobbits, os personagens principais do livro, bem como suas características e hábitos:

²⁷TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis*. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Piseta, revisão técnica e consultoria Ronald Kyrmse. Edição Especial. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Utilizamos ao longo de todo o trabalho a edição comemorativa feita por ocasião do lançamento da produção cinematográfica da obra. Essa edição foi lançada em 2001 pela Martins Fontes Editora numa tiragem de 10.000 exemplares numerados. O conteúdo da obra em si é o mesmo das edições anteriores de volume único ou em três volumes, se diferencia apenas pelo material de produção, como capa dura e papel especial. Deste ponto em diante, a obra será sempre referenciada como SA (*O Senhor dos Anéis*), acrescentando-se seção (nota, apêndice etc.) ou livro, nome do capítulo o qual pertence o trecho e página onde se encontra o texto, considerando-se este volume único.

²⁸ SA, Nota à edição brasileira, p. V.

Os hobbits são um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranquilidade e uma boa terra lavrada. [...] São um povo pequeno, menores que os anões [...] Quanto aos hobbits do Condado, enfocados nesses contos, nos tempos de paz e prosperidade eram um povo alegre. [...] Em geral seus rostos eram mais simpáticos que bonitos; largos, com olhos brilhantes, bochechas vermelhas e bocas prontas para rir e comer e beber. [...] Eram hospitaleiros e adoravam festas e presentes, que ofereciam sem reservas e aceitavam com gosto.²⁹

O conjunto de apêndices traz um grande número de informações e detalhes sobre a narrativa e o mundo maior no qual ela se passa. Esses textos enriquecem a obra e são em grande parte responsáveis pela sensação de realidade da narrativa. São cronologias, árvores genealógicas, textos explicativos, normas de lingüística e fonologia, calendários e outros que acrescentam um nível de detalhes surpreendente espantoso ao mundo tolkieniano.

No prefácio, Tolkien discorre sobre as motivações para sua escrita e sobre o processo criativo, suas impressões acerca da recepção de sua obra, e as interpretações feitas sobre ela. Especialmente no que diz respeito a essas interpretações, Tolkien foi bem claro sobre o que pensava sobre elas: “Quanto a qualquer significado oculto ou ‘mensagem’ na intenção do autor estes não existem”³⁰.

As interpretações feitas sobre *O Senhor dos Anéis* são muito variadas e muitas delas apostam no significado alegórico da obra, especialmente em relação ao contexto histórico em que o trabalho foi produzido. Muitos teceram comentários relacionando o narrado na saga do Anel com os acontecimentos da Segunda Grande Guerra. Sauron e seus aliados, por exemplo, eram lidos como alegoria do Nazismo ou mesmo da União Soviética. O autor sempre foi muito enfático ao afirmar que não existiam outras motivações em seu trabalho a não ser “[...] o desejo de um contador de histórias de fazer uma história realmente longa, que prendesse a atenção dos leitores, que os divertisse, que os deliciasse e às vezes, quem sabe, os excitasse ou emocionasse profundamente”.³¹ A interpretação alegórica irritava Tolkien em especial. Ele negava veementemente qualquer sentido alegórico em sua obra, seja ele relativo às suas vivências pessoais, aos acontecimentos contemporâneos à escrita do livro ou a uma mensagem previamente implícita em seu texto. No prefácio ele deixa muito clara essa sua posição:

²⁹ SA, Prólogo, p.1-2

³⁰ SA, Prefácio, p. XIV.

³¹ Ibidem. p. XIV.

Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor.³²

Essas diversas interpretações e múltiplas leituras já feitas sobre a obra, desde análises no campo da literatura, da tradução e pseudotradução, da filosofia e até mesmo leituras feitas a partir do campo da psicologia, apontam para a grande complexidade da obra. Complexidade que também se apresenta quando olhamos para as características do texto enquanto objeto literário. Traçaremos aqui algumas considerações a respeito do assunto, não tanto a fim de classificar *O Senhor dos Anéis* dentre os gêneros textuais, mesmo porque não dispomos de um conhecimento teórico tão sólido nessa área para fazermos uma análise mais profunda, mas antes para mostrar algumas de suas características enquanto narrativa, salientando as diversas faces apresentadas pela obra. Não nos deteremos tanto em sua estrutura, mas antes em sua temática.

Em primeiro lugar, nos chama a atenção a presença dos elementos do épico. O texto trabalha com uma narrativa grandiosa, temas próximos às epopéias clássicas (guerra, morte, amor, superação, sacrifício). Segundo a definição de Soares, a epopéia se caracteriza por

[...] uma longa narrativa literária de caráter heróico, grandioso e de interesse nacional e social, ela apresenta, juntamente com todos os elementos narrativos (o narrado, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço, e tempo), uma “atmosfera maravilhosa” que, em torno de “acontecimentos históricos passados”, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se apresentar em prosa (como as canções de gestas medievais) ou em verso (como “Os Lusíadas”).³³

Com base nessa definição, podemos perceber que muitas dessas características estão presentes em *O Senhor dos Anéis*. A saga do anel certamente possui um forte caráter heróico e grandioso, se passando numa realidade de atmosfera de caráter maravilhoso³⁴. O tempo é um passado remoto no qual existiam seres maravilhosos, assim como os grandes feitos de heróis e deuses passados no tempo mítico da *Ilíada*. Quanto ao interesse nacional e social, talvez pudéssemos associar esses aspectos à

³² Ibidem. p. XV.

³³ SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo: Ática, 2007.p. 39.

³⁴ O termo maravilhoso sempre será empregado como conceito, e não como adjetivo.

intenção de Tolkien em desenvolver uma mitologia inglesa; no entanto, não é algo que se compare a importância da *Iliada* para a Grécia ou o *Kalevala* para a Finlândia.

Sendo um texto em prosa haveria uma aproximação maior com os “épicos medievais”, como as canções de gesta ou as novelas de cavalaria. Além da estrutura e da temática, *O Senhor dos Anéis* parece ter alguns elementos específicos desses textos. Como aponta Lin Carter, as *chanson de geste*:

[...] pegaram dos poetas clássicos as noções de personagens heróicos viajando e guerreando num mundo povoado por animais estranhos, povos curiosos e monstros fantásticos. Mas a isso acrescentaram vários elementos que também aparecem em Tolkien: armas cognominais – isto é, espadas famosas com nomes e histórias, como a Durindana de Rolando, a Joyeuse de Carlos Magno e a Colada e a Tizona do Cid. O elemento sobrenatural agora era fornecido não tanto pelos deuses pagãos, mas por elfos, fadas, anões e aparições fantasmagóricas. Talismãs mágicos, espadas e armaduras encantadas e coisas assim se tornaram populares.³⁵

Gostaríamos ainda de salientar a técnica narrativa do entrelaçamento comentada por Dircilene Gonçalves:

[...] o ‘entrelaçamento’ [...] é uma técnica narrativa medieval que visa oferecer uma visão ao mesmo tempo detalhada e panorâmica de um mundo completo em conflito e movimento, no qual muitas ações ocorrem simultaneamente para compor uma única ação.³⁶

Utilizada nos textos da época e retomada em *O Senhor dos Anéis*, o entrelaçamento permite que Tolkien desenvolva várias tramas paralelas e simultâneas ao mesmo tempo em que todas elas convirjam de uma forma ou outra para a construção da trama principal. Esse jogo desenvolve a dinâmica temporal e de ação da narrativa. Um exemplo claro é a alternância de foco no decorrer dos capítulos a partir do terceiro livro da trama. A trama passa a se desenrolar enfocando vários personagens em diferentes situações que contribuem para a formação do todo. Essa mudança de foco, no entanto, sempre permite ao leitor localizar o evento “pontual” no todo e sua participação neste. Ainda conforme a autora essa técnica era utilizada em textos como as *chanson de geste*.

³⁵ CARTER, Lin. *O senhor do Senhor dos Anéis: o mundo de Tolkien*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 129

³⁶ GONÇALVES, Dircilene. *Pseudotradução, Linguagem e Fantasia em O Senhor dos Anéis de J. R. R. Tolkien: princípios criativos da fantasia tolkieniana*. 229f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 95.

Além das semelhanças com essas obras é interessante notar as semelhanças entre a obra e os relatos de viajantes. De grande difusão na Idade Média, esses textos descreviam jornadas através de terras distantes e exóticas, empreendidas pelos viajantes tendo motivos diversos, como o comércio (Marco Polo³⁷), motivações religiosas (a Viagem de São Brandão³⁸) ou empreendimentos da coragem e aventura (as aventuras dos cavaleiros). Em todas elas, os viajantes atravessam mares, florestas e regiões inóspitas sempre se deparando com o maravilhoso. Para Vasconcellos, todas têm em comum “seqüências de encantamento”³⁹.

Semelhante a esses viajantes que narram suas experiências, a narrativa da obra é construída a partir da viagem e os feitos dos hobbits do Condado. A saga do Anel é em seu cerne a viagem de Frodo do Condado até a terrível Montanha da Perdição, passando por toda sorte de lugares e situações durante o trajeto, e por fim, sua volta. “Lá e de Volta outra Vez” como é dito no livro. Paralelamente a isso, muitos outros personagens percorrem longas distâncias, realizando suas próprias jornadas e acabam por se ver inseridos em “seqüências de encantamento”.

O viajante – tanto o personagem medieval como aqueles da ficção de Tolkien – tem por função trazer ao leitor o relato de suas experiências. Assim nos diz Vasconcellos daqueles que relatavam suas andanças na Idade Média:

O herói lendário [...] é um escolhido e, em suas andanças, o encontro com as maravilhas (objetos mágicos, seres espetaculares, lugares santos e/ou paradisíacos), e o bom sucesso ao lidar com elas sugere a extensão da virtude por ele encarnada. Imitá-lo será portando, participar da mesma atmosfera mágica ou miraculosa que ponteiava seu fazer e, assim, os textos onde se inscrevem tais aventuras funcionam, antes de tudo, como um convite ao leitor, desejoso também de uma compensação à banalidade de seu cotidiano. Pela lembrança da **viagem** – através da prática da leitura – o receptor torna-se contemporâneo do evento e iguala-se ao herói lendário.⁴⁰ [grifo da autora]

³⁷ O veneziano Marco Polo (1254 – 1324) partiu da Europa para os territórios orientais seguindo a rota da seda e relatou sua viagem na obra *O livro das maravilhas*, que se tornou importante fonte do conhecimento sobre a Ásia e regiões orientais do mundo para os europeus.

³⁸ São Brandão é um dos mais populares santos irlandeses. As viagens desse santo em direção ao oeste no oceano Atlântico, bem como a suposta ilha encontrada por ele (conhecida por Ilha de São Brandão ou Ilhas Afortunadas) veio a se somar a diversas tradições semelhantes na Idade Média de terras fabulosas. A *Navigatio Sancti Brendani* foi colocada em registro escrito no século X, sendo que a origem do texto em forma oral remonta ao século VI e VII. A obra se tornou uma das mais populares do período.

³⁹ VASCONCELLOS, Maria Elizabeth G. Aqueles Lendários Viajantes Medievais: Por Mares e Florestas, em Busca do Além. In: *Atas da III Semana de Estudos Medievais*. 1995, p. 5-12. Disponível em: <<http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AnaisIIISem.pdf>>. Acesso em: out/2008.

⁴⁰ Ibidem.

p. 5.

Os relatos de Marco Polo e Mandeville⁴¹ falavam de abundância e riqueza nas exóticas terras do Oriente, o que expunha, por exemplo, os desejos de um Ocidente europeu que passava por tempos de penúria. Os feitos dos nobres cavaleiros exaltavam os grandes feitos e as virtudes do bom cristão, modelos para o leitor. O relato, portanto, atualiza os eventos narrados, e se propõe a ir ao encontro dos anseios dos leitores. Essa reatualização da narrativa se aproxima da reatualização mítica, como observa Claude Kappler⁴². Notamos proximidades com a narrativa mítica, narrativa que por vezes se aproxima do épico. São muitos os temas da obra, encontrados no mito, tais como, morte, busca, ressurreição, sacrifício. O próprio fato de a narrativa se passar em uma época perdida do passado remonta a idéia de uma Idade de Ouro reelaborada.

Segundo Eliade, a narrativa mítica se caracteriza por ser a história das ações de entes divinos e/ou sobrenaturais que irrompem no mundo de forma a criar ou possibilitar a existência de algo. Para o autor, o “mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”⁴³. Essas ações divinas são modelos exemplares, guias para os homens daquelas sociedades que os originaram, que ao narrar o mito de forma cerimonial ou ritual vivenciam o mito novamente e participam do ato do ente divino. Além disso, essas histórias passadas no princípio do tempo são consideradas absolutamente verdadeiras e sagradas. Esse tempo do princípio é um tempo atemporal muitas vezes associado à Idade do Ouro.

O mito, o relato de viagem e a obra de Tolkien parecem ter em comum a capacidade de produzir no leitor uma identificação e uma aproximação de seus anseios a partir da reatualização dos fatos narrados por meio da leitura. Teriam os relatos dos hobbits de alguma maneira relação com anseios contemporâneos? A narrativa terá respostas ou algo semelhante para os anseios de quem a lê? Essa é uma questão fundamental para o nosso trabalho e tentaremos obter respostas a essa indagação mais adiante.

⁴¹ *Viagens de Jean de Mandeville* ou *Livro das Maravilhas do Mundo* de 1356 -1357. Essa obra, cujas discussões sobre a identidade do autor (Jeand Mandeville) não são conclusivas, obteve enorme repercussão no final do século XIV continuando pelos séculos XV e XVI. Alimentando o gosto pela maravilha cultivado na época, o autor reuniu em sua obra o material de vários autores a fim de guiar o leitor pelas diversas regiões do mundo então conhecido, elencando as *mirabilia* presentes em cada uma delas.

⁴² Para uma discussão mais profunda e detalhada do relato de viagem, bem como de suas aproximações com a narrativa mítica ver KAPPLER, Claude. *Monstruos, demonios y maravillas a fines de La Edad Media*. Madrid: Akal, 1986.

⁴³ ELIADE Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 22.

Outra característica marcante presente na obra, como dissemos, bem como em toda a produção de Tolkien, é a atmosfera do fantástico, mágico, ou maravilhoso. Muitos adjetivos que podem provocar confusão. O que seria o fantástico? Tzvetan Todorov procura precisar esse domínio.

Para ele o fantástico é um gênero evanescente situado entre o estranho e o maravilhoso. Na literatura fantástica, a explicação para os fatos que se sucedem se alternam entre uma explicação segundo as leis naturais do mundo e uma explicação sobrenatural. O fantástico existe enquanto a hesitação se faz presente, “‘cheguei quase a acreditar’: eis a fórmula que resume o espírito do fantástico [...]. é a hesitação que lhe dá vida”⁴⁴. Essa hesitação não é somente do personagem, para Todorov é fundamental que seja sentida pelo leitor. Se ao fim do conto a hesitação é resolvida e a explicação é dada, o fantástico se desfaz, passando aos domínios vizinhos, seja o estranho, seja o maravilhoso.

Parece, então, não ser esse o caso que mais se aproxima a *O Senhor dos Anéis*. A narrativa se passa, ela mesma, em uma realidade própria, portanto com regras próprias. Não há um sobrenatural estranho, há sem dúvida o maravilhoso e o exótico sentido pelos personagens. Mas estes fazem parte da ordem natural dessa realidade. Não há um fantástico na definição de Todorov, em nossa opinião há antes um maravilhoso, um encantamento.

A obra de Tolkien seria antes o que muitos chamam de fantasia, ou fantasia moderna. Essa fantasia teria sido desenvolvida por autores como Lewis⁴⁵, e o próprio Tolkien. Para Causo⁴⁶, a obra tolkieniana estaria dentro daquilo que ele denomina ficção especulativa, categoria que compreende a ficção científica, o terror e a fantasia. Mas essas três instâncias freqüentemente podem, a nosso ver, se aproximar e se mesclar. A definição, portanto, parece sempre imprecisa. Talvez fosse mais pertinente a abordagem de Held:

⁴⁴ TODOROV, Tzvetan. *Introdução a literatura fantástica*. São Paulo: 1975, p.36.

⁴⁵ C. S. Lewis, autor da série as *Crônicas de Nárnia*. Lewis foi amigo próximo de Tolkien e também professor em Oxford.

⁴⁶ Roberto de Sousa Causo em seu trabalho *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950* trabalha com essa produção geralmente considerada subliterária pelo meio acadêmico. O autor chama atenção para o estudo dessas obras, um estudo pertinente, pois elas podem dizer muito a respeito da época e do meio que as produziram, assim como as obras consideradas mais dignas de atenção. Informações obtidas em COSTA, V. A. A. A pertinência do irreal: reconhecendo faces Inexploradas na ficção especulativa. In: *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n. 62, jan./abr. 2004, pp. 81-95.

Digamos apenas, em primeira abordagem, que pertencerá à literatura fantástica toda obra na qual a temática, situação, atmosfera, mesmo linguagem, ou tudo isso junto, nos introduzirão num outro mundo que não o da percepção comum, diferente, estrangeiro, estranho, que nos permite voltar, pouco a pouco, ao longo da reflexão, a esses diferentes componentes.⁴⁷

Uma tentativa de definição ampla, que permite comportar os subgêneros apresentados por Causo e suas variações. As definições parecem sempre imprecisas e pouco proveitosas nesse caso. Assim é interessante trazer para a discussão a opinião do próprio autor, pois Tolkien não só escreveu esse tipo de literatura como também teorizou sobre ela. E fez isso principalmente num belíssimo texto intitulado *Sobre histórias de fadas*. Nessa obra, Tolkien expõe sua opinião sobre esse tipo de literatura e também nos revela os princípios de seu processo criativo.

Nesse texto, Tolkien se propõe a tentativa de responder três questões: O que são as histórias de fadas? Qual sua origem? Para que servem? Responder a essas questões seria algo difícil e perigoso, pois implica em se aventurar por *Faërie*, o Belo Reino, de onde as histórias teriam sua origem, cuja natureza é algo impossível de ser compreendido em sua totalidade.

Em resumo, para o autor, as histórias de fadas se passariam no Belo Reino e na interação dos homens com ele e com seus habitantes. Portanto, a história de fadas seria mais a respeito dos homens do que sobre os seres encantados. Assim, as histórias de viajantes não seriam histórias de fadas por não se passarem no Belo Reino, mas sim em nosso próprio mundo; bem como as fábulas de animais, pois nelas não há homens.

O autor situa a origem desses contos e histórias como ligados intimamente à linguagem humana. Ele destaca o poder criativo do adjetivo demonstrando como a linguagem exerce esse papel:

Podemos pôr um verde mortal no rosto de um homem e produzir horror, podemos fazer reluzir a rara e terrível lua azul, ou podemos fazer com que os bosques irrompam em folhas de prata e os carneiros tenham pelagem de ouro, e pôr fogo quente no ventre do réptil frio. Mas numa “fantasia”, tal como a chamamos, surge uma nova forma: O Belo Reino vem à tona, o Homem se torna subcriador.⁴⁸

⁴⁷ HELD, Jacqueline. O que é o fantástico? Uma primeira abordagem. In: *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980, p. 30.

⁴⁸ TOLKIEN, J. R. R. *Sobre histórias de fadas*. Tradução Ronald Kyrmse. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006, p. 28-29.

Subcriação: conceito chave para compreender toda a teoria de Tolkien. A partir da linguagem, o homem altera o mundo a sua volta e subcria uma nova realidade. Subcriador do que ele chama de mundo secundário. O mundo primário, ou seja, nosso próprio mundo, serve de base e fornece o material para esse mundo secundário. Nesse sentido, ao contrário do que se pensa, uma obra de fantasia não nega e nem se afasta radicalmente do real. Só é possível se conceber o centauro porque no mundo primário existem cavalos e homens. A fantasia parte deste real, e a partir dele é construída.

O mundo subcriado possui regras e dinâmicas próprias com sua própria lógica interna. E nesse ponto que discutimos a questão de realidade e existência. Tolkien considera a criação desse tipo de obra como arte e essa arte deve promover naquele que lê uma “suspensão da incredulidade”, ou seja, durante o tempo que o leitor se dedica a obra ele deve crer naquela subrealidade. Adentramos naquele mundo e ele nos faz sentido. Se esse feito não é conseguido, ou se durante a narrativa essa qualidade se perde, a arte fracassa. Quando temos um mundo secundário bem sucedido esse efeito não se desvanece. É verdade? “Se você construiu bem seu pequeno mundo, sim, é verdade nesse mundo” ⁴⁹.

A partir dessas concepções de criação Tolkien fez um trabalho incrivelmente detalhista e de um perfeccionismo exaustivo. Atribuir a existência da narrativa a um trabalho de tradução faz com que uma aura de veracidade se forme em torno da obra. O item II do Apêndice F de *O Senhor dos Anéis* é denominado *Da tradução* e é dedicado a explicar como a suposta tradução teria sido feita:

Ao apresentar a matéria do Livro Vermelho como história para ser lida por pessoas da atualidade, a totalidade do ambiente linguístico foi traduzida, até onde isso era possível, em termos de nossos tempos. Apenas os idiomas alheios à Língua Geral foram mantidos em suas formas originais, mas essas aparecem principalmente em antropônimos e topônimos. A Língua Geral, como a linguagem dos hobbits e de suas narrativas, foi inevitavelmente vertida para o nosso idioma. ⁵⁰

O material do fictício Livro Vermelho teria sido escrito na igualmente fictícia Língua Geral, utilizada pelos autores hobbits. Dessa maneira, o autor a traduziu para o inglês (idioma contemporâneo, como ele comenta), as demais línguas e variantes foram mantidas quando possíveis. Esse texto explicativo é fundamental para essa tradução fictícia.

⁴⁹ Ibidem, p. 79.

⁵⁰ SA, Apêndice F, p. 1196.

Dessa maneira, seguindo a análise de Dircilene Gonçalves, temos os conceitos de pseudotradução e tradutor fictício como conceitos centrais para a criação de uma realidade fictícia entre o limiar de fantasia e realidade. O advento de um tradutor fictício (Autor/Tolkien) permite que essa pseudotradução seja realizada, ou seja, a narrativa é fruto de uma suposta tradução feita de fontes documentais também supostamente reais. A autora vai além e propõe a obra não exatamente como uma pseudotradução, mas como uma tradução fictícia:

[...] acreditamos que “pseudotradução” não seja um termo adequado para nos referirmos a *O Senhor dos Anéis*. Uma designação mais apropriada é Tradução Fictícia. [...] há uma diferença fundamental entre os dois, presente nos próprios nomes: um é pseudo – uma falsificação dentro da realidade – o outro é ficção – a criação de uma realidade.⁵¹

Por sua lógica, complexidade e “pano de fundo histórico” esse mundo fictício “poderia ter estado lá”. Esse “poderia ter estado lá” remete ao conceito de realidade-asterisco, também discutido pela autora, a partir do conceito de palavra-asterisco existente em filologia. Essa palavra-asterisco é uma palavra que o filólogo supõe ter existido a partir de indícios lingüísticos de época e outras ferramentas filológicas. Não se têm provas definitivas de que o vocábulo tenha sido real, mas é bem possível que tenha existido. Da mesma forma, a autora diz que a ficção tolkieniana não foi real, mas poderia ter existido. Para Gonçalves, essa seria a aproximação entre o fantástico de Tolkien e o conceito de fantástico de Todorov, a hesitação se daria na sensação de realidade produzida pela narrativa.

Tolkien desenvolve um contexto histórico para sua trama, mas, ao mesmo tempo, por exemplo, deixa lacunas propositais, indicando informações não conhecidas ou perdidas, o que era de se esperar de um relato real. As variações lingüísticas, a narrativa entrelaçada que vai se complementando com o relato de vários personagens, as diferenças de cultura, a recordação freqüente de um passado e da memória, e o material fornecido pelos apêndices ajudam a construir essa sensação de verossimilhança.

Esses recursos que aproximam a ficção da realidade permitiram que comentadores de Tolkien pudessem até mesmo especular sobre possíveis encaixes dos eventos da Terra-média na história da humanidade. Ronald Kyrmse sugere, por

⁵¹ GONÇALVES, Dircilene. *Pseudotradução, Linguagem e Fantasia em O Senhor dos Anéis de J. R. R. Tolkien*: princípios criativos da fantasia tolkieniana. 229f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 77.

exemplo, que os eventos da Guerra do Anel se passariam mais ou menos 2300 anos antes do dilúvio bíblico. Em *The Lost Road*, um dos textos de Tolkien publicados postumamente, o autor chega a ensaiar uma ligação entre a História da humanidade e a história de sua Terra-média, no entanto é um texto não finalizado.

Estudamos, portanto, uma obra proposta como um mundo secundário, paralelo. Um texto para ser lido a partir do estabelecimento de uma crença secundária por parte do leitor. Já que é assim, utilizaremos o termo história também com relação aos eventos desenrolados no universo tolkieniano. Encararemos a Terra-média a partir da suspensão de nossa incredulidade para melhor compreendê-la.

ENTRE ICONOGRAFIA E CLIENTELA

O trabalho a que nos propomos consiste, em um primeiro momento, no exame da obra observando como a construção e dinâmica do mundo ficcional construído pelo autor traz reconstruções e apropriações de concepções do homem do ocidente medieval. O leitor é remetido a uma realidade alternativa, e esta será examinada aqui a fim de se encontrar o que chamaremos de “traços de medievalidade”. Este é um procedimento instigante, porém intrincado. Para nos auxiliar, achamos interessante o método de trabalho desenvolvido por Carlo Ginzburg em *Indagações sobre Piero*. Neste livro Ginzburg expõe o desafio que enfrenta elegendo por tema de estudo um objeto artístico. Assim ele diz que:

Nestas páginas analiso algumas das obras maiores de Piero della Francesca – o Batismo de Cristo, a Flagelação e o Ciclo de Arezzo – sob um duplo ponto de vista: a clientela e a iconografia. Não me refiro aos aspectos propriamente formais destas pinturas, porque me falta a devida competência (sou um estudioso de história, não de história da arte). Trata-se de uma limitação grave. Pode uma pesquisa assim circunscrita atingir resultados relevantes?⁵²

Ginzburg acredita ser possível realizar um bom trabalho mesmo com essas limitações. Compartilhamos de sua opinião e pretendemos seguir um caminho semelhante. Da mesma forma nos vemos limitados. Esta pesquisa se faz no campo da historiografia, não dispondo de domínio sobre o campo literário, uma análise formal de nosso objeto estará certamente comprometida. Além disso, assim como as pinturas de *Piero della Francesca*, a interpretação de uma obra como *O Senhor dos Anéis* é complicada e pode ser tortuosa.

Já colocamos em questão as várias interpretações acerca da obra, salientando o caráter muitas vezes alegórico atribuído ao texto e o repúdio do autor por essas leituras. Dessa forma, a interpretação de uma obra como essa é múltipla e não se esgota, ao mesmo tempo em que tentar decifrá-la em sua essência será algo infrutífero, talvez nem mesmo possível. Os objetos literários parecem de uma forma ou outra carregar essas características, como diz Todorov “é próprio da literatura ser interpretada e reinterpretada infinitamente pelos seus leitores”⁵³. Assim, temos de optar por um

⁵² GINZBURG, Carlo. *Indagações sobre Piero: o Batismo, o Ciclo de Arezzo, a Flagelação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 17.

⁵³ TODOROV, Tzvetan. *Introdução a literatura fantástica*. São Paulo: 1975, p. 81.

caminho para guiar nosso olhar e pretendemos aqui nos alinhar ao que propôs o autor e não considerar a obra como alegórica, seguiremos de forma predominante ao longo desse trabalho, a *aplicabilidade* proposta por Tolkien em seu prefácio. Não se trata aqui de desconsiderar totalmente outras visões ou apoiar ou justificar o autor, mas antes optar por uma leitura mais interessante para nossos objetivos. Por meio desse olhar buscaremos depreender os “traços de medievalidade”.

Esse será o exame de nossa “iconografia”, nos debruçaremos primeiramente sobre a obra, semelhante ao que Ginzburg fez com as obras de Piero. Se Ginzburg se deteve em analisar os traços de estilo de Piero, das marcas de suas obras e demais características iconográficas que se devem levar em conta ao se analisar uma obra, faremos algo semelhante. Não nos deteremos nas características estruturais ou literárias da obra enquanto objeto literário, procuraremos antes examinar os traços de medievalidade, ou seja, valores, concepções e visões de mundo do homem medieval que aparecem na obra mesmo que se apresentem de forma recriada.

Acreditamos que a literatura pode dizer muito a respeito dos homens que a produzem e lêem. Por meio dela, as angústias e anseios humanos são retratados e discutidos. A história também fala dos anseios dos homens, mas a literatura exerce esse papel talvez de maneira mais bem-sucedida. Pois se a literatura se permite falar dos sentimentos, a história se inibe em nome da produção de conhecimento científico. Depois que a validade do conhecimento produzido pela disciplina foi colocada em dúvida por autores como Hayden White, os historiadores tenderam a se entrincheirar e manter uma distância segura da narrativa literária. Nós historiadores utilizamos as obras literárias no máximo como fontes de nosso trabalho, sempre de forma muito temerosa, guardando para que o domínio literário não invada nosso espaço delimitado.

Seria incoerente uma abordagem dessas aplicada a uma obra que propõe em certa medida a abolição parcial entre real e fictício e, conseqüentemente, entre história e ficção/literatura. Propomos, aqui, um uso da literatura não como apenas como fonte, mas como uma área que nos possibilita pensar e levantar questões sobre os homens e seu tempo. Assim seguimos as reflexões de Durval Muniz⁵⁴ que aponta essa desconfiança com a literatura e os benefícios de se romper com essa linha de pensamento.

⁵⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.

Por último, nos deteremos nos anseios da “clientela”, ou seja, a partir da grande recepção da obra pelo público contemporâneo levantaremos hipóteses a fim de explicar os porquês dessa grande aceitação. Se a clientela de Piero lhe encomendou suas obras, com Tolkien a relação se dá de forma inversa. Seu público se forma principalmente depois do lançamento de seus livros, em especial depois de *O Senhor dos Anéis*.

UM MEDIEVO IMAGINADO

A Estrada em frente vai seguindo
Deixando a porta onde começa.
Agora longe já vai indo,
Devo seguir, nada me impeça;
Em seu encalço vão meus pés,
Até a junção com a grande estrada,
De muitas sendas através.
Que vem depois? Não sei mais nada.⁵⁵

Passemos à realidade da trama, onde se desenrola a narrativa. Estamos na Terra-média, uma vasta região compreendida entre um grande mar a oeste e terras longínquas e pouco conhecidas ao sul e leste⁵⁶. Além desses limites ela se prolonga, no entanto além estão terras longínquas, desconhecidas aos personagens.

Habitando essa terra, temos diversos povos e suas culturas. Os homens se espalham por vilas e pequenos povoados, mas raramente há uma cidade ou fortificação maior. Os reinos mais importantes em nossa narrativa são Rohan, a terra dos cavaleiros, e Gondor, de cuja capital fortificada, Minas Tirith, os homens resistem ao avanço dos ataques do Inimigo. Outrora a mais forte monarquia da Terra-média, no tempo da narrativa, a linhagem real quase se perdeu, o reino é governado pela casa dos regentes enquanto espera o retorno de seu rei.

Entretanto, os homens não são os únicos seres inteligentes a habitarem esse mundo. Abaixo das montanhas os anões escavam seus túneis, erigindo grandiosidades sob a pedra, em busca dos tesouros da terra. Os belos e sábios elfos, apesar de rarearem pelo mundo, ainda vivem em terras semi-encantadas como Valfenda e Lothlórien, a floresta dourada. Uma raça mais antiga que a dos homens, imortal, portadores da luz e de dons fabulosos. Por fim, temos os simpáticos hobbits, habitando o Condado. Um povo agrícola e simples, os hobbits não se preocupam com o que se passa além de suas fronteiras, limitando-se aos seus próprios assuntos, tais como a lavoura ou manutenção de seus jardins.

Mas não só de povos “civilizados” é habitada essa terra. Os orcs espreitam nas montanhas e nas regiões sombrias. Povos rústicos e “bárbaros” proliferam nas terras ermas e distantes, a leste e ao sul. A regional oriental de Khand, e reinos distantes ao sul como Umbar, são vistos como exóticos, e por vezes habitados por homens malignos e

⁵⁵ SA, Livro I, Uma festa muito esperada, p. 36.

⁵⁶ Ver Figura 1 e 2, p. 38 e 39.

cruéis. No interior, nos vastos caminhos entre uma vila e outra, sombras e ameaças espreitam. O perigo do estrangeiro coexiste com os perigos internos. E acima de todos eles, por vezes aquele que comanda as outras ameaças, está o Inimigo. Sauron, o Senhor do Escuro, o Inimigo dos povos livres da Terra-média, aquele que no passado quase cobriu tudo com sua Sombra. Estabelecido em Mordor, ao sul de Gondor, Sauron se levanta novamente.

Nesse contexto, é formada a Sociedade do Anel para por fim a ameaça que paira sobre essa terra. E “a Comitativa do Anel deverá ser composta de Nove; e os Nove Andantes devem ser colocados contra os Nove Cavaleiros, que são maus”, os piores servos do Inimigo que perseguirão o grupo avidamente. Como portador do Anel, vai Frodo, seguido por Sam seu “fiel servidor”. O mago Gandalf segue junto deles “pois esta será sua maior tarefa, e talvez o fim de seus trabalhos”. Legolas, o elfo, Gimli, o anão, e os homens Aragorn e Boromir “devem representar os Povos Livres do Mundo: elfos, anões e homens”. Por fim temos Merry e Pippin, hobbits amigos de Frodo, que “[...] se entendessem o perigo não ousariam ir. Mas ainda assim desejariam ir, ou desejariam ousar, [...] nessa questão seria bom confiar mais na grande amizade deles do que na grande sabedoria” ⁵⁷. Amizade e união que pouco a pouco crescem entre os membros da comitativa ligando-os por meio de laços para vida toda.

O objetivo da Sociedade é chegar até a Montanha da Perdição, “caminhar em direção ao perigo – para Mordor. [...] enviar o Anel para o Fogo” ⁵⁸. Jogar o Anel no fogo do qual foi feito a fim de destruí-lo. Sua destruição será o fim de Sauron, cujo poder está fortemente relacionado a existência do objeto. Essa é a Terra-média na qual a história de passa.

Se as características da Terra-média forem observadas com mais atenção, encontraremos muitos pontos de aproximação com o que chamamos de Ocidente Medieval. Não só a organização da Europa durante a Idade Média, mas as concepções de mundo mentalmente elaboradas pelos homens daquele período encontram ressonâncias na Terra-média elaborada por Tolkien. Concepções mentais estas presentes por toda a obra, aparentemente retomadas e reelaboradas pelo autor de *O Senhor dos Anéis*. Para isso nos valem as reflexões de Le Goff⁵⁹ sobre o imaginário e a abordagem do autor sobre o tema. O imaginário social, como a palavra indica, diz

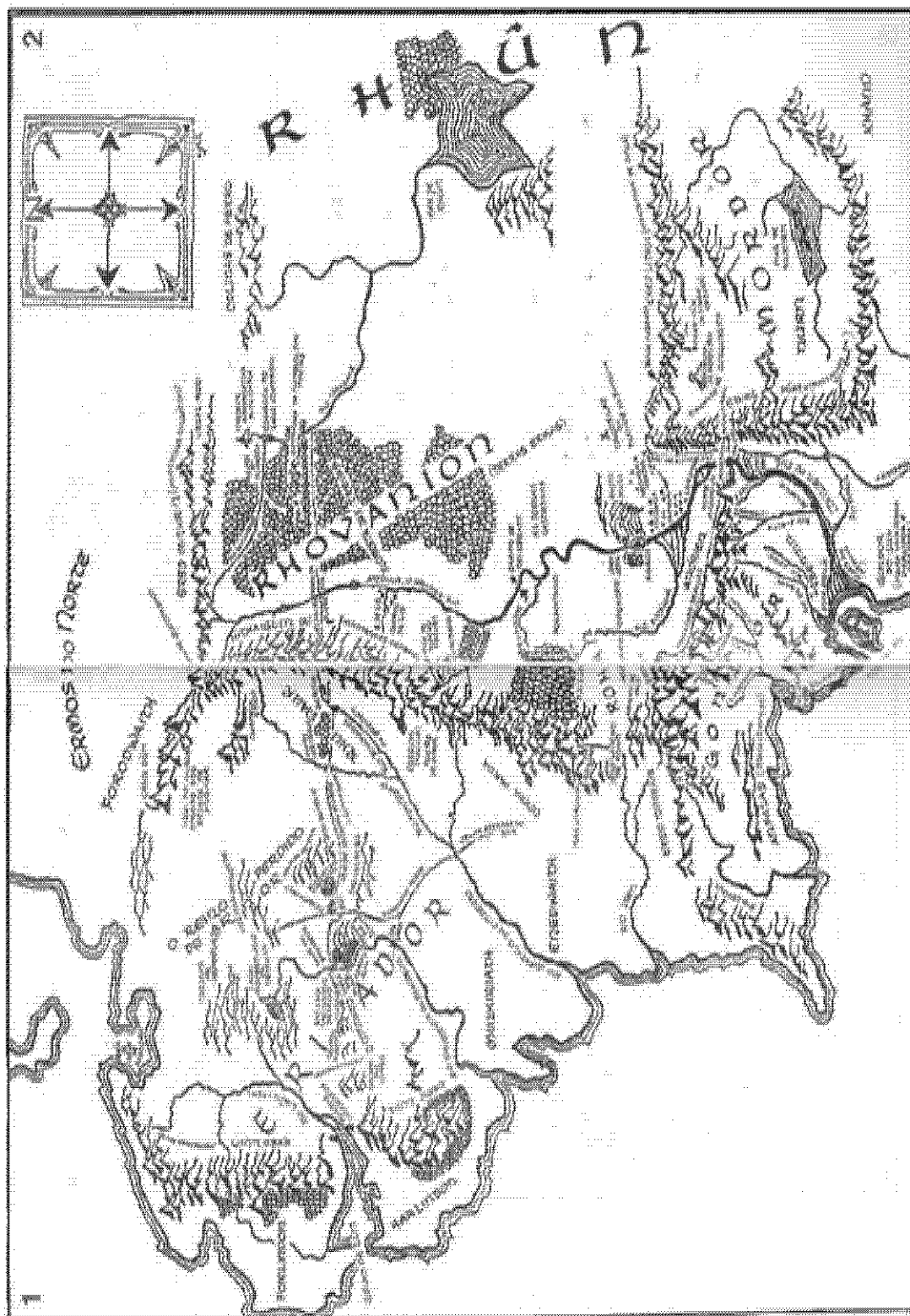
⁵⁷ SA, Livro II, O Anel vai para o Sul, p. 287.

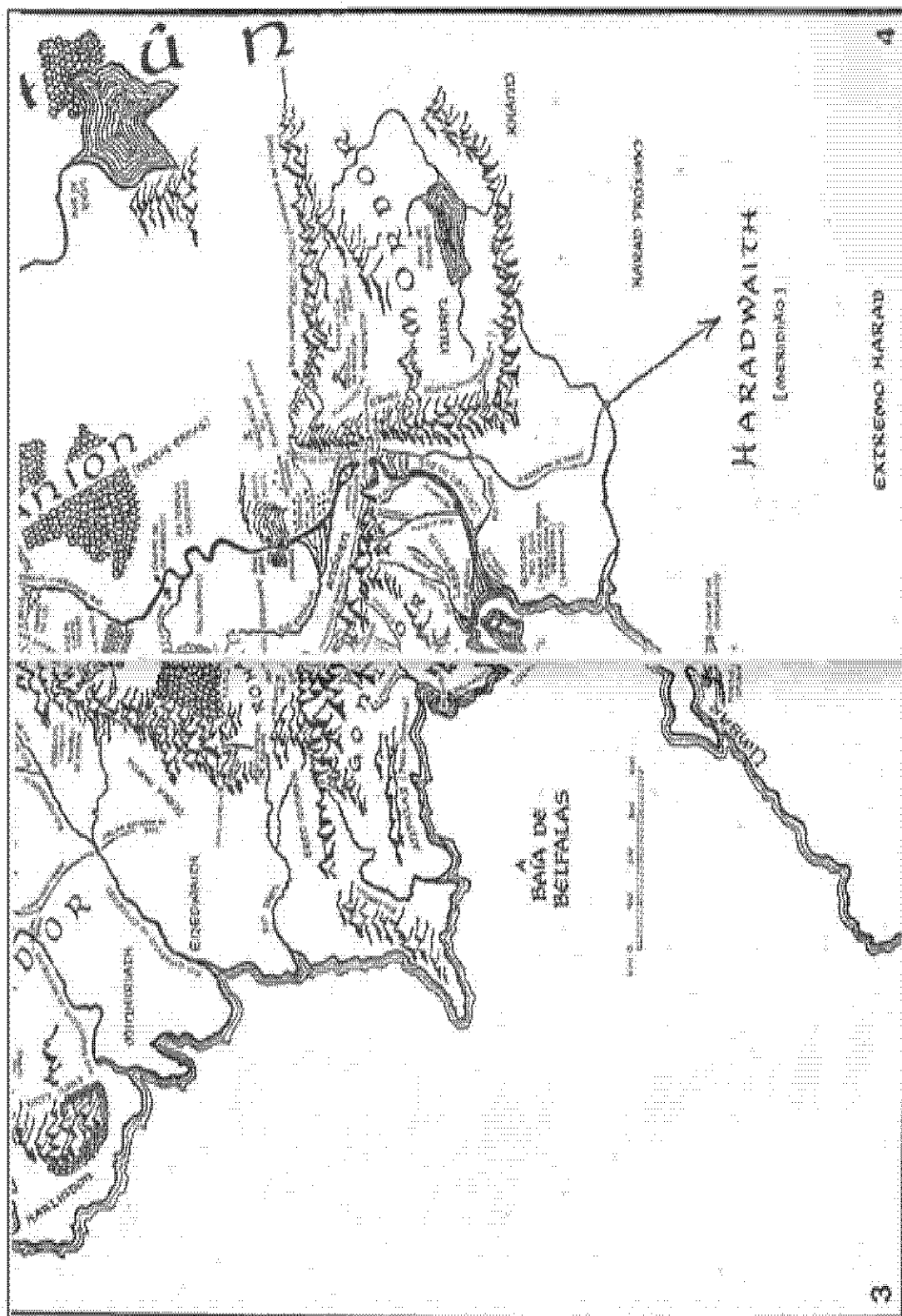
⁵⁸ SA, Livro II, O Conselho de Elrond, p. 277.

⁵⁹ LE GOFF, Jacques. Prefácio da 1ª Edição. In: *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994.

respeito a imagens mentais, a representações de mundo que são produzidas pelas sociedades e partilhadas coletivamente, guardando claro suas especificidades nos diversos grupos sociais. São elaboradas a partir do real e situam o sujeito histórico no mundo e orientam a sua percepção e ação no mesmo.

Começaremos, assim, a análise do que denominamos serem os traços de medievalidade presentes na obra. Por meio da suspensão da incredulidade defendida pelo autor vamos entrar no mundo tolkieniano. Façamos uma viagem por essas terras, vejamos com maiores detalhes o que o mundo de Tolkien contém e em que medida o medieval “real” se aproxima a esse medieval “imaginário”. Analisando e discutindo alguns desses tópicos, mesmo que por vezes de maneira rápida e panorâmica, objetivamos encontrar elementos que possam nos esclarecer sobre o segundo momento de nossa abordagem, a recepção da obra.





TERRA-MÉDIA: VIAGEM PELA GEOGRAFIA MEDIEVAL IMAGINADA

Havia rumores sobre coisas estranhas acontecendo no mundo lá fora [...] ⁶⁰

Começaremos do Condado, região habitada pelos hobbits, também onde se desencadeiam os acontecimentos da trama. O Condado é uma região a oeste da Terra-média, um lugar de terras férteis, pequenas florestas e cursos d'água. Os campos cultivados predominam na paisagem e em meio a eles temos pequenos povoados como a Vila dos Hobbits. Os hobbits são um povo pacífico e de hábitos simples, avessos a conflitos, sendo próximos a terra e seu cultivo.

Saindo do Condado, encontramos na maioria homens e ocasionalmente anões e, mais raramente, elfos. Próximo ao Condado, o povoado mais expressivo é Bri, uma aldeia formada no pé de uma colina:

Bri era a aldeia mais importante daquela região, que era pequena e pouco habitada, semelhante a uma ilha cercada por terras desertas. Além da própria aldeia de Bri, havia Estrado do outro lado da colina; Valão, num vale profundo um pouco mais a leste, e Archet, na beirada da floresta Chet. Ao redor da colina de Bri e das aldeias, havia um pequeno campo de plantações e de matas exploradas, cuja largura era de apenas algumas milhas. ⁶¹

A região segue os elementos da organização do Condado, povoações em meio a áreas cultivadas e regiões semi-selvagens. Essas características espaciais se mantêm por toda Terra-média, grandes extensões florestais ou selvagens cercando aqui e ali núcleos populacionais, sejam aldeias simples ou cidades e centros mais sofisticados. Temos assim Esgaroth a nordeste, Edoras, sede do reino de Rohan e as aldeias em seu entorno, as cidades da Gondor e finalmente sua capital, Minas Tirith.

Essas características, povoados esparsos com terras cultivadas em meio a regiões desertas e ainda “selvagens”, como prados e florestas, nos faz lembrar o ocidente medieval. A Europa no período medieval conheceu uma disposição humana no espaço bem semelhante. Grande parte da população se estabeleceu nos campos, cultivando áreas que apareciam como grandes clareiras em meio às florestas. O ocidente medieval por muito tempo foi “[...] um aglomerado, uma justaposição de domínios, castelos e

⁶⁰ SA, Livro I, A Sombra do Passado, p. 44.

⁶¹ SA, Livro I, No Pônei Saltitante, p. 154.

idades que iam surgindo no meio de extensões incultas e desertas”⁶². No entanto, não devemos esquecer que as cidades nunca desapareceram do cenário da cristandade medieval, se por certo tempo conheceram um declínio, mais tarde voltaram a florescer. Chama atenção a posição que o povoado ocupa, como tantas outras cidades medievais Bri está numa confluência de caminhos:

Bri ficava num velho entroncamento de caminhos; uma outra estrada antiga cruzava a Estrada leste, [...] e nos primeiros tempos homens e outras pessoas de vários tipos tinham viajado muito por ela. Ainda existia na Quarta Leste: o dito popular: Estranho como as notícias que vêm de Bri, que descendia daqueles dias quando as novidades do norte, sul e leste podiam ser ouvidas na estalagem [...].⁶³

Caminhos esses que se mostravam precários e pouco facilitadores do intercâmbio entre as regiões. Essa outra estrada que passava pela cidade era conhecida por Caminho Verde, pois estava coberta de mato pelo pouco uso. A circulação entre as regiões não é fácil, resta ao viajante caminhar ou seguir a cavalo por rotas pouco conservadas.

Além disso, há o perigo na estrada: bandidos, saqueadores e ameaças malignas vindas das sombras, na figura de servos de Sauron. Uma descrição válida também para as viagens no interior da cristandade medieval, no que se refere também ao medo da escuridão. Se estes não são efetivamente reais, não são menos temidos, principalmente quando sobrevém noite. Delumeau⁶⁴ aponta o medo da noite e com que intensidade esta era sentida no começo dos tempos modernos, sentimento que não está ausente entre os medievos. A noite é o momento em que agem os homens com más intenções, assassinos e adúlteros, assim como a hora preferida do Diabo. Era necessário, pois, proteção, mesmo no interior da comunidade cristã. Daí portões, muralhas e sentinelas, bem como oração. Ao examinarmos a descrição de Bri, nos recordamos dessas cidades medievais:

A aldeia de Bri tinha algumas centenas de casa de pedra que pertenciam às pessoas grandes, a maioria acima da Estrada, aninhando-se nas encostas das colinas, com janelas voltadas para o oeste. Naquele lado, descrevendo mais que um semicírculo, partindo da colina e voltando a ela, havia um fosso profundo, com uma cerca-viva espessa no lado interno. A Estrada cruzava esse fosso através do passadiço, mas no

⁶² LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa 1983, p. 169.

⁶³ SA, Livro I, No Pônei Saltitante, p. 155.

⁶⁴ DELUMEAU, Jean. Os medos da maioria. In: *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ponto onde atingia a cerca-viva era barrada por um grande portal. Havia outro portal no canto sul, onde a Estrada saía da Aldeia. Os portões eram fechados ao cair da noite; mas logo na entrada havia pequenos alojamentos para os porteiros.⁶⁵

Cidades preocupadas com a segurança, muradas e com portões. Marca da cidade medieval, que segundo Le Goff “é um espaço fechado. A muralha a define [...] a segurança é, sobretudo, uma obsessão urbana, muito consciente e muito viva”⁶⁶. Na obra a cidade de Minas Tirith aparece como o principal exemplo disso:

Pois o modelo de Minas Tirith era tal que a Cidade fora construída em sete níveis, cada um cavado no flanco da colina, e ao redor de cada nível se erguia uma muralha, e em cada muralha havia um portão. Mas os portões não eram alinhados: o Grande Portão da Muralha da Cidade ficava no ponto leste do circuito, mas no seguinte voltava-se parcialmente para o sul, e o terceiro parcialmente para o norte, e assim ora de um lado, ora de outro, dispunham-se os portões na subida, de modo que o caminho pavimentado que ia na direção da Cidadela virava-se primeiro para um lado e depois para o outro pela encosta da colina.⁶⁷

A cidade é também o centro urbano mais ao leste e ao sul da Terra-média conhecida e “civilizada”. A cidade parece ser o maior centro urbano e mais bem construído enquanto tal. A Cidade Branca, como também é chamada, é uma força de resistência aos ataques do Inimigo, que, no tempo da narrativa, estavam cada vez mais acirrados e freqüentes, culminando com um ataque massivo à cidade. Talvez, mesmo que numa comparação grosseira, Minas Tirith exerce um papel semelhante a Constantinopla, uma cidade de esplendor e riqueza mas que vive sob a sombra de um inimigo externo sendo símbolo de resistência ao mesmo.

E o inimigo externo sempre esteve à espreita ameaçando a cristandade. À unidade cristã se contrapunha o bárbaro, o pagão, o infiel e o herético. O outro no qual o homem ocidental e cristão se espelhava. A alteridade se estabelecia nesses parâmetros, assim “a realidade é a Cristandade. É em função dela que o cristão da Idade Média define o resto da humanidade e se situa em relação aos outros”⁶⁸.

Primeiro foi o “bárbaro”, vindo em hordas destrutivas, algumas vezes apenas imaginadas, mas mesmo assim geradoras de temor, contra o qual o europeu se fortificou

⁶⁵ SA, Livro I, No Pônei Saltitante, p. 155.

⁶⁶ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 72.

⁶⁷ SA, Livro V, Minas Tirith, p. 793-794.

⁶⁸ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, p. 179.

em castelos. Eles continuaram a vir de tempos em tempos. Eram também pagãos, categoria que incluía os povos que ainda não haviam conhecido a palavra do Cristo, de hábitos “estranhos” e “selvagens”. Mas esses ao menos podiam ainda ser cristianizados. Esse já não era o caso dos muçulmanos e bizantinos. Estes últimos por mais que aceitassem a palavra do Filho a interpretavam erroneamente, e mais, eram cismáticos não reconhecendo a autoridade do Papa de Roma. Hereges e cismáticos, estranhos e distantes, que provocavam certa inveja pela grandeza de seu império frente a um ocidente fragmentado e comparativamente pobre. O caso do Islã talvez fosse mais sério. Os muçulmanos adotavam um único Deus, mas seus mandamentos e religião não era os mesmos. Pressionavam a cristandade pelo oriente e pelo sul, na África. Seu profeta Maomé era identificado com o anticristo, hábitos execráveis e vícios eram atribuídos a eles. Apesar disso, manteve-se fluxos pacíficos entre uns e outros, trocas intelectuais e comerciais, uma relação ambígua.

A Terra-média conhece algo semelhante. Os reinos humanos do ocidente, principalmente nas figuras de Rohan e Gondor, possuíam uma aliança seja na forma de auxílio mútuo em guerras, ou na luta pelas mesmas causas, bem como uma semelhança cultural e um passado histórico interligado que lhes conferia certa unidade. A eles somavam-se os reinos elfos, anões e o Condado que se não são assim tão próximos partilham valores e objetivos convergentes. Ao fim da saga do Anel, com a ascensão de Aragorn ao trono o Ocidente parece novamente unificado sob uma coroa. Um rei distribuidor de graças, misericordioso e sábio, bem como todo rei cristão exemplar

Alto como os antigos reis dos mares, ele se ergueu acima de todos os que estavam perto; parecia velho em dias, mas na flor da virilidade; e a sabedoria ornava-lhe a fronte, e havia força e cura em suas mãos, e uma aura de luz o envolvia.⁶⁹

Além disso, Aragorn desde o início é portador de Andúril, a espada símbolo do reino dos homens do Ocidente.

A Espada de Elendil foi reforjada por ferreiros élficos, e na lâmina foi inscrito o desenho de sete estrelas, colocadas entre a lua crescente e o sol raiado; em volta delas foram inscritas várias runas, pois Aragorn, filho de Arathorn, ia guerrear nas fronteiras de Mordor. Muito brilhante ficou aquela espada depois de restaurada; nela a luz do sol reluzia vermelha, e a luz da lua brilhava fria, e seu gume era resistente e afiado.

⁶⁹SA, Livro VI, O Regente e o Rei, p. 1026.

E Aragorn lhe deu um novo nome, chamando-a Andúril, Chama do Oeste.⁷⁰

Discutiremos mais atentamente as características do rei quando nossa viagem nos levar até seu trono. Voltemos a olhar para a organização espacial que percebemos ao percorrer a Terra-média. Se existe uma unidade do norte e oeste, sendo o Rei de Gondor o Senhor das Terras do Oeste⁷¹, um Ocidente como símbolo da civilização, o que restaria ao sul e leste desta terra? É aqui que, como no medievo, encontramos o reflexo invertido da “civilização”. O leste é a terra da sombra e da selvageria.

Ao nos aproximarmos do leste o mapa da Terra-média vai perdendo seus contornos e o detalhamento das terras vai diminuindo. Regiões longínquas e desconhecidas, exóticas. Rhûn e Khand são sinônimos do leste e dos atributos que caracterizam essas terras, homens estranhos, de costumes selvagens, que só poderiam ser malignos. Lá também se situa Mordor, a pior de todas as terras, coberta permanentemente sobre a Sombra de seu senhor Sauron. Ao sul para Harad e Umbar a imagem se repete. Os aliados de Sauron são esses “[...] orientais com machados, e variags de Khand; sulistas de vermelho e, provenientes do Extremo Harad, homens negros semelhantes a semi-trolls, com olhos brancos e línguas vermelhas”⁷². Uma descrição centrada no aspecto bélico e físico das figuras, diferentes dos homens ocidentais brancos e de costumes mais sofisticados.

Oriente e sul aparecem como terras do mal, mas também do exótico. Na Idade Média, o perigo externo vinha principalmente dessas direções⁷³, mas dali também vinham relatos fascinantes sobre terras, seres e povos que eram da esfera do maravilhoso. Os mongóis, também conhecidos no período como tártaros, eram ditos bárbaros, perigosos, mas se caíram nos estereótipos atribuídos a outros povos, também fizeram parte de outras concepções mentais, também muito fortes para o homem medieval, as *mirabilia*. Um ponto muito interessante de ser observado em nossa viagem. O mundo de Tolkien abriga todo o tipo de maravilha assim como o mundo visto pelos olhos e concepções do homem medieval.

Ao empreendermos uma viagem pela Terra-média logo se encontrará seres, lugares e situações que certamente escapam ao cotidiano e pertencem ao domínio do

⁷⁰ SA, Livro II, O Anel vai para o Sul, p. 288.

⁷¹ SA, Livro VI, O Campo de Cormallen, p. 1009.

⁷² SA, Livro V, A batalha nos Campos de Pelennor, p. 895.

⁷³ Sem nos esquecer que a Europa também conheceu invasões provenientes do norte, tais como as incursões vikings.

que podemos chamar de maravilhoso. Essa noção de maravilhoso presente no mundo de Tolkien é próxima a de *mirabilia* medieval, analisada por Jacques Le Goff⁷⁴.

O autor analisa o maravilhoso não como uma categoria de pensamento, mas como um universo, uma coleção de objetos e fatos que integra o “sobrenatural” concebido pelos medievos. Esse universo do “sobrenatural” medieval poderia ser subdividido sob os campos de três adjetivos. Teríamos assim o maravilhoso cristão, que seria o campo do *miraculosus*, tendo por elemento principal o milagre, referente às realizações divinas e aos feitos dos homens santos encontrados nas hagiografias. Contrapondo-se ao *miraculosus* temos os artificios e realizações de Satã e seus auxiliares demoníacos. Esse seria o âmbito do *magicus*, que se de início possuiu um caráter neutro subdividido entre a magia branca lícita e a magia negra maléfica, pouco a pouco acaba por ser identificado ao mal e ao sobrenatural maléfico.

Por fim temos o *mirabilis*, o maravilhoso com origens pré-cristãs. Retirados de fontes da antiguidade clássica, tais como Heródoto e Plínio, esses elementos foram recuperados pelos escritores cristãos. Passando a integrar o maravilhoso cultivado na Idade Média os elementos antigos foram fundidos ao imaginário medieval, sendo reinterpretados pela mentalidade cristã.

Assim homens monstruosos, bestas fabulosas, reinos exuberantes e eventos fantásticos abundam em textos medievais, em especial aqueles que procuram mapear o mundo, como os relatos de viagens. A maioria dos autores do período exibiram em suas páginas material encontrado nas obras dos autores antigos. São Isidoro de Sevilha (c. 560 – 636) foi um desses autores. Sua *Etimologias*, obra de caráter enciclopédico, foi referência durante todo o período medieval e muito importante por expressar toda a visão de mundo da época. Assim, São Isidoro de Sevilha nos fala de “algunos pueblos de seres monstruosos, como los gigantes, los cynocéfalos, los ciclopes y otros más”⁷⁵, já citados por Plínio, o Velho em sua obra *História Natural*. As regiões mais longínquas e, portanto mais desconhecidas, tendem a abrigar esses seres. Dessa forma, a Etiópia “está llena de um gran cantidad de fieras y de serpientes. Alli se encuentran

⁷⁴ LE GOFF, Jacques. O maravilhoso no Ocidente Medieval. In: *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, s/d. A respeito do maravilhoso nos baseamos também nas considerações feitas em MORAIS, Cynthia. O maravilhoso como fenômeno de longa duração In: *Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, Pai da História?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.135-151.

⁷⁵ SEVILHA, São Isidoro de. *Etimologias*. Texto latino, versão espanhola e notas por Jose Oroz Reta e Manuel A. Marcos Casquero. Madrid: Editorial Católica, 1983, p. 49.

rinocerontes, jirafas, basiliscos y enormes dragones de cuyos cerebros se extraem piedras preciosas”.⁷⁶

Já localizamos o local preferencial da maravilha, vamos nos concentrar agora no que essas regiões guardam. Sigamos folheando a obra de São Isidoro. Listando as aves, São Isidoro nos fala da águia, do abutre e igualmente da mitológica fênix. O mesmo acontece ao discorrer sobre as diversas espécies de serpentes, dentre as quais incluiu o dragão que

[...] es el mayor de todas las serpientes, e incluso de todos os animales que habitan em la tierra [...]. Con frecuencia, saliendo de sus cavernas, se remonta por los aires y por su causa se producen ciclones. Está dotado de cresta, tiene la boca pequena y unos estrechos conductos por los que respira y saca la lengua. Ni siquiera el elefante, a pesar de su magnitud, está a salvo del dragon: este se esconde al acecho cerca los caminos por los que suelen transitar los elefantes, y se enrosca a sus patas hasta hacerlos perecer por asfixia. Se crían em Etiópia y em la India, viviendo em el calor em médio del incendio que provocan em las montañas.⁷⁷

O dragão nos é aqui apresentado com uma ecologia própria. São Isidoro lhe descreve as características físicas, dimensões e detalhes corporais, bem como seus hábitos e habitat. O dragão, apesar de exótico e distante, animal maravilhoso, existia e se inseria dentro da lógica do mundo.

A relação do homem com o mundo natural e sua visão sobre o mesmo também estão sujeitas à historicidade. Keith Thomas analisa as transformações ocorridas na Inglaterra entre 1500 e 1800 “[...] na maneira pelo qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e paisagens”⁷⁸. O autor, ao trabalhar com as concepções referentes ao meio natural, vai apresentando como essa relação se dava e como esta está sujeita a mudanças. Com olhar semelhante devemos observar essas relações na Idade Média e as *mirabilia* nela existentes. A relação do homem medieval com o mundo natural comportava o maravilhoso como categoria de mundo.

As *mirabilia* medievais formam um conjunto que possuía existência concreta, e possuíam um lugar na ordem das coisas, mesmo que muitas vezes por meio de uma explicação obscura e conflitante. Mesmo que essa explicação seja Deus, ou esteja no

⁷⁶ Ibidem. p. 191.

⁷⁷ Ibidem. p. 81.

⁷⁸ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras. 1988, p. 18.

mundo além da matéria, já que “os homens da Idade Média entram em contato com a realidade física por intermédio de abstrações místicas e pseudocientíficas” ⁷⁹, isso não coloca grandes dúvidas sobre a existência de tais maravilhas.

Da mesma forma se constitui o maravilhoso enquanto categoria e domínio na realidade tolkieniana. Esses elementos permeiam todo o seu mundo, fazendo parte dele, mesmo que a explicação para tal evento ou para a existência de tal criatura não esteja explícita na narrativa. Tudo possui uma razão de ser nesse mundo. Assim prossigamos nossa viagem pela Terra-média, agora preparados e atentos para o encontro com o exótico, o encantador ou o terrível.

Nessas terras encontraremos bestas e animais fabulosos como Laracna, a monstruosidade em forma de aranha, devoradora de todo tipo de criatura viva. As antigas histórias de hobbits e homens mencionam os terríveis dragões cuspidores de fogo. Bilbo tem sua aventura narrada em *O Hobbit* desencadeada justamente por um dragão que se apossara de um grande tesouro. O rei de Rohan, uma terra conhecida como terra dos cavaleiros, dispunha em seus estábulos dos *mearas*, os melhores cavalos da Terra-média, os mais rápidos e mais longevos de todos. Teriam sua origem nas terras de além mar e só aceitavam serem montados pelo rei e pelos príncipes de Rohan. O maior dentre eles, Scadufax, serviu de montaria a Gandalf. Em Harad, os *mûmaks*, bestas semelhantes ao elefante, eram usadas na guerra:

O medo e a surpresa talvez tenham aumentado seu tamanho aos olhos do hobbit, mas o Mûmak de Harad era realmente um animal enorme [...]. Veio avançando, [...] fazendo tremer o chão sob os seus pés: as grandes pernas como árvores, enormes orelhas semelhantes a velas abertas, a longa tromba erguida enorme como uma enorme serpente pronta para atacar, os pequenos olhos vermelhos coléricos. Suas presas levantadas semelhantes a chifres estavam fixadas com bandas de ouro e pingavam sangue. [...] Os escombros do que parecia ter sido uma verdadeira torre de guerra jaziam sobre seu lombo [...].⁸⁰

A Terra-média também possui raças fabulosas. Aqui vivem e prosperam hobbits e anões, de menor estatura, elfos cuja “luz das estrelas [estavam] brilhando nos olhos e cabelos deles”. Ao caminhar à noite “não levavam qualquer luz, e mesmo assim, conforme caminhavam, um clarão, como a luz da lua [...] parecia iluminar seus pés” ⁸¹.

⁷⁹ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, p. 176.

⁸⁰ SA, Livro IV, De ervas e coelho cozido, p. 695.

⁸¹ SA, Livro I, Três não é demais, p. 82.

Mas há também orcs, como Grishnákh “uma criatura de pernas curtas e tortas, nuito entroncada e com longos braços que chegavam quase até o chão” ⁸². E também trolls monstruosos, como aquele da mina de Moria “de pele escura coberta de escamas” ⁸³, Criaturas semelhantes aos ciclopes e antropófagos das exóticas terras medievais. Aqui podemos nos lembrar que a mentalidade medieval tendia a ligar a natureza da criatura com a da terra geradora, assim se determinado ser era monstruoso era porque a própria terra possibilitaria essas características. Em uma terra onde existiam pigmeus, filhos de estrangeiros também seriam pigmeus por essa fatalidade de nascimento. A Terra-média parece conhecer algo semelhante, Mordor, a Terra da Sombra, por exemplo, só é capaz de gerar aberrações.

Os anões vivem nas profundas entranhas da terra, de onde retiram jóias e metais preciosos, dentre eles, mais maravilhas. De minas profundas, os anões retiram o *mithril*, a prata verdadeira, o metal mais valioso da Terra-média dotado de qualidades prodigiosas:

[...] prata de Moria, ou a prata verdadeira, como alguns chamaram: *mithril* é o nome élfico. [...] O valor desse metal era dez vezes maior que o do ouro [...]. Podia ser moldado como o cobre, e polido como o vidro; os anões podiam transformá-lo num metal leve, e no entanto mais resistente que aço temperado. Sua beleza era semelhante à da prata comum, mas a beleza do *mithril* não se opacificava ou perdia o brilho. ⁸⁴

Se voltarmos às *Etimologias* de São Isidoro, encontraremos um livro dedicado às riquezas da terra, contendo descrições de metais e gemas preciosas. E novamente o maravilhoso se entremeia ao real. Sobre o diamante, São Isidoro escreve que é uma gema que descobre os venenos e dissipa o medo, também sendo um talismã contra os malefícios. A ametista curaria os males do excesso alcoólico.

Também existem nesse mundo criaturas no limite do reino humano e vegetal, os ents, Pastores de Árvores. Uma raça muitíssimo antiga, os ents são como homens altos tais como as árvores, cujos corpos são feitos de material vegetal; ou inversamente podem ser descritos como árvores que ganharam contornos e mente humanas. Aqui podemos recordar outros exemplos de seres maravilhosos no limite entre reino animal e vegetal, como a mandrágora, cuja crença atribuí-a-lhe raiz em forma de ser humano, ou o fruto encontrado no país de Caldilhe segundo informa Jean de Mandeville:

⁸² SA, Livro III, Os Uruk-hai, p. 467.

⁸³ SA, Livro II, A ponte de Kahzad-dûm, p. 337.

⁸⁴ SA, Livro II, Uma jornada no escuro, p. 331.

Nele cresce uma espécie de fruto parecido com as cabaças, no qual, quando maduro e partido ao meio, é encontrado um pequeno animal de carne osso e sangue, parecido com um cordeiro sem lã. Tanto o fruto quanto o animal são comidos.⁸⁵

Os ents vivem na antiga floresta de Fangorn, nome do mais velho deles. As florestas da Terra-média são um importante espaço na narrativa de *O Senhor dos Anéis*, bem como um espaço da proliferação do maravilhoso, bem como as florestas do ocidente medieval. Conforme Le Goff, a floresta “é uma fronteira – o no man’s land por excelência – que separa os senhorios e os países um dos outros”. Mas para além de uma fronteira natural, refúgio de animais selvagens e bandidos que de tempos em tempos atacavam os povoados, a floresta é lar de monstros e outros terrores que fazem dela “um universo de lendas maravilhosas e assustadoras”⁸⁶. A floresta é um espaço privilegiado do imaginário medieval, afinal “pelas suas orlas indecisas, pela sua profundidade sem medida, pelos seus inúmeros atalhos, propunha uma penetração progressiva no mistério. Abolia toda a separação entre o real e o encanto”⁸⁷.

Fazendo uma breve visita às florestas da Terra-média, poderemos atestar isso. Por meio de *O Senhor dos Anéis*, temos contato com quatro delas: a Floresta das Trevas, a Floresta Velha, Fangorn e Lothlórien, a Floresta Dourada. Todas elas são locais antigos, que abrigam poderes misteriosos. Temos maiores detalhes das três últimas. Fangorn, como já foi dito, é habitada pelos ents. A Floresta Velha abriga árvores que se movem e demonstram seu temperamento agressivo. Deslocam-se obstruindo ou refazendo trilhas a fim de que o viajante se perca. As árvores daqui não gostam dos seres que se movem. Uma delas, o Velho Salgueiro Homem, aprisiona os hobbits em seu tronco. Eles são salvos por Tom Bombadil, o personagem mais misterioso da trama que parece exercer o domínio na floresta e região junto de sua esposa Fruta D’ouro⁸⁸.

⁸⁵ MANDEVILLE, Jean de. *Viagens de Jean de Mandeville*. Tradução e organização: Suasani Silveira Lemos França. Bauru: EDUSC, 2007, p. 225.

⁸⁶ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa 1983, p.171.

⁸⁷ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais - a arte e a sociedade 980-1420*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 303.

⁸⁸ O personagem Tom Bombadil é provavelmente o personagem mais misterioso e peculiar da trama. Ele possui características fabulosas tais como imunidade ao poder do Anel, poder sobre a floresta e contra as criaturas das trevas. Possui características peculiares, tais como seu vestuário colorido e o modo como fala, quase sempre rimando e em forma de canção. Aparece apenas nos episódios iniciais da trama auxiliando os hobbits e só é mencionado novamente no Conselho de Elrond quando é decidido o destino do Anel. Aqui é chamado também por outro nome Iarwain Bem-adar, o mais antigo e sem pai. Informações sobre sua natureza ou demais informações não foram dadas por Tolkien, apenas conjecturas

Lothlórien constitui um caso a parte, mais do que um espaço de maravilha, a Floresta Dourada é um pequeno reino maravilhoso, outro aspecto da geografia imaginária medieval. Repletos de prodígios, abundantes descrições desses reinos povoaram a imaginação do homem medieval. São ilhas de bem-aventurança e abundância de alimento e riqueza, habitadas por raças monstruosas como as blêmiás ou cinocéfalos, supostamente localizadas no oceano Atlântico e Índico⁸⁹. Aos países da Ásia, ou Etiópia eram atribuídas as mesmas características. Marco Pólo, Jean de Mandeville, dentre outros, escreveram relatos de viagens às mais diversas terras, descrevendo as inúmeras maravilhas que cada uma delas continha.

Dentre todas essas terras o reino de Presbítero João foi uma das mais divulgadas e prevaleceu durante séculos em circulação em diversas versões e narrativas. O grande monarca cristão, defensor da fé, governaria enormes extensões da Ásia sendo senhor de vários reis e príncipes. Em seu reino, toda a sorte de prodígio e riqueza existiria, sendo como que uma síntese de todo o conjunto maravilhoso atribuído às terras imaginárias medievais. O magnífico rei teria dado notícias suas e de seu reino por meio de uma carta enviada por volta de 1150 a autoridades da época, como o papa, o imperador bizantino e o imperador do Império Germânico Frederico Barba-Ruiva. A carta, mesmo sendo uma falsificação, ganhou repercussão por toda Europa, sendo que cópias e traduções do texto foram feitas até o século XV. Segundo o documento, o reino do Presbítero João era vasto:

A Nossa Magnificência domina as três Índias; o nosso território começa na Índia posterior, na qual repousa o corpo do apóstolo São Tomé, estende-se pelo deserto em direção ao berço do sol, e desce até a deserta Babilônia, contígua à torre de Babel. Setenta e duas províncias nos prestam vassalagem, das quais poucas são de cristãos e algumas têm reis próprios, os quais, todos eles, são nossos tributários.⁹⁰

E nesse território vastíssimo toda sorte de criatura poderia ser encontrada:

dos estudiosos da obra acrescentaram algo ao personagem. Ele é importante, pois sem ele os hobbits teriam falhado logo no início da jornada, ao mesmo tempo é uma incógnita, não se sabe quem realmente é. Creio que Tolkien agiu aqui de forma proposital colocando o personagem com um dos mistérios do seu mundo assim como poderíamos esperar sobre certos personagens de nossa história. Volta a ser personagem das ficções do autor em *As Aventuras de Tom Bombadil*.

⁸⁹ Para maiores informações sobre o Oceano Índico no imaginário medieval ver LE GOFF, Jacques. O Ocidente Medieval e o Oceano Índico: um horizonte onírico. In: *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993.

⁹⁰ ANÔNIMO. *Carta do Presbítero João*. Tradução disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/cartapreste.htm>>. Acessado em: 02/10/09.

Na nossa terra nascem e crescem elefantes, dromedários, camelos, hipopótamos, crocodilos, metagalináceos, cameteternos, tinsiretas, panteras, onagros, leões brancos e ruivos, ursos brancos, melros brancos, cigarras mudas, grifos, tigres, lârnias, hienas, porcos selvagens grandes como búfalos e com dentes do comprimento de um côvado, grandes cães selvagens do tamanho de cavalos [...]. Bois selvagens, sagitários, homens selvagens, homens com cornos, faunos, sátiros e mulheres da mesma raça, pigmeus, cinocéfalos, gigantes cuja altura é de quarenta côvados, monóculos, ciclopes e uma ave que chamam fênix e quase todo o gênero de animais que existem debaixo do céu.⁹¹

Segue-se ainda uma descrição de todas as riquezas, incluindo aí ouro e todas as gemas em abundância, dentre outras coisas fabulosas. Na Terra-média, esses reinos encontrariam paralelos nas moradas élficas, terras de encantamento e bem-aventurança, representadas por Valfenda e o reino élfico de Lothlórien que se ergue dentro da Floresta Dourada. Valfenda, a Casa de Elrond o sábio mestre elfo, também denominada a Última Casa Amiga do Leste, é descrita como:

[...]‘uma casa perfeita, para quem gosta de comer ou dormir, de contar histórias ou de cantar, ou apenas de se sentar e pensar nas coisas, ou ainda para quem gosta de uma mistura agradável de tudo isso.’ A simples estada ali representava uma cura para o cansaço, o medo ou a tristeza.⁹²

Em Valfenda o poder dos elfos está permanentemente ativo, proporcionando um ambiente sempre agradável e acolhedor, encantado, assim como a terra de Lórien, ainda mais fabulosa nesse sentido:

[...] parecia-lhe que tinha atravessado uma ponte do tempo e atingido um canto dos Dias Antigos, e estava agora andando num mundo que não existia mais. Em Valfenda havia lembranças de coisas antigas; em Lórien as coisas antigas ainda existiam no mundo real. A maldade havia sido vista ou ouvida ali, conhecia-se a tristeza; os elfos temiam e desconfiavam do mundo lá fora: os lobos uivavam nas fronteiras da floresta; mas sobre a terra de Lórien não pairava sombra alguma.⁹³

Naquela região, no inverno, ninguém podia sentir saudade do verão ou da primavera. Não se podia ver qualquer defeito ou doença ou deformidade em cada uma das coisas que cresciam sobre a terra. Não havia manchas na terra de Lórien.⁹⁴

⁹¹ Ibidem.

⁹² SA, Livro I, Muitos Encontros, p. 233.

⁹³ SA, Livro II, Lothlórien, p.364.

⁹⁴ Ibidem, p. 365.

Aqui retomamos as idéias de Eliade e suas concepções sobre o mito. O mito obedece a outra lógica temporal, escapando ao domínio do tempo histórico. A cada vez que o mito é recontado ou reencenado o tempo histórico é abolido e o plano do tempo primordial volta a existir. A cada narrar do mito ele acontece novamente, e o homem participante do relembrar mítico passa a fazer parte do ato originalmente realizado pelos entes divinos. Essa parece ser a sensação dos personagens ao entrarem em lugares como Valfenda ou Lothlórien. Estar nestes lugares é como se tivesse “atravessado uma ponte do tempo e atingido um canto dos Dias Antigos”. Mais do que isso, aqui se pode ter a experiência da vivência do tempo mítico, assim como Frodo teve ao escutar uma canção:

[...] Frodo começou a escutar. Num primeiro momento, a beleza das melodias e das palavras misturadas nas línguas élficas, embora pudessem entendê-las bem pouco, envolveram-no numa espécie de encanto, logo que começou a prestar atenção nelas. Parecia quase que as palavras tomavam forma, e visões de terras distantes e de coisas brilhantes que ele nunca sequer imaginara se abriram diante dele; o salão iluminado pela fogueira se tornou semelhante a uma névoa dourada sobre mares de espuma que suspiravam sobre as margens do mundo. Então, o encantamento ficou cada vez mais semelhante a um sonho, até que Frodo sentiu que um rio interminável de ouro e prata passava por ele, múltiplo demais para ser compreendido; tornara-se parte do ar que pulsava ao redor, entrando num mundo profundo de sonho⁹⁵.

Essa experiência de Frodo foi proporcionada pelo narrar de um antigo mito da Terra-média, o mito de Eärendil, a estrela da manhã. Frodo é tomado pelo conteúdo da canção ao ser envolvido por ela. O tempo deixa de correr conforme a ordem cronológica para arremessar o ouvinte em uma realidade “de ouro e prata” da canção. Revive-se aquele acontecimento do início e ele passa a fazer parte do momento presente. É também significativo pensar que essas narrações são feitas em um local apropriado, o Salão de Fogo onde “poderá escutar muitas canções e histórias. [...] a não ser em dias importantes o salão fica vazio e quieto, e aqui vêm pessoas que desejam ter paz e refletir”⁹⁶. Um lugar apropriado assim como o cenário para a realização dos rituais ligados aos mitos.

Essa experiência se liga a uma das características do mito segundo a qual “de uma maneira ou de outra, ‘vive-se’ o mito, no sentido de que se é impregnado pelo

⁹⁵ SA, Livro II, Muitos encontros, p. 242.

⁹⁶ Ibidem, p. 238.

poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados”⁹⁷. Por hora, guardemos essas noções para mais a frente tentarmos relacionar esse caráter mítico presente na obra e a recepção do público a ela.

Valfenda e Lothlóries, terras onde não há doença, velhice ou tristeza, o tempo parece seguir outra lógica. Mas seus efeitos se restringem aos limites dessas terras bem aventuradas como nos mostra a passagem:

Então olhou para o Leste e viu a terra de Lórien descendo até o brilho claro do Anduin, o Grande Rio. Levantou os olhos acima da linha do rio e toda a luz se extinguiu, e aí estava ao mundo que conhecia.⁹⁸

As moradas élficas remetem-nos de certa forma a uma espécie de refúgio paradisíaco ou paraíso terrestre. Isso nos leva a nosso último destino de nossa geografia maravilhosa, a questão do Paraíso Terrenal. É muito forte no imaginário do maravilhoso a crença de que o Éden, o Jardim das Delícias do Gênesis, estaria em algum lugar perdido nos confins orientais. A maioria dos autores o localiza na Ásia, por vezes próximo ao reino do Prestes João. Com o maior conhecimento das terras do leste adquirido pelos europeus ao longo do tempo, o Paraíso é cada vez mais empurrado para o leste. Assim como o Reino do Presbítero João é deslocado para a Etiópia⁹⁹, o Paraíso Perdido é continuamente localizado e realocado. Já no fim do período medieval, com a descoberta de Colombo ele é transferido para as novas terras descobertas. Não só o Paraíso, mas todo esse imaginário e concepções atribuídas ao leste são deslocados para o além-mar.¹⁰⁰ O próprio Colombo acreditou estar perto do Paraíso Perdido, homem muitas vezes já dito moderno, ele ainda estava marcado pela mentalidade medieval. Paraíso realocado além do mar até então temido e impossível de se atravessar.

Ao fim das terras ocidentais também chegamos ao Mar da Terra-média. O Mar intransponível além do qual estaria uma espécie de paraíso bem aventurado aberto somente a elfos e pouquíssimos privilegiados. É do Mar que os magos como Gandalf chegam a Terra-média, e é por navios rumando para o leste que vão embora. Aqui

⁹⁷ ELIADE Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 22.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 366.

⁹⁹ COSTA, Ricardo. *Por uma geografia mitológica: a lenda medieval do Preste João, sua permanência, transferência e "morte"*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/preste.htm>>. Acessado em: 02/10/09.

¹⁰⁰ Para um estudo mais aprofundado do tema ver BEER, Jean-Marc de; MAGASICH-AIROLA, Jorge. *América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Os autores fazem um interessante estudo de cada um dos tópicos do imaginário medieval aqui tratados, dessa vez realocados em terras americanas.

encontraríamos mais uma vez proximidades com o maravilhoso medieval, em especial aquele maravilhoso de fontes celtas. Enquanto muitas fontes apontam que o Paraíso Terrestre estaria no oriente, o maravilhoso celta aponta o Paraíso para o leste, em alguma ilha de além mar. É essa a tradição preservada pela Viagem de São Brandão por exemplo. Charles Squire em sua obra sobre mitologia celta relata a crença nesse Paraíso, ele nos diz que os antigos deuses irlandeses deixaram as ilhas britânicas e se refugiaram em lugares encantados:

Uma parte deles escolheu [...] buscar refúgio num paraíso além-mar, situado em alguma desconhecida e, exceto para mortais privilegiados, impetrável ilha do oeste [...] uma terra de prazer perpétuo e festejos, descrita variadamente como “Terra da Promissão” [...], a “Planície da Felicidade” [...], a “Terra dos Vivos” [...], a “Terra da Juventude” [...] e “Ilha Breasal” (Hy-Breasail).¹⁰¹

Os elfos que deixam a Terra-média viajam em direção a esse paraíso, e aqueles que permanecem sonham com ele. Podemos ver isso na canção de Legolas, o elfo da Sociedade do Anel:

*Para o Mar, para o Mar! As gaivotas vão gritando,
[...] Amplas águas vou cruzar, sozinho navegando
[...] Naquela Ilha Perdida doces vozes vão clamando,
Em Eressëa, em Casadelfos que mortal não viu presente,
as folhas jamais caem: lá meu povo eternamente.*¹⁰²

Lá, em Eressëa como ele aqui denomina, as folhas jamais caem, a primavera é perpétua. Mortal nenhum conseguiu chegar até ali, a não ser os elfos imortais e mortais privilegiados como Frodo:

E o navio avançou para o Alto Mar e prosseguiu para o oeste, até que por fim, numa noite de chuva, Frodo sentiu uma doce fragrância no ar e ouviu o som de canto chegando das águas. [...] a cortina cinzenta de chuva se transformou num cristal prateado e se afastou, e Frodo avistou praias brancas e atrás delas uma terra vasta e verde sob o sol que subia depressa.¹⁰³

A crença do paraíso celta permaneceu e chegou ao imaginário medieval. Não nos é possível no âmbito dessa pesquisa analisar qual a real importância e influência das

¹⁰¹ SQUIRE, Charles. *Mitos e lendas celtas: Rei Arthur, deuses britânicos, deuses gaélicos e toda a tradição dos druidas*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 112-113.

¹⁰² SA, Livro VI, O campo de Cormallen, p. 1014.

¹⁰³ SA, Livro VI, Os Portos Cinzentos, p. 1092.

fontes celtas na constituição das crenças do homem medieval, bem como sua abrangência. No entanto, achamos interessante assiná-la.

Resta-nos visitar as terras tomadas pela sombra. Chegamos a Mordor, a Terra Negra. Aqui todo o mal parece se concentrar sob a mão de Sauron que de sua torre escura traça seus planos. Mas como se configura o mal na Terra-média?

O BEM, O MAL E A ESCOLHA

Pois nada é mau no início.
— Mestre Elrond¹⁰⁴

Para entendermos em profundidade as naturezas do Bem e do Mal no mundo tolkieniano, a narrativa apresentada em *O Senhor dos Anéis* não é suficiente. Apesar da dinâmica bem/mal estar muito forte nessa obra, para entendê-la é necessário recorrer principalmente às outras obras do *Legendarium*, em especial, em *O Silmarillion*. Pois o primeiro Senhor do Escuro não foi Sauron, ele não é o representante máximo do mal deste mundo. A origem do conflito bem e mal remonta às profundezas da história do mundo de Arda, a sua gênese. Faremos um breve esboço e discussão sobre essa temática, pois esses temas são importantes na narrativa de *O Senhor dos Anéis*, no entanto, seu exame em profundidade ultrapassaria suas fronteiras e conseqüentemente os objetivos deste trabalho.

A Criação tem sua origem em Eru, também chamado de Ilúvatar, o Único, fonte de todas as coisas. No início, ele criou os Ainur, os espíritos angélicos, e estes formavam um coro angélico que cantava a partir de temas propostos pelo Único. Destes temas uma Grande Música foi criada, ela cantava sobre o mundo e sobre as coisas que viriam a ser. Então, Eru disse “Eä! Que essas coisas Existam! E mandarei para o meio do Vazio a Chama Imperecível; e ela estará no coração do Mundo, e o Mundo Existirá; e aqueles de vocês que quiserem, poderão descer e entrar nele”¹⁰⁵. Assim, Eä, o Mundo que É, corresponde ao Universo e, dentro dele, está Arda. Várias das potências angélicas desceram ao mundo e começaram a trabalhar nele para que o conteúdo da canção e o plano divino fossem realizados. Esse mito cosmogônico foi registrado com o nome de *Ainulindalë*, a música dos Ainur, e está em *O Silmarillion*.

No entanto, dentre eles havia alguém que, como uma dissonância dentro da melodia, pensava diferente. Este era Melkor, o maior entre eles, e cheio de orgulho e cobiça pensou em tomar Arda para si, moldando ao seu próprio gosto e vontade. Melkor logo atraiu outros para sua causa, espíritos grandes e pequenos, entrou em confronto com os Valar, aqueles poderes angélicos que desceram ao mundo a fim de materializar a vontade de Eru. Assim, o maior dos “anjos” sofre uma queda e passa a tramar de forma

¹⁰⁴ SA, Livro II, O Conselho de Elrond, p. 278.

¹⁰⁵ TOLKIEN, J. R. R. *O Silmarillion*. Organizado por Christopher Tolkien. Tradução Waldéa Barcellos. 4 ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p.9

egoísta, se tornando Morgoth, “Sinistro Inimigo do Mundo”, o primeiro Senhor do Escuro. Morgoth destrói várias criações dos Valar, frustra por diversas vezes os planos de trazer a luz do dia ao mundo, corrompe alguns dos primogênitos de Ilúvatar, os elfos, degenerando-os por meio de sua malícia e gerando a raça dos orcs. Cria monstros, dragões, constrói fortalezas e forma exércitos para lutar contra Valar, elfos e homens. Ele passa a concentrar tudo que é vil, degenerado e cruel, as trevas passam a ser sua morada.

Ao fim de muitas batalhas, Morgoth é derrotado e aprisionado no vazio para além da Criação, mas o mal já havia penetrado no mundo de forma irremediável. Os monstros e seguidores do Inimigo do Mundo continuam a existir e a tramar. E dessa forma em *O Senhor dos Anéis* temos a narrativa se desenrolando a partir da oposição ao sucessor de Morgoth, Sauron, o segundo Senhor do Escuro.

Analisemos agora esse desenrolar “teológico”. Um Criador onipotente confere a existência a um mundo repleto de potencialidades e seus emissários angélicos detêm a missão de organizar esse mundo. O maior destes, no entanto, tomado por orgulho e ambição entra em conflito com o plano estipulado e inaugura o conflito na Criação. Ele torna-se inimigo das forças do Criador e de seus filhos, mas, finalmente derrotado, é expulso dos círculos do mundo. Temos, portanto, uma queda. O conflito e a desarmonia, entretanto, não deixam de existir, e com eles o mal.

Esse pensamento nos remete à teologia cristã sobre o Bem, o Mal e o eterno conflito entre essas duas forças. A história nos é conhecida. Deus Todo Poderoso cria o mundo em sete dias, o céu, a terra, animais e plantas, anjos e homens. Dos anjos, o mais poderoso e belo deles é Lúcifer, portador da luz, que tomado por orgulho se volta contra o criador e cai. Lúcifer passa a ser o Diabo ¹⁰⁶. É ele que, na forma de uma serpente, tenta Eva, incitando ao pecado original e a expulsão do homem do Paraíso. É ele que durante toda a história do homem e sua luta para voltar às graças de Deus trama de todas as formas para que o estado pecaminoso permaneça. O eterno Inimigo de Deus e de seus filhos, Satã em seus diversos nomes, assim como Morgoth.

Tolkien, nosso guia pelo mundo de Arda, sempre foi um católico fervoroso, o que não permite que nos espantemos com a grande aproximação existente entre a teologia cristã e a cosmogonia elaborada. Mas mais do que forma o autor quis passar

¹⁰⁶ A história de Lúcifer e do Diabo é mais complexa do que a esboçada aqui, existindo diferentes versões para o desenvolvimento da figura do demônio. Ver NOGUEIRA, Carlos Roberto F. As origens do anjo rebelde. In: *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2002.

uma semelhança por conteúdo. Assim como na seguinte passagem, na qual Frodo e Gandalf dialogam sobre a opção de Bilbo, que poupa a vida do corrompido Gollum mesmo tendo a oportunidade de matá-lo:

Pena? Foi justamente Pena que ele teve. Pena e Misericórdia: não atacar sem necessidade. E foi bem recompensado, Frodo. Tenha certeza de que ele foi tão pouco molestado pelo mal, e no final escapou, porque começou a possuir o Anel desse modo. Com Pena.¹⁰⁷

Piedade e Misericórdia são valores intrínsecos à doutrina cristã. Vamos seguir com nossas comparações entre a teologia cristã e a “teologia tolkieniana”. Para tanto nos embasaremos no trabalho de Diego Klautau¹⁰⁸, que explora as proximidades entre a filodofia de Santo Agostinho e a obra de Tolkien, além de seguirmos uma linha de raciocínio semelhante a de Ives Gandra Martins¹⁰⁹, em sua discussão sobre o acaso na dinâmica histórica da Terra-média.

Ao explicar a dinâmica do embate entre o Bem e o Mal, a teologia cristã sempre procurou deixar clara a superioridade do primeiro, na figura de Deus onipotente, enfaticamente negando uma bipolarização maniqueísta. O Mal, e o Demônio como seu representante máximo, não possuía igual poder a Deus na balança cósmica, este possuía precedência e domínio sobre aquele. Mas como explicar então a ação do demônio no mundo e entre os homens? Se o Diabo agia, era necessariamente com o conhecimento e autorização divinas, já que Deus era onipotente e onisciente, características essas negadas ao demônio. Mas por que o Pai permitiria a ação do mal se isso iria contra seus planos? Como justificar essa permissão paradoxal e ao mesmo tempo evitar o maniqueísmo herético?

Para responder essas questões é imprescindível compreender minimamente a questão da providência divina e do livre-arbítrio, temas desenvolvidos com especial cuidado por Santo Agostinho. De um ponto de vista agostiniano, os planos do mundo são regidos pela providência divina.

Deus faz um convite a todas as suas criaturas para que façam parte de sua obra. Entretanto, optar por este ou por outro caminho é uma opção individual. Ele não criou o

¹⁰⁷ SA, Livro I, A sombra do passado, p. 61.

¹⁰⁸ KLAUTAU, Diego Genú. *O Bem e o Mal na Terra-média – A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade. Dissertação. 255f. (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

¹⁰⁹ MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. *Acaso ou Providência na História?* Disponível em: <<http://www.valinor.com.br/colunas/ives-gandra/acaso-ou-providencia-na-historia/>> Acesso: maio/2009.

Mal, ou originou seres predestinados a realização do mal; todas as suas criaturas são potencialmente capazes de contribuir para a construção da Cidade Celeste no mundo. A todas elas o Criador deu o dom do livre-arbítrio, sendo capazes de escolher o seu caminho. Se Lúcifer optou por se opor a Deus, ou o homem optou pelo caminho do pecado, ambas as ações não são da natureza original dessas criaturas ou da responsabilidade do Criador, mas resultado de suas próprias escolhas. O Mal, portanto, não é obra de Deus, mas se insinuou no interior da Criação por meio das escolhas das criaturas. A origem do Mal não está em Deus, é uma degeneração da criatura e, portanto, o Mal nunca haverá de se constituir como uma instância tão poderosa como o Supremo Bem. O Mal não é essência, e nem possui potencial criativo. Como nos diz Klautau:

O Mal é corrupção dos propósitos originais de um criador que é bom e quer que a vida siga e se desenvolva. O Mal é antes de tudo uma criação de uma criatura, que só tem poder porque foi criada para o Bem, e seu poder maligno é a consumação de seu ser, enquanto bondade, em direção ao nada, causando morte e sofrimento para si mesmo e para todas as outras criaturas que deseja controlar, destruir ou aterrorizar.¹¹⁰

Tendo se resolvido teologicamente o problema da natureza do mal, como explicar a tolerância de Deus em relação a má escolha de suas criaturas e suas más ações? A construção da Cidade Celeste se dará por meio de Deus e daqueles que atenderem seu chamado, sendo que por meio da divina providência Ele guiará os passos dos homens. Deus tem um plano para a Criação e ele inevitavelmente se realizará. Mas e o Mal? Nas palavras de São Paulo: “Todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus” (Rom 8, 28), e dentre todas as coisas se inclui os maus. Estes, mesmo que não tenham noção disso, são usados pela providência a fim de que o plano se cumpra. Por meio da oposição ao mal, os bons se fortalecem e seus atos são exaltados. Os bons se fortalecem e resistem na Virtude. E, ainda, no cristianismo, aquele que se arrepende verdadeiramente dos seus pecados receberá perdão e será salvo e, se houver a persistência no erro, estes erros não impedirão a realização da obra divina.

Voltemos a Arda. Ilúvatar também possui um plano para sua criação, o mundo terá um fim e, após o fim, haverá um canto eterno entoado pelos Ainur e os filhos de

¹¹⁰ KLAUTAU, Diego Genú. *O Bem e o Mal na Terra-média – A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade. Dissertação. 255f. (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 218-219.

Ilúvatar (elfos e homens), isso está previsto no *Ainulindalë*. Mas para que isso se realize há de ser executado o plano de Eru. Seres como Morgoth e Sauron, por egoísmo e cobiça, promovem obstáculos a essa realização, no entanto, mesmo os atos dos dois concorrem para a construção do todo: “E tu, Melkor, descobrirás todos os pensamentos secretos de tua mente e perceberás que eles são apenas uma parte do todo e subordinados à sua glória”¹¹¹. Mesmo os atos mais vis podem ser aproveitados a favor do plano. Assim, o acaso não existe, visto que todas as coisas concorrem para a realização do planejamento cósmico. Não existe acaso, antes existe providência, “no caso de *O Senhor dos Anéis*, existe a manifestação da Providência através de três expressões que Tolkien utiliza: Sorte, Destino e Acaso”¹¹². A seguinte passagem parece exemplificar muito bem isso:

— Mas — disse Pippin.

— Mas o quê? — disse Gandalf. — Só permitirei um único mas esta noite.

— Gollum — disse Pippin. — Como é que eles poderiam estar andando com ele, até mesmo seguindo-o? E pude perceber que Faramir não gostou mais do que você do lugar para o qual ele os estava levando. Qual é o problema?

— Não posso responder isso agora — disse Gandalf. — Mesmo assim, meu coração de alguma forma sabia que Frodo e Gollum iriam se encontrar antes do fim. Para o bem ou para o mal. Mas sobre Cirith Ungol não falarei esta noite. Traição, é a traição que receio; traição daquela criatura miserável. Mas precisava ser assim. Vamos nos lembrar de que um traidor pode trair-se a si mesmo e fazer o bem que não pretende. Pode ser assim, algumas vezes. Boa noite!¹¹³

Gandalf parece demonstrar muito bem essa concepção ao dizer que Gollum “poderia fazer o bem”, mesmo que inconscientemente. E Gollum realmente o faz, guiando Frodo e Sam por todo o caminho até onde o Anel deveria ser destruído e, por fim, sendo o responsável, mesmo que não intencionalmente, pela destruição do mesmo. Não intencionalmente, este parece ser o centro da idéia. Foi assim desde o início, já que Bilbo encontrou o Anel por “acaso”. O mal concorre para o bem mesmo que tenha

¹¹¹ TOLKIEN, J. R. R. *O Silmarillion*. Organizado por Christopher Tolkien. Tradução Waldéa Barcellos. 4 ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p.6.

¹¹² KLAUTAU, Diego Genú. *O Bem e o Mal na Terra-média – A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade*. Dissertação. 255f. (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 213.

¹¹³ SA, Livro V, O cerco de Gondor, p. 862.

intenção contrária. Da mesma forma a providência opera por meios desconhecidos a todos, como diz Gandalf nessa passagem:

Muitos que vivem merecem a morte. E alguns que morrem merecem viver. Você pode dar-lhes a vida? Então não seja tão ávido para julgar e condenar alguém à morte. Pois mesmos os muito sábios não conseguem ver os dois lados.¹¹⁴

Notamos que o mal é antes de tudo uma tentativa de dissonância, de discordância em relação a esses planos. O mal não é uma característica essencial da criatura, mas uma questão de escolha, assim como na teologia cristã. Morgoth, já fora um dia Melkor, o maior dentre os Ainur. Sauron originalmente era um maia (um espírito angélico de poder inferior aos Valar), assim como o Balrog que a Sociedade do Anel enfrenta em Moria. Os demônios conhecidos como Balrogs, na mitologia tolkieniana, também um dia já foram espíritos angélicos, mas optaram por seguir Melkor. Mesmo os elfos, na obra, símbolos maiores da sabedoria e nobreza, podem ser corrompidos, conta-se que os orcs já foram elfos. Como diz o sábio elfo Elrond: “[...] nada é mau no início. Até mesmo Sauron não era”¹¹⁵.

O mal é o caminho da degeneração, o que é significativamente oposto ao poder criador. Pois o mal não cria, ele corrompe. Os horrores que povoam a Terra-média foram originados de elementos já existentes. Aqui está uma limitação importante do mal, ele não gera, não dá vida a nada, antes, empurra em direção à degeneração e inexistência. É interessante observar a caracterização dos personagens ligados ao mal e os atributos ligados a eles.

Em primeiro lugar Sauron, ele se manifesta na forma de um grande olho de fogo no alto da sua torre na terra de Mordor. Um olho sempre vigilante, com o desejo de tudo saber e controlar:

O olho estava emoldurado por fogo, mas era ele mesmo que reluzia, amarelo como o de um gato, vigilante e atento, e a fenda negra de sua pupila era um abismo, uma janela que se abria para o nada.¹¹⁶

Sauron sempre está associado à destruição, à morte, à violência e simbolicamente ao fogo, à noite, à sombra. Seu objetivo é o domínio completo da Terra-média e para isso se utiliza tanto da guerra quanto de métodos sutis:

¹¹⁴ SA, Livro I, A sombra do passado, p. 61.

¹¹⁵ SA, Livro I, O Conselho de Elrond, p. 278.

¹¹⁶ SA, Livro I, O espelho de Galadriel, p.380.

Trabalho do Inimigo! – disse Gandalf – Ele gosta dessas coisas: amigo guerreando contra amigo, lealdade dividida nos corações.¹¹⁷

Nessa passagem podemos observar o semear da discórdia e desconfiança no coração dos homens. Ele também se utiliza da sedução, principalmente com ofertas de poder e riqueza. Foi assim que conquistou para sua causa nove reis dos homens ofertando-lhes nove anéis de poder mágico, que acabaram por escravizá-los a sua vontade:

Nove ele deu a Homens Mortais, orgulhosos e poderosos, e desse modo os seduziu. Há muito tempo caíram sob o domínio do Um, e se tornaram Espectros do Anel, sombras sob sua grande Sombra, seus mais terríveis servidores.¹¹⁸

Reis que foram totalmente corrompidos pelas ofertas de poder do Senhor do Escuro. Homens que se perderam totalmente na escuridão e no mal sem chance alguma de voltarem atrás ou de redenção. Eles trazem o medo e a morte, sua própria caracterização nos lembra isso. São espectros usando armaduras negras e um manto ou talvez uma mortalha, assim como as figurações da morte. Nas mãos empunham espadas mortais, de lâminas também negras. Sua simples presença traz desconforto e pânico, e seu grito spectral provoca horror, sua figura parece trazer uma treva mais profunda que a noite:

De repente comecei a tremer e senti que alguma coisa horrível se aproximava sorrateiramente; havia um tipo de sombra mais profunda entre as sombras na estrada.¹¹⁹

[Gandalf enfrenta o Líder dos Cavaleiros Negros]

- Não pode entrar aqui [...] Volte para o abismo que lhe foi preparado! Volte! Caia no nada que aguarda você e seu mestre. Vá!

O Cavaleiro Negro jogou para trás o capuz e todos ficaram atônitos: ele tinha uma coroa real, e mesmo assim ela não repousava sobre nenhuma cabeça visível. [...] De uma boca invisível veio uma risada mortal.

- Velho tolo! Esta é a minha hora. Não reconhece a morte ao deparar com ela? Morra agora e pragueje em vão!¹²⁰

¹¹⁷ SA, Livro V, A pira de Denethor, p. 901.

¹¹⁸ SA, Livro I, A sombra do passado, p. 53.

¹¹⁹ SA, Livro I, Passolargo, p. 179-180.

¹²⁰ SA, Livro V, O cerco de Gondor, p. 877.

Mais que medo e morte, talvez sejam o vazio e o não-ser, estão para além do mundo material, mas também não pertencem ao mundo dos mortos. O nada a que o mal conduz na concepção agostiniana oposta ao Ser do Sumo Bem. Se analisados de um ponto de vista cristão, entregaram suas almas ao mal em troca de poder e agora se encontram fora do alcance de qualquer forma de redenção. Pertencem à escuridão e conseqüentemente a seu senhor, Sauron, eles existem apenas pelo Anel, e por seu Senhor, e podem levar outros a esse estado de perdição, assim como quase ocorreu com Frodo quando ferido. Se Sauron é o mal incorpóreo e que paira como uma ameaça constante, seus cavaleiros são o mal que age concretamente no mundo. São as garras cruéis do seu Senhor que a tudo podem alcançar e corromper, assim como é descrito o mais terrível dentre eles:

Rei de Angmar de outrora, Feiticeiro, Espectro do Anel, Senhor dos Nazgûl, uma lança de terror na mão de Sauron, sombra de desespero.¹²¹

Eles nos advertem sobre as conseqüências trazidas por uma busca ilimitada e inconseqüente pelo poder: a ambição e egoísmo desmedidos, levando a degeneração e a perdição completa. E isso provocado pela opção da própria criatura, motivada pela tentação. E aqui entra o cerne de todo o enredo da narrativa, o Anel. O Um Anel, o Anel Governante, o Anel do Poder ou simplesmente o Anel. Uma jóia simples se comparadas a outras, um anel de ouro, liso, sem adornos ou inscrições visíveis, mas que, quando colocado no fogo, revela as palavras que guiam sua verdadeira natureza:

*Um Anel para todos governar, um Anel para encontrá-los,
Um Anel para todos trazer e na escuridão aprisioná-los*¹²²

Essas palavras resumem não só os objetivos do criador do Anel, mas também o modo como o artefato age sobre seus portadores. O Anel corrompe todos aqueles que o usam, mesmo que o usuário possua uma força de vontade extraordinária, esta será pouco a pouco minada e, no fim, muito provavelmente ele cederá ao poder do Anel. Podemos dizer que, de certa forma, ele desperta a soberba e o desejo de onipotência. Justamente a soberba, o grande pecado contra Deus, cometido por Lúcifer e Morgoth. Mesmo Frodo ao fim cede ao poder tentador oferecido pelo Anel. Sua oferta de poder é uma prisão.

¹²¹ Ibidem, p. 866.

¹²² SA Livro I, Livro I, A sombra do passado, p. 52.

Mas usá-lo é uma opção, ceder as suas ofertas de poder também. O Anel, como uma metáfora da tentação e da prova colocada a força de vontade e a fé, se assemelha à tentação do pecado. O pecado, com suas promessas de prazer e satisfação terrenas, tortura a consciência do cristão e, em especial, ao homem piedoso medieval, que procura todos os dias lutar contra a carne e contra os prazeres deste mundo. Ceder a ele é uma questão de força de vontade e escolha.

O Anel aqui não nos parece uma metáfora direta do pecado, ou elaborada para esse fim, mas nos faz pensar sobre os obstáculos e situações que tentam a integridade dos homens. Uma tentação interna, individual, assim como a salvação¹²³. O mal nesse mundo tolkieniano nos é mostrado como originado pela criatura, por meio de sua degeneração, mas se está sujeito a fatores externos como corrupção e tentação, possui uma origem interna e individual, sendo por fim, uma questão de escolha. A escolha individual entre concorrer voluntariamente para os planos que regem o destino do mundo ou se opor a ele, é nisso que consiste o pecado. A história é regida por Deus, e assim é regida por Ilúvatar. A seguir, aprofundemo-nos um pouco nessas concepções.

¹²³ Lembramos aqui que a salvação da alma na Idade Média passa a ter um caráter individual marcante apenas após o advento da concepção de Purgatório estabelecida a partir do século XIII. Se uma das interpretações possíveis do Anel é a tentação que leva ao pecado, marcante na consciência coletiva do homem medieval, essa marca de individualidade não aparece tão forte nesse período, se desenvolvendo apenas ao fim da Idade Média já com transformações na mentalidade. Para uma análise profunda do desenvolvimento do Purgatório e a relação com o desenvolvimento da individualidade ver LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1995; obra de referência central sobre o assunto.

HISTÓRIA E LEMBRANÇA: UM MUNDO EM DECLÍNIO

Porque nossa primavera e nosso verão já passaram [...] – Galadriel, Senhora de Lórien ¹²⁴

A história do mundo de Arda teve um começo e caminha para um fim pré-estabelecido pelas forças que a regem. Há um sentido para a história e, portanto, ela possui um caráter teleológico. Os sujeitos da história aparecem como homens ou elfos, mas estes realizam, por meio de sua ação no mundo, os desígnios de Ilúvatar. Os homens são os protagonistas dos acontecimentos, agindo por meio do seu livre-arbítrio, mas o Criador aparece como causa primeira da história, mesmo que não violente a liberdade humana, ele estipula seus rumos desde o início do mundo e aproveita todos os acontecimentos para o fim seja atingido. A providência do Único como uma mão invisível guia o curso dos acontecimentos:

Vocês vieram e estão aqui reunidos, neste exato momento, por acaso, como pode parecer. Mas não é assim. Acreditem que foi ordenado, que nós, e ninguém mais, encontremos uma solução para o perigo do mundo. ¹²⁵

O pensamento medieval relativo à história é similar. Segundo Woortmann, o pensamento medieval sobre a história tem de essencial a noção de que “a história humana não é uma história feita pelo homem” ¹²⁶, a história é regida por Deus. A história tem um fim determinado pelo plano divino, teleológica, e segue uma linearidade, essas concepções são bem ilustradas pela iconografia das catedrais, que refazem toda a história bíblica:

A catedral expressa uma idéia do mundo cristão que é essencialmente histórica, isto é, uma sucessão de fatos únicos, que só ocorrem uma vez. Criação, Queda, vinda do Redentor e história da Igreja por ele fundada, até o Juízo Final – a partir do qual haverá apenas a eternidade e, portanto, o fim da história. ¹²⁷

A história encontra suas forças motoras para além dela, é, pois, teocêntrica. Deus é eterno e imutável e, portanto, está fora do tempo e conseqüentemente da história:

¹²⁴ SA, Livro II, Adeus a Lórien, p. 392.

¹²⁵ SA, Livro I, O Conselho de Elrond, p. 251.

¹²⁶ WOORTMANN, Klaas. O selvagem na “Gesta Dei”: história e alteridade no pensamento medieval. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 25, nº 50, p. 219 – 314, 2005, p. 263.

¹²⁷ Ibidem. p. 273.

Como força atuante, a vontade de Deus, é sempre igual no tempo e no espaço e se manifesta externamente à vontade dos homens. A essência da história é buscada fora da história, tanto quanto a natureza do universo é buscada fora da física.¹²⁸

Os planos de Deus se realizam no tempo, a Encarnação é um acontecimento divino singular dotado de historicidade, mas o fim último está para além do tempo, na eternidade e na glória de Deus. Uma história de caráter escatológico, isto é: com “crenças relativas ao destino final do homem e do universo”¹²⁹. Da mesma forma é a história do mundo tolkieniano, é previsto um fim:

[...] outra [música] ainda mais majestosa será criada diante de Ilúvatar pelos coros dos Ainur e dos Filhos de Ilúvatar, após o final dos tempos. Então, os temas de Ilúvatar serão desenvolvidos com perfeição e irão adquirir Existência no momento em que ganharem voz, pois todos compreenderão plenamente o intento de Ilúvatar para cada um, e cada um terá a compreensão do outro; e Ilúvatar, sentindo-se satisfeito, concederá a seus pensamentos o fogo secreto.¹³⁰

Se a história na Idade Média era dotada de uma teleologia e seguia uma linearidade, para os medievos essa linearidade não ascendia para o melhor, pelo contrário, na história esse mundo material era um mundo em declínio, degenerando-se pouco a pouco. Assim como entre os antigos, que dividiram o tempo em Idades com uma degradação sucessiva do gênero humano, a Idade Média também conheceu essas teorizações. Teorias dividindo a história do mundo em três (Pai, Filho e Espírito Santo), quatro (associado às estações do ano), seis (conforme o número de dias da Criação) ou sete (está última prevista por Santo Agostinho como sendo o final dos tempos) Idades foram correntes. Woortmann comenta que a concepção das seis Idades imprimiu nos pensadores medievais uma visão melancólica sobre tempo em que viviam.

Huizinga aponta o pessimismo e melancolia dos homens em fins do século XV:

O pano de fundo de todos os modos de vida parecia negro. Por toda a parte as chamas do ódio se alteiam e a injustiça reina. Satã cobre com suas asas sombrias a Terra triste. Em vão a Igreja militante combate e os pregadores fazem sermões; o mundo permanece inconvertido. Segundo uma crença popular, corrente nos fins do século XV, desde o

¹²⁸ Ibidem, p. 272.

¹²⁹ LE GOFF, Jacques. Escatologia. In: *Enciclopédia Einaudi, Vol. 1: História – Memória*. ED. Portuguesa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p.425.

¹³⁰ TOLKIEN, J. R. R. *O Silmarillion*. Organizado por Christopher Tolkien. Tradução Waldéa Barcellos. 4 ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p.7

começo do Grande Cisma do Ocidente, que ninguém mais tinha entrado no Paraíso.¹³¹

O autor comenta que pesava sobre os espíritos daquela época uma forte melancolia e pessimismo em relação à vida. São imagens dramáticas e carregadas com o sofrimento em vida. “Eu, homem triste nascido num eclipse de escuridão e em densos nevoeiros de lamentações”¹³² diz Georges Chastellain, cronista dos duques de Borgonha no século XV. Não era o grau de infelicidade, ou felicidade como comenta Huizinga, que se mostrava mais alto do que em outros contextos históricos, mas antes uma sensibilidade daquele tempo que incitava a acentuar o lado triste da vida. O mundo estava velho, o tempo dos grandes milagres divinos e dos mártires santos parecia haver passado. A guerra, a miséria e injustiça pareciam ser a regra do mundo. Nada parecido com aquele passado iluminado retratado na Bíblia, de furor evangélico dos primeiros cristãos, ou mesmo do esplendor encontrado na Antiguidade Clássica.

Se a melancolia e a crença na decrepitude cobriram até certo ponto a cristandade medieval, ela se faz presente com grande força também na Terra-média. Expressões que denotam um envelhecimento e declínio do mundo são comuns por toda a narrativa de *O Senhor dos Anéis*. Os personagens se utilizam de expressões tais como “as sombras se adensam sobre o mundo”, “o mundo vai ficando cinzento”, “neste mundo em que as sombras aumentam” para expressar esse estado das coisas. Esse estado de espírito e expressões recorrentes se referem sem dúvida ao mal que cresce na Terra-Média, Sauron e sua Sombra espreitam o mundo livre, no entanto, esse declínio não parece ser totalmente advindo do mal, e nem poderá ser evitado com sua derrota.

O mundo envelhece, muitas coisas se perdem e o presente parece um reflexo opaco de um passado muito mais glorioso. Os elfos se lembram dos Dias Antigos, na aurora do mundo, os homens lamentam que os dias do grande rei sejam agora passado. A todo o momento esse passado é relembrado em detrimento do presente. Naquele tempo, os homens eram mais valorosos e nobres, os reinos mais grandiosos, as obras mais belas e a sabedoria mais profunda. Com o tempo, tudo isso foi se perdendo até o presente da Terra-média. Até mesmo a paisagem retrata essa queda, em vários locais da Terra-média podemos encontrar ruínas de antigas construções. Lembranças físicas do que “um dia já fora” grandes reinos de homens, agora ruínas tomadas pela vegetação. A nostalgia do filhos de Ilúvatar pelo seu tempo dourado assemelha-se a admiração que os

¹³¹ HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa : Ulisseia, s/d, p.29.

¹³² Ibidem, p. 34.

medievais nutriam pela Antiguidade Clássica, uma admiração melancólica, de um tempo glorioso mas já passado.

É chegado o fim do tempo dos elfos, primogênitos de Ilúvatar, todos eles estão partindo pouco a pouco da Terra-média, deixando o domínio para os homens. Com eles levarão toda a sabedoria e encanto dos Dias Antigos. A Floresta Dourada, Valfenda, dentre outras realizações do povo imortal, não mais existirão. Entre os homens, a decadência também é visível, a linhagem dos homens estaria enfraquecendo progressivamente. As casas nobres, antigas provedores de valorosos guerreiros e homens sábios, míngum, até mesmo a idade alcançada pelas estirpes humanas mais nobres está diminuindo. Mesmo com o fim do Senhor do Escuro, o mundo passará da “primavera para o outono”. E o que expressa Galadriel, Senhora da Floresta dourada, ao dizer que “[...] nossa primavera (dos elfos) e nosso verão já passaram, e nunca mais serão vistos de novo na terra, a não ser em lembranças”.¹³³

A personagem Galadriel representa bem esse passado, tanto ao figurar como sábia, originária dos Dias Antigos, como pelas suas palavras. É dela a canção *Namarië*, que poderia ser traduzida por *Adeus*, conhecida também por *Lamento de Galadriel*:

*Ai! Laurië lantar lassi súrinen
Yéni únótimē vē rámar aldarón!
Yéni ve lintë yuldar avánier
mi oromardi lisse-miruvóreva
Andunë pella, Vardo tellumar
nu luini yassen tintilar i eleni
ómaryo airetári-lírinen.*

Sí man i yulma nin enquantuva?

*Na si Tintallë Varda Oiološë
ve fanyar máryat Elentári ortanë
ar ilyë tier undulávë lumbulë
as sindanóriello caita mornë*

*i falmalinna imbë met, ar hisië
untúpa Calaciryo míri oialë.
Sí vanwa na Rómello vanwa, Valimar!*

*Namárië! Nai hiruvalië Valimar.
Nai elyë hiruva. Namarië!*¹³⁴

¹³³ SA, Livro II, Adeus a Lórien, p. 392.

¹³⁴ Ibidem, p.394 – 395. Segue a tradução: "Ai, como ouro caem as folhas ao vento, longos anos inumeráveis como as asas das árvores! Os longos anos se passaram como goles rápidos do doce hidromel

Uma canção nostálgica se referindo a um passado remoto, a terras distantes além do Oeste, onde o paraíso desse mundo se encontra. A canção é de adeus a um tempo e a um lugar que se encontram agora inalcançáveis. Por ser Galadriel a autora da canção, o seu conteúdo traz expressões e temas um pouco obscuros. Termos poéticos como Varda (o poder angélico responsável pela criação e brilho das estrelas), ou Oioloseö (Monte Semprebranco) escapam a compreensão não só do leitor, mas também de grande parte dos personagens da trama, a própria língua da canção não é de uso corrente na Terra-média.

A canção é composta em quenya, língua antiga e cerimonial conhecida no tempo da narrativa somente pelos elfos, mestres das tradições e estudiosos do conhecimento antigo. O conhecimento desses mais sábios se distancia de um saber mais popular difundido entre os incultos, assim como a muito discutida relação de saberes letrado e leigo na sociedade medieval, onde se tinha uma cultura erudita baseada na escrita e no conhecimento do latim e dos clássicos, e um saber popular transmitido oralmente. A tradição antiga, o quenya e os saberes dos sábios, chegam ao leigo da Terra-média de forma apagada, é preservado pelos “mais simples e pequenos”, principalmente por meios orais. No entanto, esse conhecimento menos refinado é também valorizado, como nesses dizeres de Celeborn, Senhor élfico:

Mas não despreze a tradição que vem de anos longínquos; talvez as velhas avós guardem na memória relatos sobre coisas que alguma vez foram úteis para o conhecimento dos sábios.¹³⁵

A memória é algo muito valorizado no mundo da narrativa. Ela encerra a tradição, o conhecimento que progressivamente vem se perdendo. Por meio da lembrança, é revivido o passado glorioso. Ao se cantar antigas canções ou ao se recitar antigos poemas épicos, a tradição se mantém, o passado continua sendo louvado, a memória preservada. Esse material cultural preservado exerce um importante papel na Terra-média que cultiva a nostalgia e o passado. Poemas, canções, lendas e feitos narrados que de certa forma são o substrato mítico desse mundo.

em salões altos além do Oeste, sob as abóbadas de Varda onde as estrelas tremem na canção de sua voz, de santa e rainha. Quem agora há de encher-me a taça outra vez? Pois agora a Inflamadora, Varda, a Rainha das Estrelas, do Monte Semprebranco ergueu suas mãos como nuvens, e todos os caminhos mergulharam fundo nas trevas; e de uma terra cinzenta a escuridão se deita sobre as ondas espumantes entre nós, e a névoa cobre as jóias de Calacirya para sempre. Agora perdida, perdida para aquele do Leste está Valimar! Adeus! Talvez haja de encontrar Valimar. Talvez tu mesmo hajas De encontrá-la. Adeus!”

¹³⁵ Idem, p. 390.

Mais uma Era do mundo chega ao fim. Ela terminará com o reinado de Aragorn, possivelmente o último homem a carregar consigo características da raça altiva que os homens um dia já foram. Aragorn, rei de Gondor, monarquia que examinaremos a seguir.

ARAGORN, O REI TAUMATURGO

[...] e havia força e cura em suas mãos.¹³⁶

A linhagem real de Gondor foi, em tempos passados, a monarquia mais importante da Terra-média. Seus reis descendem dos homens do lendário reino de Númenor. Esse reino, agora perdido sob as ondas do mar ocidental, foi governado pela mais alta estirpe dos homens e, antes de sua destruição, alguns deles chegaram até a Terra-média, fundando um reino forte e poderoso. Mas com o tempo, assim como as demais coisas desse mundo, a monarquia declinou.

Na época da Guerra do Anel a monarquia de Gondor está prestes a ser restaurada. Aragorn, da Sociedade do Anel, é o último descendente dos antigos reis dos homens, e deve reivindicar para si o trono guardado pelos regentes. Mas para que haja um reconhecimento legítimo de seu direito de governar, Aragorn deve portar certos sinais. Em primeiro lugar, ele possui a Espada Quebrada de Elendil, guardada por gerações de homens e símbolo da linhagem dos reis. Mas é necessário algo mais, uma habilidade ou um dom que todo monarca possuía e atestava sua dignidade real: o rei de Gondor possui o dom da cura pelas mãos. Uma característica muito interessante que merece ser examinada à luz dos paralelos que vimos tecendo com o imaginário medieval. Aos reis da França e Inglaterra desde o período medieval até o entrar do período moderno se creditava dom semelhante.

Recapitulemos a narrativa de *O Senhor dos Anéis* durante o cerco da cidade de Minas Tirith pelas forças de Mordor. Muitos são mortos, outros tantos são feridos. As Casas de Cura, lugar de socorro aos doentes e feridos, estão cheias de combatentes, necessitando de atendimento. Mas existe um mal mais sério do que os ferimentos físicos infligidos em batalha.

Os Espectros do Anel participam da batalha e podem provocar um mal mais terrível, “uma enfermidade que não podia ser curada; chamavam-na Sombra Negra, pois vinha dos nazgûl. Aqueles acometidos por ela caíam lentamente num sonho cada vez mais profundo, entrando então no silêncio e numa frieza mortal, e assim morriam”¹³⁷. Dentre as vítimas dessa enfermidade estão Faramir, filho do regente da cidade, Éowyn sobrinha do rei de Rohan e Pippin ferido junto de Éowyn no combate contra o líder dos

¹³⁶ SA, Livro VI, O Regente e o Rei, p. 1026.

¹³⁷ SA, Livro V, As Casas de Cura, p. 910

nazgûl. Os curadores das Casas não sabem como combater essa aflição e se lamentam pelo pouco que podem fazer. Nesse momento antigas tradições são lembradas:

Então uma senhora idosa, Ioreth, a mais velha das mulheres que trabalhavam naquela casa, olhando no belo rosto de Faramir, chorou, pois todo povo o amava. E ela disse: Ai de nós se ele morrer! Ah, se houvesse reis em Gondor, como contam que havia outrora! Pois diz a sabedoria antiga: *As mãos do rei são as mãos de um curador*. Dessa maneira, sempre se sabia quem era o verdadeiro rei.¹³⁸ [grifos do autor]

As mãos do rei são as mãos de um curador, sim, mas naquele momento o trono estava vazio, e portanto não poderia se lançar mão desse recurso como lamenta Ioreth. É nessa situação que um guerreiro desconhecido do povo da cidade demonstrará fantásticas habilidades de cura. Assim diz o mago Gandalf:

Pois só com a chegada de Aragorn haverá esperança para os enfermos que jazem na Casa. Pois assim falou Ioreth, mulher sábia de Gondor: *As mãos do rei são as mãos de um curador, e dessa forma o verdadeiro rei será conhecido*.¹³⁹

Assim, Aragorn revelará e ao mesmo tempo reivindicará o direito à realeza. Vamos então acompanhar o processo de cura de Faramir e observar como Aragorn exercerá seu dom taumaturgo. Ele necessitará de uma erva específica, de grandes poderes, já esquecida e não mais utilizada para tal fim, sendo apenas lembrada nas “rimas de dias antigos, que mulheres como nossa boa Ioreth ainda repetem sem entender”¹⁴⁰:

*Quando o sopro negro desce
E a sombra da morte cresce
E toda luz se esfaz,
vem athelas! vem athelas!
Vida dos que morrendo estão,
Que o rei detém em sua mão.*¹⁴¹

Essa rima antiga não só explicita o poder de cura da athelas, mas também a associa diretamente ao rei e ao dom de cura de suas mãos. Essa associação se tornará mais forte ainda se atentarmos para o fato de que outro nome para athelas é folha-do-rei. Por esses versos podemos perceber o poder taumatúrgico do rei (Vida dos que morrendo

¹³⁸ SA, Livro V, As Casas de Cura, p. 910 – 911.

¹³⁹ Idem, p. 913.

¹⁴⁰ Idem, p. 915.

¹⁴¹ Idem, p. 915.

estão/ Que o rei detém em sua mão) associado tanto a athelas, (vem athelas!/vem athelas!), quanto a um tipo específico de enfermidade (Quando o sopro negro desce). Temos então uma relação entre o rei, a planta curativa, e uma doença específica. Sigamos acompanhando o ofício taumaturgo de Aragorn

Agora Aragorn estava de joelhos ao lado de Faramir, com uma mão sobre sua fronte. Os que observavam sentiam que alguma grande luta estava acontecendo. Pois o rosto de Aragorn ficou cinzento de tanto cansaço; de vez em quando chamava o nome de Faramir, mas sua voz saía cada vez mais fraca, como se o próprio Aragorn estivesse longe dali, vagando em algum vale escuro e distante, chamando alguém que tivesse perdido.

[...]

Então, pegando duas folhas, colocou-as nas mãos e soprou nelas, amassando-as em seguida; imediatamente um frescor de vida encheu o quarto, como se o próprio ar tivesse despertado e estremecido, faiscando de alegria. Depois Aragorn jogou as folhas nas tigelas de água fumegante que lhe foram trazidas, e na mesma hora todos os corações ficaram mais leves. Aragorn se levantou reconfortado, e seus olhos sorriram no momento em que aproximou a tigela do rosto dormente de Faramir.

[...]

De repente Faramir se mexeu, e abriu os olhos, fitando Aragorn que se debruçava sobre ele; uma luz de consciência e amor se ascendeu em seu olhar, e ele falou numa voz baixa. – O Senhor me chamou. Estou aqui. Qual é a ordem do rei?¹⁴²

Por essas passagens podemos ter uma noção do processo de cura como um todo. O doente se encontra inconsciente, sua enfermidade afeta-lhe o espírito. O rei então entra como que em transe, ou numa espécie de luta mental. Utiliza-se então da erva athelas e essa mostra uma qualidade salutar excepcional. Conjuntamente, o dom do rei e a virtude medicinal da planta agem sobre o enfermo e lhe devolvem a saúde. Faramir acorda como se tendo sido chamado e reconhece seu rei taumaturgo. A virtude taumatúrgica é atestada e conseqüentemente a virtude real. Segue a exclamação de Ioreth:

- Rei! Você ouviu isso? Que foi que eu disse? As mãos de um curador, foi isso que eu disse. – E logo da Casa propagou-se a notícia de que o rei verdadeiramente estava entre eles, e depois da guerra trouxera a cura, e as novas se espalharam pela cidade.¹⁴³

¹⁴² Idem, p. 915 – 916.

¹⁴³ Idem, p. 916.

Os feitos de Aragorn se espalham, o rei finalmente voltara a Gondor trazendo a cura às vítimas da guerra. Na sequência Aragorn cura Éowyn, Pippin e outros.

Lancemos um olhar agora ao reis taumaturgos da França e Inglaterra. O estudo sobre o toque milagroso desses reis foi feito na clássica obra *Os Reis Taumaturgos* de Marc Bloch. O autor esmiúça o milagre do toque das escrófulas, cuja crença perdurou por séculos na Europa, se iniciando no período medieval e desaparecendo somente na considerada época moderna, perdurando até o século XVII. Esse milagre que seria realizado pelos reis franceses e ingleses curaria os acometidos pelas escrófulas, da mesma forma, o rei de Gondor teria poderes contra determinada enfermidade. Acreditamos ser possível fazer um paralelo entre o rei de Gondor e os taumatúrgicos da França e Inglaterra.

Num evento narrado por Bloch, por volta de 1340, às vésperas do início da Guerra dos Cem anos, um emissário inglês tenta angariar apoio italiano à sua causa. Para isso, o emissário cita um desafio que Eduardo III da Inglaterra teria feito a Filipe de Valois a fim que esse provasse seu direito de ocupar o trono da França:

Se Filipe de Valois fosse, como ele afirmava, o verdadeiro rei da França, que ele o demonstrasse expondo-se a leões famintos, pois os leões jamais ferem um verdadeiro rei; ou que realizasse o milagre da cura de doentes, como costumavam realizar os outros verdadeiros reis.¹⁴⁴

Essa passagem é muito significativa. Por mais que possa ser entendido apenas como um artifício utilizado pelo diplomata inglês a fim de conseguir o apoio de Veneza a sua causa, se usado a título de argumento isso demonstra a força da crença nessas palavras. Que cura era essa realizada pelos reis?

Acreditava-se que por meio de uma ritualização correta e do toque da mão real no corpo dos doentes estes estariam livres das escrófulas, hoje moléstia conhecida como adenite tuberculosa. Basicamente:

Os reis tocavam com as mãos os doentes – ao que parece, mais amiúde as colocando sobre as partes infectadas. [...] A esse velho gesto mágico acrescentavam outro, também ele tradicional em seu tempo, mas especificamente cristão: o sinal da cruz feito sobre os pacientes ou sobre as feridas destes.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Citado em BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 41.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 91 – 92.

A essa fórmula básica existiram algumas variações de um e de outro lado do canal da Mancha, como diz Bloch. Na França, a partir do século XVI, são registradas as palavras: “O rei te toca, Deus te cura”, somadas ao ritual do toque; na Inglaterra desenvolveu-se o hábito de seguido o toque dar ao doente uma peça monetária, dentre outras. Mas a fórmula básica se manteve a mesma. O mesmo acontece com o rei de Gondor com um ritual mantido similar nas diversas ocasiões em que é empregado.

Prossigamos com Bloch em nossa comparação entre o milagre dos reis-médicos e nosso rei de Gondor. O dom da cura real se efetivava apenas sobre um tipo específico de doença, as escrófulas. É claro que naquela época colocava-se sob essa denominação uma gama de moléstias semelhantes, não só as adenites tuberculosas propriamente ditas, no entanto o saber daquele tempo as considerava como tal. A eficácia das mãos do rei para a crença coletiva não se realizavam em casos que fugissem a esse campo. Logo temos uma especificidade. O rei de Gondor guardava essa especificidade? De certa forma. A eficácia se demonstrava formidável nos casos de Sombra Negra, mas podemos encontrar Aragorn utilizando seu dom em ferimentos de guerra, por exemplo, usando a mesma erva. A tradição parece direcionar a taumaturgia do rei, mas esta poderia ser aplicada em outros casos, não era o caso de nossos reis europeus.

Somente as linhagens da França e Inglaterra conseguiram estabelecer a crença no milagre. Outras casas reais, embora tendo havido tentativas, não obtiveram esse êxito e o milagre do toque permaneceu uma exclusividade das casas francesa e inglesa. Na Terra-média, a taumaturgia encontrada nas mãos do rei de Gondor era única.

De onde advinha esse milagre? Para nossos reis europeus, a mentalidade da época atribuiu sua origem à boa-vontade de Deus para com essas linhagens reais. Além disso, os reis eram, a certo nível, homens sagrados, ungidos com o santo óleo. O milagre procedia do divino, sem dúvida, mesmo que este tenha sido passado às casas da Inglaterra e França. Em Gondor, a origem pode não parecer tão clara, o leigo atribuía a cura a um dom sobrenatural do rei, mas podemos interpretá-la também como uma habilidade guardada pela linhagem dos reis. Lembremos que a dinastia de Gondor descendia dos homens do Ponente, de Númenor, e essa era uma estirpe dotada de conhecimentos e habilidades diversas, muitas delas perdidas nos anos. A taumaturgia de Gondor pode ser vista entre a habilidade e sabedoria de um passado esquecido e um dom desenvolvido por uma linhagem real.

SENSIBILIDADE MEDIEVAL: *FIDES* E AMIZADE

[...] iremos ao seu lado; seguiremos você como cães.
- Merry.¹⁴⁶

Na iminência da batalha que se desenrolaria nos Campos de Pelennor, Théoden, o rei de Rohan, incita seus homens à guerra. Ao fim dessa breve exortação à luta ele pronuncia uma frase muito significativa: “Fizeram juramentos: agora devem cumpri-los todos, ao senhor, à terra e à aliança de amizade”¹⁴⁷. Juramento ao senhor, à terra de onde vieram e aos laços de amizade. Laços que enredavam uns aos outros, formando uma infundável rede de obrigações e ajuda mútua. Laços esses que foram fundamentais para a organização do ocidente medieval, econômica, social e politicamente. Refletidos de certa forma nas palavras de Théoden, é indispensável uma análise dos mesmos. Homens que juraram a um senhor, que formaram alianças. Esse laço homem a homem que encontrou sua maior expressão na instituição da vassalagem.

Mas para compreendê-lo, antes é necessário compreender a organização da sociedade medieval como um todo. E essa organização foi muito bem expressa por Adalberão de Laon:

Tripla é pois a casa de Deus que se crê una: em baixo, uns rezam (*orant*) outros combatem (*pugnant*), outros ainda trabalham (*laborant*); os três grupos estão juntos e não suportam ser separados; de forma que sobre a função (*officium*) de um repousam os trabalhos (*opera*) dos outros dois, todos por sua vez entreajudando-se¹⁴⁸.

Adalberão, bispo de Laon, e Gerardo, bispo de Cambrai, formularam em texto escrito no século XI aquilo que a muito estava sendo constituído no ocidente medieval: a representação trifuncional da sociedade. Seguindo o clássico trabalho de Georges Duby, *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*, examinemos cada uma das idéias contidas nesse trecho.

Tripla seria a casa de Deus na terra. Havia aqueles cuja função seria orar e realizar o trabalho do Senhor, o clero garantiria o intermédio com o divino, e trabalharia para a salvação de todos. Aos guerreiros caberia a função de proteger a Igreja e o rebanho cristão. Garantir a segurança da cristandade a fim de que ela não caísse frente

¹⁴⁶ SA, Livro I, Conspiração desmascarada, p. 109.

¹⁴⁷ SA, Livro V, A cavalgada dos rohirrim, p.885.

¹⁴⁸ DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982, p. 16.

aos inimigos do Cristo. Orar e guerrear, ofícios indispensáveis mantidos por um terceiro, composto pela maior parte dos homens dessa terra. Camponeses e servos que por meio do seu trabalho mantinham os dois ofícios hierarquicamente superiores.

Hierarquia sim, pois Deus demandava ordem em sua casa, estabelecida de acordo com a nobreza do ofício. Em primeiro lugar aqueles que guiavam o povo de Deus, *oratores*, intermediando o celeste com o terreno. Em seguida os guerreiros, *bellatores*, defendendo a Cruz, e por último *laboratores*, que por meio de seu trabalho, especialmente pelo cultivo da terra, garantiam o sustento de todo o conjunto. Ordem, disciplina, mantida por uma hierarquia. Assim havia sido estabelecido pelo Criador, assim se mantinha o equilíbrio do universo.

Igualdade? Não, antes harmonia. E “para tornar suportável a disciplina, tolerável a desigualdade, é bom fazer crer que na sociedade cristã [...] o amor une os corações. *Concórdia*. Um só coração” ¹⁴⁹. A comunidade dos homens era uma, o amor fraterno os unia. Para que fosse mantida era necessária a manutenção desses papéis, instalar a hierarquia, mas guiada pela concórdia, união e interdependência. A manutenção harmônica do todo garantia o bem comum e a vontade de Deus. Para isso, era indispensável que cada um cumprisse o que fora determinado a fazer. Manter-se na função determinada. Hierarquia e ordem visando à harmonia, um conjunto objetivando a concórdia. Pois como disse o bispo de Laon esses três papéis “não suportam ser separados”, sendo que, nas palavras de Gerardo de Cambrai, “cada um é o objeto, por parte dos outros dois, de um recíproco cuidado” ¹⁵⁰. Enfim, ternaridade, pois “desde a origem, o gênero humano se dividiu em três [...]” ¹⁵¹.

De onde provinha esse modelo? Certamente que assim era na Cidade Celeste. Conforme Le Goff, “não havia divisões estanques entre o mundo terrestre e o além”¹⁵², sendo assim, o modelo primordial era sempre aquilo que havia no reino dos céus, que de um modo imperfeito, se refletia cá embaixo no mundo terreno. Do mesmo modo a Cidade Celeste seguia uma hierarquia:

Que a criação não pode governar-se em igualdade é o que nos demonstra o exemplo das milícias celestes: há anjos e arcanjos que,

¹⁴⁹ Ibidem. p. 89.

¹⁵⁰ Ibidem. p. 17.

¹⁵¹ Ibidem. p. 16.

¹⁵² LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa 1983, p. 192.

manifestamente, não são iguais, diferindo uns dos outros pelo poder (potestas) e pela ordem (ordo).¹⁵³

Se, mesmo entre os anjos, existe uma hierarquia na qual os maiores em poder e ordem são superiores, por que seria diferente na sociedade dos homens? As hostes angelicais se dividiam em nove ordens, divididas em três tríades. Mais próximos de Deus está a tríade dos Serafins, Querubins e Tronos. Soberanias, Virtudes e Potestades formariam a segunda, e por fim Principados, Arcanjos e Anjos. Uma ternaridade celeste, imutável e hierarquizada, mas sempre em concórdia, concorrendo para o equilíbrio do todo, cada um executando seu papel na ordem das coisas. Seguindo essa ordem e imediatamente a baixo se estendia a sociedade terrena. Uma ordem advinda do divino se prolongando ao terreno, dessa forma:

Este pensamento paralisante, que impede os homens de tocar no edifício da sociedade terrestre sem, ao mesmo tempo, abalar a sociedade celeste e que aprisiona os mortais nas malhas da rede angelical, sobrepõe aos ombros dos homens, ao peso dos senhores terrestres, a carga da pesada hierarquia angélica. [...] Pois, de facto, não só o mundo celeste é tão real como o mundo terrestre mas ainda por cima eles são *um só mundo*, uma inextricável mistura que prende os homens na rede de um sobrenatural que vive.¹⁵⁴ [grifos nossos]

Um só mundo, assim era percebido o conjunto celestial e mundano pelo homem medieval. Assim, o equilíbrio era imutável e a ordem não deveria ser alterada. Um reflexo imperfeito do outro. A própria potência divina não se mostrava em uma Trindade? Os modelos sempre retirados do alto, assim como de Miguel Arcanjo “que ‘a cavalaria terrestre e as proezas cavaleirescas’ extraíram a sua origem”¹⁵⁵.

Uma única família universal regida por Deus Pai. Pai e Senhor, não nos esqueçamos, pois todos os cristãos haviam se comprometido com Ele por meio da crença e do batismo. Uma relação que se caracterizava ao mesmo tempo pelo afeto e pela submissão. Amar e temer a Deus. Características essas presentes nos laços entre os homens dessa sociedade. Aqui reecontramos a instituição da vassalagem.

Se a vassalagem foi o elemento que regulou as relações políticas e econômicas da época, estabelecendo uma rede de dependências e influências, não foi menos importante no campo mental e sensível da época. Muito mais do que movimentar a

¹⁵³ DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982. p. 14.

¹⁵⁴ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa 1983. p. 205.

¹⁵⁵ HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d. p. 69.

economia daquilo que mais tarde denominou-se feudalismo, a vassalagem era a “união de corações entre duas pessoas - ou melhor, entre um grupo de guerreiros e o seu chefe”¹⁵⁶. E esse será o aspecto dessa relação observado aqui.

As alianças definidas pela expressão “ser homem de outro homem”, como afirma Marc Bloch¹⁵⁷, foram amplamente difundidas no Ocidente Medieval. O camponês poderia ser caracterizado como sendo o homem do senhor, mesmo que isso não fosse uma relação propriamente vassálica. Este, por sua vez, poderia estar ligado a outro senhor, sendo o homem deste. A variedade de relações é rica, diferenciando-se pelos homens envolvidos nelas, ou pelas regiões em que eram estabelecidas. A vassalagem e as relações pessoais estabelecidas entre os homens do medievo foram esboçadas por Bloch, Le Goff e Duby em seus estudos clássicos e serão os referenciais de nossa discussão. O ritual de vassalagem possuía um simbolismo muito significativo e se constitui de três partes:

Eis dois homens a frente: um quer servir; o outro, que aceita, ou deseja, ser chefe. O primeiro une as mãos, e assim juntas, coloca-as nas mãos do segundo: claro símbolo de submissão, cujo sentido, por vezes, era ainda acentuado pela genuflexão.¹⁵⁸

Nesse trecho, Bloch descreve o momento que Le Goff aponta como sendo o primeiro momento da cerimônia: a homenagem (*hominium*). Ao *immixtio manuum*, ato das mãos do senhor envolver as do vassalo, se soma o ato verbal do comprometimento: “O conde perguntou (ao futuro vassalo) se queria tornar-se eu homem sem reservas e este respondeu: quero!”¹⁵⁹. Constituído de dois atos, a homenagem é imbuída da submissão do futuro vassalo ao seu futuro senhor. Essa submissão se expressa tanto ao nível do gesto, já que são as mãos do senhor a envolver as do vassalo, quanto ao nível da palavra, pois é o senhor que interpela o vassalo e este o responde. Reconhece-se que o vassalo em posição inferior se coloca ao serviço e subordinação a um superior.

O segundo momento do ritual vassálico é o da fé, a fidelidade, em latim *fides*. Se a homenagem retrata a hierarquia da relação, a *fides* ressalta a igualdade, e também se constitui de dois atos: “Enfim, serás meu, disse o imperador que, após o haver recebido pelas mãos o beija. E logo que foi trazido um evangeliário, o abade lhe jurou

¹⁵⁶ DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982. p. 89.

¹⁵⁷ BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, s/d.

¹⁵⁸ Ibidem. p. 160.

¹⁵⁹ Citado em LE GOFF, Jacques. O ritual simbólico de vassalagem. In: *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993, p. 329.

fidelidade”¹⁶⁰. O *osculum*, beijo na boca, dado nessa fase do cerimonial é visto por Le Goff como um símbolo de reciprocidade entre as partes que de certo modo se reconhecem enquanto iguais. Le Goff observa que o beijo era, na maioria das vezes, negado nas cerimônias que envolvia mulheres em uma das partes. Mais do que um motivo de pudor, o beijo parecia que lhes era negado por questão de desigualdade entre homem e mulher. Segue-se a ele o juramento de fidelidade, desta vez sobre relíquias, ou a bíblia. A partir de então, o vassalo se torna “homem de boca e mãos” de seu senhor. Se “o primeiro acto do ritual, [...] cria, entre senhor e vassalo, uma relação de desigualdade [...] a *fé* modifica sensivelmente as coisas”¹⁶¹.

Por fim temos a investidura do feudo, ato por meio do qual o senhor passava ao seu novo vassalo o domínio de um feudo. O feudo, a terra, não se inseria num sistema de direito privado ou puramente econômico, mas integrava o conjunto simbólico que era o ritual de vassalagem. Por meio da entrega de um objeto simbólico pelo senhor, que variava conforme a natureza da terra cedida, ao vassalo se transmitia o usufruto do feudo.

Temos, portanto, uma relação que poderia ser vista como uma espécie de “isonomia hierarquizada” mesmo que os termos parecem contraditórios. Na conclusão de Le Goff:

Assim como os cristãos se tornaram membros da família cristã pelo baptismo, assim como se tornaram fiéis – fiéis, portanto cristãos – também os vassalos que se tornaram mebro da família senhorial pela investidura se tornaram fiéis – *Fiéis, portanto Vassalos*.¹⁶² [grifos do autor]

Transmissão de poder político e econômico sim, mas inseparavelmente ligados a planos mentais ligados a sensibilidades e valores da época. E o mesmo se faz de modo inverso, essa instituição não se faz apenas no plano do imaginário sensível ao real, se estende e faz parte constituinte e organizadora da dinâmica social. Os laços pessoais foram, portanto, um elemento de fundamental importância para a organização da sociedade medieval. Laços que ao transcender as relações pessoais, amalgamavam-se pela fé e elevavam ao modelo celestial as ligações humanas. A igualdade reconhecida entre esses homens, mas feita de modo hierárquico, assim como a ordem das coisas exigia. Todos eram fiéis, todos estavam comprometidos seja a um senhor, à Igreja, em

¹⁶⁰ Ibidem. p. 333.

¹⁶¹ Ibidem. p. 343.

¹⁶² Ibidem. p.385.

última instância a Deus, Senhor de todo o universo. A Ele toda a cristandade havia se comprometido.

Todos na ordem, na qual a instituição vassálica estava perfeitamente inserida. Não só esses laços pessoais existiam, a eles se somavam outros como a fidelidade e solidariedade de linhagem, os “amigos carnis” como diz Bloch: “dois laços que freqüentemente são considerados em planos iguais, por serem igualmente fontes de sujeição, e que parecem estar cima de todos os outros”¹⁶³. Uma noção de fidelidade que nos faz lembrar, e parece se aproximar, às relações de amizade. É por meio dessa face que a *fides* parece mostrar-se em *O Senhor dos Anéis*.

Em nossa incursão pela Terra-média, encontraremos juramentos e a relação entre senhor e seus homens é freqüente. A lealdade a um comandante, um rei ou senhor poderoso e os laços de amizade entre eles são constantes. Citamos no início a fala de Theodén de Rohan, reino o qual era ligado a Gondor por laços dessa natureza. Tolkien nos trás duas situações para as quais gostaríamos de chamar atenção. A primeira delas e o juramento de Pippin:

[...] Preste-me seu juramento agora.

- Pegue o punho – disse Gandalf – e fale depois do Senhor, se estiver resolvido em relação a isso. – Estou – disse Pippin.

O velho colocou a espada sobre o seu colo, e Pippin pôs a mão no punho, e disse devagar, repetindo as palavras de Denethor:

- Aqui juro fidelidade e serviço a Gondor, e ao Senhor e Regente do reino, falando e calando, agindo e não agindo, vindo e indo, na necessidade e na fartura, na paz e na guerra, na vida ou na morte, desta hora em diante, até que meu senhor me libere, ou a morte me leve, ou o mundo acabe. Assim, digo eu, Peregrim, filho de Paladin do Condado dos Pequenos.

- E isso eu escuto, Denethor, filho de Ecthelion, Senhor de Gondor, Regente do Alto Rei, e não me esquecerei, nem deixarei de recompensar o que me foi oferecido: fidelidade com amor, coragem com respeito, perjúrio com vingança.¹⁶⁴

Aqui o hobbit não recebe a investidura de um feudo, não há um beijo selando a fidelidade entre esses dois homens, dentre outros elementos característicos da cerimônia estudada pelos nossos medievalistas. Mas a idéia, o valor se mantém muito próximo. Um homem se submetendo a outro. Nesse caso Pippin se submete ao serviço de Denethor, pois se considera em dívida com esse Senhor, já que Borormir filho do Senhor, morre para que o hobbit se salvasse. Um ato pelo outro, sendo que a relação de

¹⁶³ BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, s/d. p. 140.

¹⁶⁴ SA, Livro V, Minas Tirith, p.798-799.

submissão é acentuada. Mas os valores estão presentes: fidelidade, amor, vingança, esta tão comum na sociedade medieval, opondo linhagens umas as outras por meio da *vendeta*¹⁶⁵. Sigamos com o juramento de Merry a Theodén:

- Eu tenho uma espada – disse Merry [...] Cheio de um súbito afeto por aquele velho, ajoelhou-se sobre um dos joelhos, tomou-lhe a mão e beijou-a. – Permita-me depositar a espada de Meriadoc do Condado em seu colo, Rei Théoden! – exclamou ele – Aceite meu serviço, se lhe aprouver!

- Aceito com satisfação – disse o rei, e, colocando as longas e velhas mãos sobre os cabelos castanhos do hobbit, abençoou-o – Levante-se agora, Meriadoc, escudeiro de Rohan, da casa de Meduseld!¹⁶⁶

Observamos aqui um diferencial importante. A relação se estabelece por afeto. Merry, tomado por admiração e afeto pelo rei, se coloca ao seu serviço. As relações pessoais na Terra-média parecem adquirir mais fortemente esses traços. Isso nos remete a Simmel e suas reflexões a cerca da fidelidade e gratidão. Para Simmel essas são fundamentais à manutenção da sociedade tal como conhecemos. A fidelidade complementa e mantém a duração de todas as outras relações baseadas em amor, amizade e patriotismo. A gratidão através de “[...] as suas incontáveis ramificações através da sociedade tornam-na num dos mais poderosos instrumentos de coesão social”¹⁶⁷. Esses dois “aglutinadores sociais”, além de criarem pontes entre os indivíduos, adentram o campo dos sentimentos e valores e são como “sentimentos sociológicos”. Esses sentimentos aparecem de forma muito valorizada e central aos laços pessoais do medievo e conseqüentemente em *O Senhor dos Anéis*. Nos trechos anteriores, vemos Pippin se comprometer por gratidão, afinal foi graças ao filho de seu futuro senhor que pode se salvar e, portanto, está em dívida com ele. Na segunda passagem, Merry se compromete por afeto.

São relações imbuídas de valores como respeito, admiração e afeto que constroem laços de fidelidade e amizade. Subordinação mais do que por hierarquia, é o afeto e admiração que leva ao estabelecimento do vínculo. Relações que extrapolam a relação comandante comandado e aparecem em nível de iguais. É o que expressam as palavras de Merry, logo no início da jornada rumo a destruição do anel:

¹⁶⁵ Ver BLOCH, Marc. *A vendetta*. In: *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, s/d. p. 141-145 e HUIZINGA, Johan. O teor violento da vida. In: *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d. p. 9-30.

¹⁶⁶ SA, Livro V, A passagem da Companhia Cinzenta, p. 822.

¹⁶⁷ SIMMEL, Georg. Fidelidade e Gratidão. In: *Fidelidade e Gratidão e Outros Textos*. Relógio D'Água Editores, 2004, p. 43.

Você precisa ir – portanto nós precisamos ir também.¹⁶⁸

Pode confiar em nós para ficarmos juntos com você nos bons e maus momentos – até o mais amargo fim. E pode confiar também que guardaremos qualquer um de seus segredos – melhor ainda do que você os guarda para si. Mas não pode confiar que deixaremos que enfrente problemas sozinho, e que vá embora sem dizer uma palavra. Somos seus amigos, Frodo, [...] Estamos com um medo terrível – mas iremos ao seu lado; seguiremos você como cães.¹⁶⁹

Não são como palavras de um juramento espontâneo de amizade? Ao respeito parece sempre somar-se o amor. Assim, da inicial divergência racial entre Gimli, o anão e Legolas, o elfo, o companheirismo que passam a compartilhar na jornada levam os dois a construir uma amizade que os ligará pela vida inteira. Não só entre os dois, mas entre os nove que formaram a Sociedade do Anel. Assim o anão segue Aragorn como diz Legolas “pelo amor que sente por ele [...] Pois todos aqueles que vêm a conhecê-lo acabam amando-o à sua própria maneira”¹⁷⁰. Até mesmo Gimli, o anão rude, desenvolve essa sensibilidade. Ele diz a Pippin: “Eu te amo, mesmo que seja apenas por causa de todo os sofrimentos que custou, dos quais nunca me esquecerei”¹⁷¹.

Afeto entre homens, entre indivíduos que se reconhecem iguais e companheiros. Afeto esse, estranho a nossa sensibilidade contemporânea, que se manifesta de forma mais desenvolvida na relação entre Frodo e Sam. Para nós parece estranha a relação entre Sam e Frodo, este o mestre amado, aquele o fiel companheiro. “Eu o amo” diz Sam ao observar as mudanças ocorridas em Frodo enquanto este dormia em uma das raras pausas ao longo do trajeto: “Ele é assim, e algumas vezes isso se manifesta, de alguma forma. Mas eu o amo, quer isso aconteça ou não”¹⁷². E no sacrifício do último esforço o companheirismo transparece de forma muito forte:

- Agora vamos! Agora, para o último arranque! – Disse Sam, esforçando-se para se levantar. [...] Ergueu os olhos com dificuldade até as escuras encostas da Montanha da Perdição que assomava acima dele, e então penosamente começou a avançar arrastando-se com pés e mãos.

Sam olhou para ele e chorou em seu íntimo, mas nenhuma lágrima chegou-lhe aos olhos secos e ardidos. – Eu disse que o carregaria, mesmo que arrebatassem as costas – murmurou ele –, e é isso que vou fazer!

¹⁶⁸ SA, Livro I, Conspiração desmascarada, p. 107.

¹⁶⁹ Ibidem. p. 109.

¹⁷⁰ SA, Livro VI, O último debate, p. 925.

¹⁷¹ SA, Livro VI, O Campo de Cormallen, p. 1015.

¹⁷² SA, Livro IV, De ervas e Coelho cozido, p. 686.

- Venha Sr. Frodo! – gritou ele. – não posso carregar a coisa em seu lugar, mas posso carregá-lo junto com ela. Então vamos subir! Venha, Sr. Frodo, meu querido! Sam vai lhe dar uma carona. É só dizer onde ir, e ele irá.¹⁷³

De todo o ritual da vassalagem, retirado o aspecto formal e cerimonial simbólico, restaram os valores. Valores muito fortes que tocaram a sensibilidade daquela época medieval, e parece tocar hoje aqueles que viajam pela Terra-média.

Poderíamos nos perguntar: mas realmente a *fides*, que tanto frisamos aqui, existiu com toda essa pureza heróica? Sem dúvida são valores cultivados pelo homem medieval, isto está atestado pelos documentos, pela literatura, pelas mais variadas fontes. Mas quanto desses ideais teria ido além da realidade do discurso? Bloch não nos mostra como esses laços foram se enfraquecendo com o passar do tempo? Até mesmo a homenagem lígia, que deveria se sobrepor a todas as outras, não perdeu sua força na prática?

Seria ousado demais dizer que isso não importa tanto quanto pensamos? Creio que não. A percepção de determinado tempo histórico pode ser mais importante do que a realidade concreta com que o mesmo se apresentou. A Idade Média concebida e percebida, e não o medievo histórico, é o que encontramos no mundo tolkieniano. Por diversas vezes, a Idade Média foi reelaborada e reconstruída. Até mesmo seu nome é originário de uma dessas construções. E mais uma vez ela se apresenta com cores ora atenuadas ora carregadas a partir daquilo que foi.

A sensibilidade do homem medieval foi sensivelmente diferente da nossa. Influenciada pelas limitações próprias àquele tempo, marcada por um imaginário religioso próprio que se estendia por toda a sociedade, mesmo que recebido e sentido diferentemente pelos diversos grupos. Um tempo de contrastes, esboçado de forma magistral por Huizinga.

Os leprosos faziam soar seus guisos e passavam em procissões, os mendigos exibiam pelas igrejas suas deformidades e misérias. Cada ordem ou dignidade, cada grau ou profissão distinguia-se pelo traje. Os grandes senhores nunca se deslocavam sem vistosa exibição de armas e escolta, excitando o temor e a inveja. Execuções e outros actos públicos de justiça, falcoaria, casamentos ou enterros, eram anunciados por pregoeiros e procissões, cantigas e música. O amante usava as cores de sua dama; os companheiros o emblema de sua fraternidade; os domésticos e servos os emblemas ou brasões dos seus senhores. [...] Uma cidade medieval [...] erguia-se como um todo compacto, erigida

¹⁷³ SA, Livro VI, A Montanha da Perdição, p.996.

de torres sem conta. [...] O contraste entre o silêncio e o ruído, entre a luz e as trevas, do mesmo modo que entre o Verão e o Inverno, acentuava-se mais fortemente do que nossos dias. Tudo o que se apresentava ao espírito em contrastes violentos e em formas impressionantes emprestava à vida quotidiana um tom de excitação e tendia a produzir essa perpétua oscilação entre o desespero e a alegria descuidosa, entre a crueldade e a ternura, que caracterizaram a vida da Idade Média¹⁷⁴.

Uma sociedade da divulgação, no sentido de que o visível era simbólico e reconhecível. Assim se marcava a ordem necessária para a união harmônica do todo. Uma comunidade. Concórdia pela vontade de Deus, união pela vontade do Criador. Os contrastes a todo o momento se apresentando e sendo sentidos de forma mais acentuada. Tempo da honra, da fraternidade, mas também da miséria e da disputa.

Foi realmente assim? Talvez. O importante é que assim foi conseqüentemente sentida e reecontruida a cada olhar lançado sobre ela. A época “que consentia a mistura do cheiro do sangue com o das rosas”¹⁷⁵, ao mesmo tempo negra e dourada, que fascina a sensibilidade contemporânea. Esta que pode ter mais em comum com aquele antigo modo de sentir o mundo, do que superficialmente percebido em um primeiro olhar. É isso o que nos aponta a grande recepção da obra *O Senhor dos Anéis*. Assim, encerramos nossa viagem ao mundo de Tolkien e voltamos para nossa realidade a fim de olharmos para ela e procurarmos entender essas questões.

¹⁷⁴ HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d, p. 9-10.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 26.

EPÍLOGO: FIM DA VIAGEM E SUAS PERMANÊNCIAS

Retornando ao mundo contemporâneo, nos deparamos com milhares e milhares de admiradores da Terra-média a qual acabamos de visitar. À época da escrita da biografia de Tolkien, no início da década, Michael White nos fornece o número de cem milhões de exemplares de *O Senhor dos Anéis* vendidos no mundo todo. As vendas de *O Hobbit* acrescentariam a esse número outros sessenta milhões de exemplares. Em estimativa, as duas obras juntas aumentam esse número em três milhões por ano. A esses livros mais populares do *Legendarium* somam-se ainda as demais obras, como *O Silmarillion*, e outras que não têm ligação direta com o mundo de Arda.

Desses admiradores e leitores fiéis de Tolkien existem aqueles para os quais a vivência na Terra-média não é suficiente apenas nas páginas dos livros. Muitos admiradores de Tolkien procuram estender a obra e seu estudo ao máximo e assim surgiram as sociedades e comunidades dedicadas a Tolkien e sua obra.

Perfazendo neste ano 40 anos de existência, *The Tolkien Society* foi fundada no Reino Unido e atualmente é o maior grupo em atividade organizado a partir da admiração do trabalho de John R. R. Tolkien. A entidade é uma organização independente e sem fins lucrativos, contando com membros e parcerias em âmbito nacional e internacional. A sociedade é referência para os grupos dedicados a obra de Tolkien em todo o mundo, inclusive para os grupos brasileiros, promovendo eventos, publicações e atividades relacionadas ao autor e seu *Legendarium*.

Segundo o estatuto da sociedade, conforme o artigo terceiro: “The Society shall seek to educate the public in, and promote research into, the life and works of Professor John Ronald Reuel Tolkien”¹⁷⁶. O grupo tem por objetivos, portanto, divulgar e promover a obra de Tolkien e seu estudo, bem como apoiar projetos e trabalhos que tenham o mesmo propósito. Também é da competência da entidade publicar periódicos promotores dos objetivos anteriores, além de textos e outros trabalhos sobre a obra. Além disso, é interessante notar o objetivo quinto da sociedade que denota preocupação com a preservação e a memória: “to maintain and expand an archive of Tolkien related material for research purposes and to have an Acquisition and Disposal policy for the

¹⁷⁶ *Tolkien Society Constitution*. Atualizado em Abril de 2007. Disponível em: <http://www.tolkiensociety.org/ts_info/constitution.html>. Acesso em: 09/jul/2009.

archive”¹⁷⁷. Esse arquivo mantido pela Sociedade está a disposição tanto de membros quanto de não-membros mediante contato prévio.

As publicações realizadas pela entidade se constituem dos periódicos *Amon Hen*, de periodicidade bimestral, e *Mallorn*, anual. O primeiro traz notícias, opiniões e artigos, o segundo tem um viés de publicação voltado a trabalhos mais sérios, tais como artigos críticos e ensaios. Há também publicações excepcionais e aqui destacamos a coletânea *The Ring Goes Ever On: Proceedings of the Tolkien 2005 Conference* publicada em 2008, em comemoração aos 50 anos de *O Senhor dos Anéis*. Dividida em dois volumes, a obra é uma contribuição de 95 autores diferentes contendo 98 textos que cobrem uma infinidade de aspectos da obra de Tolkien, perfazendo um total de 837 páginas¹⁷⁸.

Além das publicações, a sociedade mantém um calendário anual de eventos¹⁷⁹, com destaque para *Annual General Meeting*, no qual se dá a reunião da Assembléia Geral, e o *Oxonmoot*, o maior evento e também de maior visibilidade. O *Oxonmoot* é uma convenção dos membros e admiradores e dura uma semana. O evento se liga à memória do autor, tendo se realizado pela primeira vez em 1974, um ano após a sua morte, e promove uma homenagem anual no túmulo de Tolkien. A convenção conta com várias atividades tais como palestras, concursos e jogos, e acontece sempre em uma das faculdades da Universidade de Oxford.

A *Tolkien Society* é administrada por um Comitê Executivo composto pelos chamados Oficiais de Honra (presidente, tesoureiro, secretários...) e por dois a quatro membros da sociedade todos eleitos em Assembléia Geral anualmente. Em termos gerais a entidade é composta por seus membros e por grupos regionais menores denominados *smials*. Os *smials* são organizações independentes filiadas a *Tolkien Society*. São 63 *smials* no total, sendo que muitas delas estão espalhadas em países variados como Itália, Alemanha, EUA, Canadá, Nova Zelândia, Paquistão, México e Brasil. Além disso, têm-se grupos de membros focados em aspectos específicos do *Legendarium* Tolkieniano, como linguagem e poesia. Todos esses grupos podem esporadicamente produzir material e publicações próprias com o apoio da sociedade.

Dentre esses grupos a *Heren Hyarmeno*, ou Ordem do Sul, é não só uma *smial* brasileira filiada a sociedade inglesa, como o primeiro grupo dedicado a Tolkien

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ Ver Anexo 2.

¹⁷⁹ Ver Anexo 3.

fundado no hemisfério sul. O grupo foi fundado em 1989 por Ronald Kyrmse e colaboradores e é o mais antigo grupo brasileiro dedicado à Tolkien em atividade. Além da *Heren Hyarmeno* contamos no país com vários outros grupos que se reúnem em volta da obra tolkieniana. *Conselho Branco*, *Dúvendor*, *O Condado*, só para citar alguns. Desses falaremos com mais detalhes aqui de dois deles: O *Conselho Branco* e a *Valinor*. O primeiro se constitui em moldes semelhantes a *Tolkien Society*, o último se organiza como uma comunidade virtual.

O que viria a ser o grupo *Conselho Branco*, inicialmente foi uma comunidade virtual chama de *Palantíri*, que reunia diversas outras *websites* dedicadas ao *Legendarium*. Com o desejo de agir de forma mais abrangente, os membros da *Palantíri* se reuniram e fundaram a *Sociedade Tolkien Brasileira*. Mais tarde, em 2001, por problemas relativos ao direito do nome – à época existia a *Brazilian Tolkien Society* –, a sociedade foi rebatizada de *Conselho Branco*. A partir daí:

[...] a Sociedade vem crescendo, participando de eventos, desenvolvendo projetos sociais, parcerias e estudos acadêmicos, mostrando ao Brasil a pujança da obra tolkieniana e - numa das palavras preferidas do próprio Professor - a sua enorme aplicabilidade no mundo.¹⁸⁰

O *Conselho Branco*¹⁸¹ segue uma organização semelhante a sua similar inglesa. A Diretoria Nacional, composta de sete membros eleitos pela Assembléia Geral, age como o órgão coordenador da sociedade. Subordinadas a Diretoria, mas guardando um grau de independência, estão as subsedes regionais, denominadas tocas:

O Conselho Branco conta com uma organização descentralizada baseada em **Tocas**, ou seja, **subsedes regionais**, que visam levar a sociedade para mais perto dos sócios, sejam de que cidade ou região eles forem. [...] **Cada subsede possui um Thain (Diretor), responsável oficial pelas atividades da mesma**, e também pode ter uma diretoria regional, dependendo do tamanho e dos objetivos da mesma. Os representantes das Tocas são **eleitos anualmente**.¹⁸²

A organização baseada na própria obra de Tolkien é bem explícita. Toca, ou *smial*, eram as habitações dos hobbits do Condado. Eles preferiam essas a casas de pedra ou alvenaria. Ao contrário do que se poderia supor, as tocas, escavadas em colinas

¹⁸⁰ Disponível em: <<http://www.conselhobranco.com.br/sociedade/historia.htm>>. Acesso em: 09/jul/2009.

¹⁸¹ Ver Anexo 4.

¹⁸² Disponível em: <<http://www.conselhobranco.com.br/sociedade/tocas.htm>>. Acesso em: 09/jul/2009.

e túneis, eram altamente confortáveis e aconchegantes, qualidades indispensáveis ao estilo de vida hobbit. O nome é, portando, propício para se qualificar um ambiente no qual se almeja um convívio saudável e prazeroso entre os membros da sociedade. Atualmente o Conselho conta com quatorze delas espalhadas pelo país. O Thain era considerado o líder dos hobbits do Condado, ostentando funções militares e de justiça, mas conflitos armados ou julgamentos eram praticamente inexistentes até a Guerra do Anel, sendo assim, o título possuía um caráter meramente formal. O título, portanto, vem de encontro ao cargo que dá nome¹⁸³.

Assim como a *Tolkien Society*, o *Conselho* mantém um periódico próprio, o *Anto Saurono*¹⁸⁴. Dentre os projetos¹⁸⁵ desenvolvidos pelo grupo, é interessante destacar o projeto *Lambendil*, que “busca reunir associados interessados em pesquisar e divulgar trabalhos sobre as línguas usadas nos livros de Tolkien. Também destina-se a desenvolver métodos de ensino e prática destas línguas a serem divulgados a todas Tocas do Conselho Branco”¹⁸⁶. Esse estudo das línguas tolkienianas é uma vertente popular entre os grupos *tolkiendili*. O site *Ardalambion*, considerado o melhor site de lingüística tolkieniana existente, ganhou uma versão em português graças a uma permissão concedida ao *Conselho Branco* para disponibilizar o seu conteúdo.

Além disso, a sociedade foi a responsável pela organização da HobbitCon 2009, realizada em outubro desse ano. A HobbitCon é o maior evento do país relacionado a Tolkien e sua obra e está em sua quinta edição. O evento reúne palestras, concursos, sorteios, jogos, interpretação e outras atividades a fim de promover o *Legendarium* e seu estudo. Nesse sentido destaca-se o projeto *A Última Casa Amiga*:

O projeto consiste em fornecer um espaço para a oferta e procura de um local de abrigo para sócios que, sem esse recurso, não poderiam participar de determinados eventos promovidos ou com a participação do Conselho Branco.¹⁸⁷

¹⁸³ Aqui chamamos atenção para os nomes dados pelas sociedades a seus agrupamentos, periódicos, projeto e outros baseados em nomes retirados da obra. Assim temos *toca/smial*, ou o periódico do Conselho Branco *Anto Saurono*, que significa Boca de Sauron. Outros exemplos são os periódicos da *Tolkien Society*: *Amon Hen* é um ponto geográfico, e *Mallorn* uma espécie de árvore que cresce somente na Floresta Dourada.

¹⁸⁴ Ver anexo 6.

¹⁸⁵ Ver Anexo 4.

¹⁸⁶ Disponível em: <<http://www.conselhobranco.com.br/projetos/index.htm>>. Acesso em: 09/jul/2009.

¹⁸⁷ Idem.

Já *Valinor* se propõe enquanto uma comunidade virtual¹⁸⁸ e um portal de informações cujo objetivo é:

[...] gerar o máximo de material possível dentro das tecnologias existentes de forma a suprir de todas as formas tudo o que o fã de Tolkien brasileiro possa desejar [...] artigos, listas de discussão, chat, fórum [...] galeria de imagens, espaço para os fãs difundirem seus conhecimentos e produções.¹⁸⁹

Com um objetivo sem dúvida muito ambicioso, a comunidade é considerada a “maior página Tolkieniana em português do mundo [...] uma das três maiores páginas Tolkienianas do mundo, em qualquer língua!”¹⁹⁰. Logicamente não nos foi possível precisar a veracidade de tal informação, no entanto, o volume de material produzido e disponibilizado, colunas periódicas, textos de fãs, notícias, mídia e imagem é realmente vasto. São artigos variados sobre cada um dos aspectos do mundo de Arda – história, geografia, cultura, lingüística, personagens – contos enviados por membros, textos traduzidos, cartas e textos de Tolkien e ainda uma “Enciclopédia” de termos e nomes. O portal conta ainda com uma sessão de colunistas que discorrem sobre vários temas. Merece destaque a coluna *Torech Ungol* produzida por Rosana Rios, conhecida autora de literatura infanto-juvenil, na qual a autora discorre sobre literatura fantástica; e a coluna de Ives Gandra Martins, autor de *O Mundo do Senhor dos Anéis: Vida e obra de J. R. R. Tolkien* e ministro do Tribunal Superior do Trabalho. Ives Gandra discute temas mais “metafísicos” da obra de Tolkien como liberdade, filosofia da história, natureza do mal, virtudes dentre outros¹⁹¹.

Gostaríamos ainda de destacar nessa comunidade o sistema de interação entre os seus membros. Os membros se relacionam principalmente por meio do Fórum *Valinor*, no qual têm-se variadas listas de discussão sobre inúmeros temas. Um membro novato é denominado *nolyon* (aprendiz ou pupilo em élfico) e será associado a um *saitor* (mestre). O *saitor* guiará o *nolyon*, explicando a dinâmica do portal, debates e estudos, bem como apresentar todos os recursos e material disponíveis aos usuários. Dessa forma os membros ficam ligados por linhagens baseadas no sistema mestre/aprendiz. Essas linhagens possuem espaços próprios dentro do Fórum, chamados

¹⁸⁸ Ver Anexo 5.

¹⁸⁹ Disponível em: <[http://www.valinor.com.br/miss%C3%A3o%3a-valinor!/>](http://www.valinor.com.br/miss%C3%A3o%3a-valinor!/). Acesso em: 09/jul/2009.

¹⁹⁰ Disponível em: <[http://www.valinor.com.br/valinor/editoriais/valinor-completa-7-anos/>](http://www.valinor.com.br/valinor/editoriais/valinor-completa-7-anos/). Acesso em: 09/jul/2009.

¹⁹¹ Ver Anexo 5.

nossë (família). A entrada nas discussões e espaço virtual da *nossë* só é permitida aos seus membros e a amigos da família ¹⁹².

Podemos perceber, portanto, o elevado grau de fascínio que uma obra como essa provoca em alguns. A Terra-média é vivenciada para além das páginas literárias, e de certa forma, a subcriação proposta pelo autor prossegue através dos admiradores de sua obra. Esses grupos de envolvimento extremo com a obra são apenas uma parcela do todo de admiradores. Mesmo que o sucesso editorial não tenha sido imediato, a aceitação de Tolkien foi crescendo de forma surpreendente com o passar dos anos, conquistando leitores os mais diversos, com interpretações e reinterpretações sendo feitas. Depois da incursão feita as terras de Tolkien, podemos agora discutir os porquês dessa recepção e, assim, somos remetidos ao fim de nossas reflexões.

*

Retomemos nosso percurso pela Terra-média. Ao percorrermos suas vastas, regiões pudemos perceber como foi construído e se caracteriza a realidade da trama. Nossos guias pelas aventuras e batalhas da Terra-média são hobbits de hábitos simples e rústicos, apreciadores do contato com o espaço natural e o trabalho na terra. Esses seres pacatos foram subitamente lançados em aventuras arriscadas que acabaram por decidir o destino do mundo em que viviam. Ao acompanhá-los passamos por longas regiões ermas, florestas, e pequenos vilarejos como Biri. A Sociedade do Anel depois de formada continua a viagem em rumo a Mordor por paisagens semelhantes. Nossos viajantes percorrem até mesmo as profundidades subterrâneas nas Minas de Moria, e visitam lugares belos e quase encantados como a Floresta Dourada.

No caminho, o espaço natural, até mesmo selvagem, tem uma importância fundamental. A presença e intervenção dos povos da Terra-média na paisagem são pequenas, eles ainda se vêem impotentes diante das forças naturais. Percebemos isso na tentativa frustrada de vencer a passagem pelas montanhas a fim de evitarem Moria. Caradhras, a montanha, como que tendo consciência e vontade próprias se opõe a Sociedade, e por fim os obriga a voltar. “Caradhras os derrotara” ¹⁹³.

¹⁹² O sistema *saitor/nolyon* da comunidade *Valinor* é muito interessante e mereceria ser esboçado e discutido com mais profundidade. No entanto, o sistema se modificou e parece ter tomado contornos mais complexos desde o período no qual recolhemos informação para este trabalho. Devido a isso optamos por uma descrição breve que reproduz o cerne do sistema que se manteve no novo formato.

¹⁹³ SA, Livro II, O Anel vai para o Sul, p. 306.

Tolkien, ao caracterizar dessa forma sua Terra-média, possivelmente deixa transparecer muito de suas próprias concepções. O professor de Oxford se dizia extremamente hostil à modernização e à industrialização que presenciou durante a vida. Segundo seu biógrafo Michael White, Tolkien nunca possuiu um automóvel. Tolkien encarava com muito pesar e desgosto o avanço da máquina e da racionalidade tecnicista. O mago Saruman, traidor e inimigo de Gandalf, pode ser entendido nesse sentido como um retrato de como essa racionalidade e modernização desmedidas, fundadas no ideal de progresso ilimitado, podem ser perigosas e prejudiciais. Assim Barbárvore, líder dos ents, caracteriza o mago:

Tem um cérebro de metal e rodas, e não se preocupa com os seres que crescem, a não ser enquanto os servem. [...] Ele e seu povo sujo estão devastando tudo agora. Lá embaixo, nas fronteiras, estão derrubando árvores – árvores boas. Algumas delas eles apenas cortam e deixam apodrecer – isso é serviço dos orcs; mas a maioria delas são derrubadas e levadas para alimentar as fogueiras de Orthanc. Vejo sempre uma fogueira subindo de Isengard nos últimos tempos.¹⁹⁴

Inicialmente, Saruman conversava com o ent e pedia permissão para entrar na velha floresta. Ele era Saruman, o Branco, o maior dentro da ordem dos magos e líder do Conselho dos Sábios. Mas se aprofundou demais no estudo das artes do Inimigo. A prepotência envenenou-lhe a mente e se autodenominou Saruman de Muitas Cores. Concentrou seus esforços em formar exércitos e construiu armas de guerra. Suas criações combinavam com seus pensamentos de “metal e rodas”: armamentos militares, artes mecânicas que despejam fumaça nos céus, experimentos que originaram um híbrido de orc e homem. Ele até mesmo fabrica algo semelhante a explosivos, recurso responsável pela quebra da muralha do Forte Trombeta. A passagem mais marcante no personagem é o discurso dirigido a Gandalf:

Pôs-se de pé e então começou a declamar, como se estivesse fazendo um discurso longamente ensaiado. “Os Dias Antigos se foram. Os Dias Médios estão passando. Os Dias Mais Jovens estão começando. A época dos elfos acabou, mas nosso tempo está chegando: o mundo dos homens, que devemos governar. Mas precisamos de poder, poder para ordenar as coisas como queremos, para o bem que apenas os Sábios podem enxergar. E ouça bem, Gandalf, meu velho amigo e ajudante! [...] Eu disse *nós*, pois poderá ser *nós*, se quiser se unir a mim. Um novo Poder se levanta. Contra ele, as velhas alianças e políticas não nos ajudarão em nada. [...] Está então uma escolha diante de você, diante de nós. Podemos nos unir

¹⁹⁴ SA, Livro III, Barbárvore, p. 495-496.

a esse Poder. Seria uma sábia decisão, Gandalf. Existe esperança por esse caminho. A vitória dele se aproxima, e haverá grandes recompensas para aqueles que o ajudarem. Enquanto o Poder crescer, os que se mostrarem seus amigos também crescerão; e os Sábios, como você e eu, poderão, com paciência, vir finalmente a governar seus rumos, e a controlá-lo. Podemos esperar nossa hora, podemos guardar o que pensamos em nossos corações, talvez deplorando as maldades feitas incidentalmente, mas aprovando o propósito final e mais alto: Conhecimento, Liderança, Ordem; todas as coisas que até agora lutamos em vão para conseguir, mais atrapalhados que ajudados por nossos amigos fracos e inúteis. Não precisaria haver, e não haveria, qualquer mudança em nossos propósitos, só em nossos meios.

Palavras fortes e muito significativas. Na concepção de Saruman, a História parece possuir uma meta e esta deverá ser alcançada a qualquer custo. Há um plano a ser seguido. Não importa quais meios ou aliados sejam necessários para se atingir as metas estabelecidas por aqueles mais sábios, legítimos guias da massa inculta. Conhecimento necessário a construção e contínuo progresso. Liderança dessa aristocracia intelectual, talvez até mesmo uma tecnocracia, para que haja a Ordem última. Para isso, a maldade é algo incidental, mas necessária.

Pensemos, no plano iluminista, na filosofia da História de matriz hegeliana, no desenvolvimento tecnocientífico dos últimos dois séculos, na lógica do progresso e vejamos como essas concepções marcaram profundamente a sociedade ocidental. Nessa passagem, Tolkien parece colocar tudo isso em questão.

Além disso, a racionalidade moderna procurou disciplinar, no campo do pensamento, aqueles impulsos vindos de campos mais subjetivos, como a criatividade e a imaginação. Tolkien talvez se sentisse deslocado em seu próprio tempo. Não acreditava nas promessas modernas, bem como via cotidianamente a imaginação na qual tanto acreditava ser rechaçada dos campos considerados legítimos de reflexão e pensamento. Mais do que isso, obras como a sua, os velhos contos de fadas, mitos e lendas eram consideradas literatura para crianças. A fantasia era considerada escapista. Contra isso, o autor respondia violentamente: “Por que não deveríamos escapar à ‘austera assíria’ absurdidade das cartolas ou ao horror morlockiano das fábricas, ou mesmo condená-los?”¹⁹⁵. Tolkien em seu ensaio *Sobre Histórias de Fadas* novamente põe em questão a naturalização dos benefícios da tecnologia, bem como a racionalidade moderna:

¹⁹⁵ TOLKIEN, J. R. R. *Sobre histórias de fadas*. Tradução Ronald Kyrmse. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006, p.72.

É curiosa a idéia de que automóveis são mais “vivos” do que, digamos, centauros ou dragões. E pateticamente absurdo dizer que são mais “reais” do que, digamos, cavalos. Quão real, quão chocantemente viva é uma chaminé de fábrica comparada a um pé de olmo: pobre coisa obsoleta, sonho insubstancial de um escapista!¹⁹⁶

A questão posta por Tolkien é muito pertinente. Por que consideramos “real” somente aquilo que percebemos por meio dos sentidos e relegamos ao plano do sonho e do devaneio aquilo que não apreendemos fisicamente? Idéias tão diferentes como justiça, amor e política são fundamentalmente abstratas em sua essência, mas mesmo assim, não exercem todo seu peso sobre o concreto? Por outro lado por que considerar a racionalidade baseada na subjetividade, noção tão estranha a muitos de nós contemporâneos, como ilegítima e infrutífera? Por que nos bastaria exclusivamente o cientificismo e utilitarismo como domínios do real? Sobre isso Tolkien tem mais a nos dizer:

De minha parte, não consigo me convencer de que o telhado da estação de Bletchley é mais “real” do que as nuvens. E como artefato acho-o menos inspirador do que a lendária abóbada celeste. A ponte para a plataforma 4 é menos interessante para mim do que Bifröst vigiada por Heimdall com o Gjallarhorn. Não posso excluir da in-cultura de meu coração o questionamento de que, se os engenheiros ferroviários tivessem sido criados com mais fantasia, não poderiam ter feito coisa melhor do que fazem normalmente, com todos os seus abundantes meios. Creio que as histórias de fadas podem ser melhores Mestres de Artes do que o indivíduo acadêmico a quem me referi.¹⁹⁷

A Fantasia, localizada marcadamente na literatura, poesia e arte, pode ser tão instrutiva quanto as disciplinas e saberes tidos como mais técnicos e objetivos. Além do elemento estético que possui, ela ainda inspira o potencial criativo. Por que desprezá-la? Fantasia como potência criativa para Tolkien, uma noção que parece ir ao encontro do pensamento de Bachelard sobre a Imaginação, para o qual é:

[...] a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade. [...] A imaginação inventa mais que coisa e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre os olhos que têm novos tipos de visão. Verá se tiver visões. Terá visões se se educar antes com

¹⁹⁶ Ibidem. p. 71.

¹⁹⁷ Ibidem. p. 71. Essa belíssima tradição da mitologia nórdica concebe o arco-íris como a ponte de fogo que liga Midgard (Mundo Médio), o mundo dos homens, a Asgard, a Morada dos Deuses. O deus Heimdall era o guardião dessa passagem, tocando sua trompa Gjallarhorn em tempos de invasão iminente ao reino divino.

devaneios antes de educar-se com experiências, se as experiências vierem depois como provas de seus devaneios.¹⁹⁸

Tanto Tolkien como Bachelard valorizam a imaginação, a fantasia, o devaneio, seja o nome que lhe deram, como um rico meio de criação e pensamento humano. Mas esse é um caminho que, desde o iluminismo, vem sendo gradativamente atacado e desmerecido. A subjetividade é perigosa para nós acostumados ao clarão das luzes. É o caminho da sombra, até mesmo o próprio pensamento de Bachelard é subdividido entre diurno e noturno, este referente ao seu trabalho com a Imaginação. Mas se as luzes iluminam, elas também ofuscam e ocultam possibilidades com sua excessiva claridade.

Estaria aqui uma das razões para a repercussão do *Legendarium Tolkieniano*? Por meio da leitura de *O Senhor dos Anéis* o leitor passa a vivenciar um mundo no qual os domínios rechaçados pela racionalidade dominante encontram vez e ação. Se ao leitor foi negada a imaginação e a fantasia em sua vida cotidiana, talvez por obras como essa ele possa recuperá-la. Esses princípios não só constroem a narrativa e a sua realidade secundária, como habitam a Terra-média. Podemos dizer que de certa forma a sociedade contemporânea é um mundo “desencantado”, talvez não no sentido weberiano, mas partindo do princípio de que nada mais conserva seus mistérios. A obra de Tolkien devolve ao leitor esses domínios que lhe foram legados pela lógica moderna.

O homem pela ciência e tecnologia tende a explicar tudo e posteriormente enquadrar, classificar e definir. Tendo feito isso o conhecimento adquirido tende a tomar utilidade prática. Nada pode ficar sem explicação. Não há limite para a ciência humana, e isso gera conflitos. Se os gregos conheceram a *hybris*, noção que condenava o excesso e guardava o domínio do sagrado, hoje não obedecemos a limitações. Aqui caberia mais uma vez o diálogo entre Gandalf e Saruman. Gandalf comenta ao novo mago das Muitas Cores que preferia o Branco ao que Saruman lhe responde:

- Branco! [...] Serve para começar. O pano branco pode ser tingido. Pode-se escrever sobre a página em branco; a luz branca pode ser decomposta.

- E nesse caso deixa de ser branca [...] E aquele que quebra uma coisa para descobrir o que ela é deixou o caminho da sabedoria.¹⁹⁹

¹⁹⁸ BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 17-18.

¹⁹⁹ SA, Livro II, O Conselho de Elrond, p. 269.

Prudência é o que recomenda Gandalf. Saruman, como representante dessa forma de pensamento, pensa no progresso sem limites, e sem o cálculo de suas conseqüências. Mas não fica impune, o próprio descaso para com os outros seres e o mundo natural foi sua desgraça. Os ents atacam Isengard, sua morada, com toda sua fúria, sendo esta completamente destruída. Saruman acaba prisioneiro em sua própria torre.

Não estamos aqui defendendo que o conhecimento científico não deve “profanar” o mundo e cessar suas pesquisas e descobertas. Isso não faria nenhum sentido. Estamos sim, apontando para o fato de que na contemporaneidade vivenciamos uma relação com o mundo natural jamais estabelecida em outros tempos históricos: a total subjugação do natural à vontade humana. Isso traz a tona uma série de discussões e debates sobre a legitimidade ou não disso, além de discussões éticas sobre descobertas e técnicas utilizáveis. Não nos cabe aqui entrar nessas questões, mas apontar como a obra de Tolkien pode suscitar questões acerca desses temas.

Na Idade Média, a natureza ainda fazia frente ao homem como um obstáculo formidável, um domínio cercado de mistério que merecia todo o respeito. Ela guardava os seus segredos, assim como o homem medieval projetou nas florestas uma realidade ora próxima ao encantamento ora ao sombrio. Ao ler *O Senhor dos Anéis* o leitor é remetido a uma “medievalidade encantada” na qual isso ainda é possível.

Mistério e sagrado, campos que estão enfraquecidos em nossa sociedade. Para sobreviver à mitologia que ainda perdura se reveste de camuflagens e subterfúgios que a afastam de seu modelo “clássico”. Isso é algo esperado se considerarmos a historicidade processual das sociedades humanas, na qual o próprio mito está inserido. Eliade distingue dois modos de ser e estar no mundo: o sagrado e o profano, um definido em relação ao outro²⁰⁰. Nas sociedades objetos de seu estudo os dois estados coexistência de certa forma, no sentido que existem aquelas atividades e ações dos homens mais diretamente ligadas a esfera sagrada e outras consideradas mundanas. Mas, ainda assim, o sagrado tem muito mais força, o próprio mundo, o espaço que rodeia o homem é sagrado, fruto da intervenção dos deuses. O sagrado estava muito perto do homem e conseqüentemente o seu mistério. Isso parece ter perdurado de formas diversas no ocidente até a Idade Média, período em que o homem ainda se via como parte de um todo maior, um cosmos sagrado.

²⁰⁰ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Não que isso tenha desaparecido, mas as sociedades ocidentais se proclamaram laicas e isso trouxe conseqüências. Vivemos no tempo do profano, no qual o sagrado foi continuamente afastado ou mesmo, em casos radicais, negado. Desencantado e dessacralizado parece ser o mundo de hoje. Entretanto, Eliade nega a possibilidade da existência do homem apenas no âmbito profano. Por mais que não exista um corpo formal de mitos e rituais no centro das sociedades ocidentais atuais eles ainda sobrevivem de alguma forma. Por mais que profano avance, ainda assim o domínio sagrado estará presente nas experiências humanas, para o autor, ele lhe é necessário. O homem contemporâneo não teria motivos para escapar a essa regra. Essas concepções podem nos ajudar a entender a aceitação de Tolkien por outra perspectiva.

Primeiramente, vamos nos recordar de Claude Kappler e sua análise a respeito dos viajantes medievais. Para ele, a viagem também pode ser vista do ponto de vista mítico. Por meio da leitura, aquele que lê reatualiza os eventos narrados rompendo com o tempo linear cotidiano (assim como a narrativa do mito ou da realização dos rituais). Acompanhando o viajante, o leitor se insere na narrativa e se identifica com o personagem e com aquilo que é narrado e descrito. Dessa forma, como já foi comentado, os relatos do exótico e próspero oriente vinham de encontro a uma Europa medieval que passava pela miséria e pela opressão religiosa, daí a popularidade de reinos de abundância e licenciosidade sexual e hierárquica.

Uma obra como *O Senhor dos Anéis*, que contém, como discutido, elementos do épico, do relato de viagem e da narrativa mítica pode exercer essa papel de identificação com o leitor e prover-lhe material para alimentar a instância do sagrado. Trata-se da história de um passado grandioso, de heróis nobres e corajosos que se defrontaram contra as forças do mal e do caos para que a ordem e o bem no mundo fossem mantidos. Amor, coragem, morte, superação, ressurreição, guerra, o bem, o mal, uma grande jornada, todos elementos recorrentes seja nos grandes épicos como a *Ilíada* e *Odisséia* como nos contos míticos mais simples. E todos elementos estão presentes em *O Senhor dos Anéis*.

A obra tem como um de seus temas centrais o eterno conflito entre o Bem e o Mal. Quando anteriormente nos debruçamos sobre essa questão, pudemos conhecer as origens do Mal em Arda, seus representantes maiores, suas manifestações e como o Mal se origina de uma dissonância do Bem. Essas questões parecem guardar uma persistente atualidade e Tolkien, ao discutir isso em sua obra, esboçou uma visão sobre o tema, ligada aos valores cristãos. Importantes noções morais e éticas contemporâneas são

oriundas desses valores desenvolvidos especialmente no período medieval. Mesmo que os leitores não se reconheçam como cristãos, os valores ali esboçados certamente lhes são familiares, ou, num jogo de opostos, apareçam como desejáveis. Na obra, o Mal é vencido por aqueles que com determinação lutaram por aquilo em que acreditavam, isso não deixa de ser uma mensagem ao leitor.

Citamos o tema da grande jornada. Isso nos remete ao trabalho de Joseph Campbell e sua análise dos mitos do herói. Campbell ao analisar mitos de todas as partes do globo tende a perceber um padrão. Todas as mitologias comportariam em suas narrativas o que ele chamou de *aventura do herói* ou *jornada do herói mitológico*, que, composta de etapas mais ou menos semelhantes, seria o fio condutor de todas elas ²⁰¹. Comentaremos essa perspectiva de forma rápida. A jornada representaria simbolicamente o processo de crescimento e amadurecimento que cada ser humano deve empreender interiormente para seu pleno desenvolvimento.

De forma simples e rápida, a jornada se daria da seguinte forma: no início temos o futuro herói no mundo cotidiano e comum, seguindo uma vida sem sobressaltos (Frodo no Condado). Algo acontece que rompe com a harmonia do cotidiano e o herói recebe um chamado a aventura que inicialmente é recusado (o Anel passa a Frodo e com ele todos os problemas se desenrolam, Frodo de início tenta se furtar a tarefa de dar um fim ao mesmo). Surge o mentor, o personagem que guiará o herói; figura mais sábia e poderosa, que, no entanto, não poderá solucionar o conflito da trama, pois isso impossibilitaria o desenvolvimento pleno do herói (Gandalf, sábio e detentor de poderes o mago auxilia Frodo, aponta-lhe o caminho, mas não soluciona a crise). O herói, então, atravessa o primeiro limiar para o mundo da aventura e não pode mais voltar atrás, ali ele encontrará aliados, inimigos e toda a sorte de situações. (Frodo decide levar o Anel, e a partir de então a narrativa toma corpo). Ao fim da sua jornada, o herói adentra a caverna oculta onde enfrenta sua provação suprema (Mordor e a destruição do Anel). Nessa provação, o herói sofre uma morte, mesmo que simbólica, e ressurge agora modificado para sempre, mais forte e espiritualmente maduro (Frodo ao fim de sua demanda mantém a mesma aparência que tinha antes dos acontecimentos, a exceção da perda de um dos dedos, mas interiormente está totalmente mudado).

²⁰¹ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007; nos baseamos ainda em RICÓN, Luiz Eduardo. A Jornada do Herói Mitológico. In. *II Simpósio RPG & Educação*. São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://hosted.zeh.com.br/misc/senac/4semestre/prj/jornada.pdf>>. Acesso em: jul/2008.

Nessa leitura, temos uma proposta de interpretação simbólica e psicológica da trama. A jornada encontraria recepção no leitor porque tocaria a essência de cada um deles, falando diretamente da busca pelo aprimoramento espiritual individual de cada um de nós. Estaria nos mitos, assim como na literatura e no cinema contemporaneamente.

Aqui certamente teríamos que considerar uma natureza humana universal já que essa perspectiva contém um forte elemento generalista e atemporal. O que mudaria seria a roupagem envergada e os símbolos adotados em cada uma das situações. Na História, na qual a mudança, o processo e a transformação são fundamentais, uma teoria que se propõe universalizante é incomoda. No entanto, achamos interessante trazer esta leitura de outro campo disciplinar. Essa perspectiva além da abordagem mitológica de Campbell encontraria ecos no campo da psicologia, em especial nas concepções de Carl Jung.

Por fim, a obra fornece uma mitologia sobre a qual refletir e se inspirar, ali estão os modelos exemplares de Eliade. Ali está uma das Idades de Ouro perdidas. Se os Dias Antigos são lembrados nostalgicamente pelos habitantes daquela terra, a Saga do Anel e demais eventos ocorridos na Terceira Era do Sol poderiam ser os Dias Antigos de nosso próprio tempo. Um tempo carente da lembrança e da tradição nas quais se apoiar, incessantemente bombardeado pelo novo e pelo efêmero. Nosso tempo poderia ser caracterizado pelas palavras de Legolas: “Pobre de nós! E todos os que caminham pelo mundo nestes últimos tempos. Pois assim são os modos deste mundo: encontrar e perder, como parece àqueles cujo barco está na correnteza veloz.”²⁰² A diferença é que o elfo fazia referência aos tempos da grande Sombra do Inimigo, onde tudo que o mundo era até então poderia ser perdido ou tomado por Sauron. Nosso tempo parece não ter apenas uma ameaça pairando sobre ele, mas sofre de mal semelhante.

Aqui recorreremos ao diagnóstico feito por Bauman sobre a contemporaneidade, em especial ocidental, época ao qual ele denomina Modernidade Líquida. Ao contrário daqueles que dizem que vivenciamos um período pós-moderno, para ele não deixamos a modernidade

A sociedade que entra no século XXI não é menos ‘moderna’ que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras

²⁰² SA, Livro II, Adeus a Lórien, p. 395.

formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta *modernização*; a opressiva é inerradicável, insaciável sede de destruição criativa.²⁰³ [grifo do autor]

E é exatamente esse irrefreável e sedento desejo por modernização que teria provocado o contexto no qual estamos atualmente. Para Bauman, as instituições políticas e sociais, bem como os laços sociais e pessoais entre os indivíduos estão passando por um processo de instabilidade sem precedentes na história. A destruição criativa do período moderno chegou a um estado em que o meio social e seus elementos precisam ser constantemente criados e recriados em nome do projeto sempre incompleto de aperfeiçoamento. Assim, a mudança e conseqüentemente a instabilidade se tornaram marca de nossa sociedade. Fluida.

Nada mais parece ser estável o suficiente a ponto de ser seguro. Temos assim um aniquilamento das sólidas identidades que até então o indivíduo poderia tomar. Mais do que isso, em nível coletivo, estamos conhecendo um tempo no qual o engajamento e o comprometimento praticamente não existem mais. O indivíduo assumiu a cena social de forma predominante, os grupos e aglomerações coletivas escasseiam e aquelas existentes não possuem nem elaboram planos de orientação realmente coletiva e ideológica. O indivíduo não mais se liga a uma identidade, mas antes percorre várias delas não se comprometendo com nenhuma. As identidades podem ser escolhidas em meio às infinitas ofertas existentes, mas não seria bom se assentar em nenhuma delas, pois isso significaria perder o ritmo alucinado e as novas possibilidades que surgem todos os dias:

[...] a contradição das identidades autoconstituídas que devem ser suficientemente sólidas para serem reconhecidas como tais e ao mesmo tempo flexíveis o suficiente para não impedir a liberdade de movimentos futuros em circunstâncias constantemente cambiantes e voláteis.²⁰⁴

Um dos maiores objetivos modernos era estender o usufruto da liberdade a todos, mas isso não surtiu os efeitos esperados:

[...] libertar as pessoas pode torná-las *indiferentes*. O indivíduo é o pior inimigo do cidadão. O cidadão é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade – enquanto indivíduo

²⁰³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 36.

²⁰⁴ Ibidem. p. 61.

tende a ser morno, cético ou prudente em relação à “causa comum”, “ao bem comum”, à “sociedade” ou à “sociedade justa”.²⁰⁵

Indiferença para com os problemas em comum. Dessa maneira, parece que as somas dos problemas individuais não mais correspondem a uma inquietação coletiva e, portanto, os grupos não mais se agregam em busca de um objetivo comum. Se os problemas são individuais e as soluções para eles também o são, o espaço público não é mais um lugar de discussão de problemas comuns. Antes, é invadido pelas questões privadas, de modo que os poderes públicos transferem suas responsabilidades para os indivíduos que agora detêm toda responsabilidade por sua manutenção em sociedade: “Não olhe para trás, ou para cima; olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida – sua astúcia, vontade e poder”²⁰⁶.

Para Bauman vivemos num tempo de um sufocante individualismo. Cada um por si num mundo onde o que caracteriza as relações é a instantaneidade. A configuração existente hoje não será a mesma dentro em breve. E o intervalo entre uma transformação e outra apenas diminui. Nesse sentido, as próprias relações interpessoais correm perigo e se desfazem no turbilhão. Não se pode mais contar com o outro, pois a preocupação consigo mesmo já é demasiado pesada. “A maneira mais garantida de enlouquecer é envolver-se com os assuntos de outras pessoas”²⁰⁷, diz um livro de auto-ajuda citado por Bauman. Na modernidade líquida os grupos se desfazem e todos são estranhos a todos. A comunidade é estável ou limitadora em excesso para que possa ser adotada, apesar disso é desejada.

O horizonte da contemporaneidade esboçado por Bauman é perturbador. Apesar de não partilharmos totalmente com esse pessimismo do autor, acreditamos que o diagnóstico feito por ele dá conta de muitas questões, levantando outras. Teremos uma crise alarmante com a falência da alteridade? Como posso sobreviver sem o outro?

É nesse ponto, nos parece, que a obra de Tolkien toca de forma mais profunda a sensibilidade contemporânea. A um mundo de instabilidade permanente nos deparamos e o contrapomos com a Terra-média. Terra-média, lugar no qual a identidade de um indivíduo esta fortemente ligada a seu povo e sua tradição, onde os laços pessoais são de extrema importância, e um juramento pode guiar o curso de uma vida.

²⁰⁵ Ibidem. p. 45.

²⁰⁶ Ibidem. p. 38.

²⁰⁷ Ibidem. p. 77.

Frodo sai de sua terra natal, onde passara toda a sua vida em direção a incerteza e ao perigo, mas atrás de si deixa o Condado:

Sinto que enquanto o Condado permanecer a salvo e tranqüilo atrás de mim, a minha andança será mais suportável: saberei que em algum lugar existe um chão seguro, mesmo que meus pés não possam pisá-lo de novo²⁰⁸

Não sei que caminhos trilharei ou o que me aguarda logo a frente, mas sei quem sou, de onde vim e que lugar ocupo no mundo, poderia dizer Frodo. O homem contemporâneo poderia dizer algo semelhante? Não irei sozinho, amigos irão comigo, apesar da distância incalculável e do perigo terrível, mesmo assim eles me seguirão. E mais, ao longo do caminho, encontrarei ameaças e inimigos, mas também provavelmente auxílio e novos companheiros de jornada. Assim, Frodo se consola e o fardo se torna mais leve. O fardo do homem contemporâneo pode ser assim aliviado? O fardo que comigo carrego é mais do que responsabilidade ou de meu interesse individual, ele é problema de todos; e todos, elfos, homens, hobbits e anões devem trabalhar junto para que a demanda seja cumprida. Assim, a Sociedade acompanha Frodo, bem como por meio dela os povos da Terra-média. Que objetivo uniria hoje em dia todos pelo bem comum?

Em *O Senhor dos Anéis*, anseios muito caros e raros a contemporaneidade são esboçados e mostrados como realizáveis. A sensibilidade contemporânea anseia por coisas como identidade, companheirismo, amizade, lealdade, honra, união. Uma utopia sempre desejada, mas talvez não de forma tão intensa quanto agora. A obra trata justamente dessas questões. Pontos de toque à sensibilidade medieval que a sensibilidade contemporânea parece ardentemente deseja. Se presenciarmos os esfacelamento dos laços entre as pessoas, e a ausência da confiança no outro, uma obra que traz em seu cerne a importância desses elementos pode tocar diretamente à nossa sensibilidade.

Simmel nos mostra que “sem o fenômeno a que chamamos fidelidade a sociedade não poderia simplesmente existir, por um qualquer período de tempo, tal como existe”²⁰⁹. O mesmo, para o autor, poderia ser dito da gratidão. Mas se esses fenômenos sociológicos, ou “sentimentos sociologicamente dirigidos”, existem e são

²⁰⁸ SA, Livro I, A sombra do passado, p.64.

²⁰⁹ SIMMEL, Georg. Fidelidade e Gratidão. In: *Fidelidade e Gratidão e Outros Textos*. Relógio D'Água Editores, 2004, p. 31.

fundamentais a nossa organização social, no presente eles parecem, mesmo que seja ilusoriamente, estar próximos da dissolução. Hoje não se confia mais no outro, o outro é perigoso, e se o próximo não é digno de nossa atenção e confiança como podemos nos associar a ele? Mas ao mesmo tempo não desejaríamos fazê-lo?

Na Idade Média essa *fides* regulava todo o sistema relacional dos homens daquele período. Mesmo que de forma hierárquica, todos estavam intrinsecamente ligados pelos diversos laços pessoais, e mais do que isso, ligados à ordem cósmica. O todo dependia de cada indivíduo presente. Na Terra-média foi formada a Sociedade do Anel, que apesar de todas as dificuldades, tanto entre seus membros como as provas externas impostas a ela, cumpriu seu objetivo e ainda uniu seus membros eternamente pelos laços de amizade e fidelidade de um para com o outro. Não importa que ao fim seus membros tenham seguido caminhos diferentes. O que importa é que durante toda a sua vida, tendo sido ela longa como a do elfo Legolas ou mais curta como do humilde Sam, cada um soube que havia companheiros fiéis com quem poderia contar e um lugar seguro para onde ir

Dissemos anteriormente que nossa sensibilidade pode ter mais em comum com esse modo de sentir o mundo, do que inicialmente possamos admitir. Talvez essa proximidade se dê pelo anseio de uma pela outra. Hilário Fraco Júnior chama atenção para a crescente popularidade e prestígio dos estudos medievais e sobre esse fenômeno comenta que:

Entende-se hoje que a civilização medieval, apesar das limitações segundo os padrões atuais, dava ao homem um sentido de vida. Ele se via desempenhando um papel, por menor que fosse, de alcance amplo, importante para o equilíbrio do Universo. Não sofria, portanto, com o sentimento de substituíbilidade que atormenta o homem contemporâneo. O medievo se sentia impotente diante a natureza, mas convivia bem com ela. O ocidental de hoje se sente a ponto de dominar a natureza, por isso se exclui dela.²¹⁰

Se o historiador dirige seu olhar ao passado guiado pelas questões e anseios do presente, podemos dizer, a partir do que foi dito por Franco Jr., que a nossa contemporaneidade ao demandar um maior entendimento sobre o período medieval reflete nesse movimento uma busca pela resposta a seus próprios dilema e crises. Franco Jr. continua:

²¹⁰ FRANCO JR, Hilário. *A Idade Média e o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 180-181.

Nesse sentido, a crise da civilização ocidental deve-se ao descompasso entre o externo (contemporâneo) e o interno (medieval). É uma excessiva valorização do primeiro em detrimento do segundo. É uma espécie de esquizofrenia coletiva e social.²¹¹

O contemporâneo ocidental para Franco Jr. seria o material, e o medieval o lado espiritual e simbólico. A partir da Idade Média o ocidente se desenvolveu, buscando alcançar seus desejos. Mas essa satisfação parece ter dado ênfase ao primeiro domínio em detrimento do segundo. Esse fascínio com o medieval talvez seja uma busca pelo domínio perdido. Esquizofrênico e cindido, o contemporâneo ocidental se assemelha a Gollum, o personagem mais perturbador da trama. Eternamente dividido entre possuir seu precioso Anel ou seguir o caminho da redenção, o corrompido Gollum combate no eterno conflito de suas duas personalidades.

Novamente nos questionamos: terá sido a Idade Média realmente assim? Um tempo de segurança, não física, mas espiritual? Uma época na qual um homem poderia confiar a sua vida a outro e a ele amá-lo como um fiel companheiro? Não terá sido Tolkien um romântico tardio do século XX, que tal como aqueles do XIX, pintou com tintas demasiado douradas um medieval encantado?

Como já dissemos, isso não importa muito. O importante é como os homens do presente olham para aquele tempo e para suas conseqüentes reelaborações. Por meio de uma Idade Média romantizada, ou um medieval reconstruído com tons de encantamento por um filólogo inglês, o contemporâneo se encontra com seus anseios, e os projetando nesse passado, seja ele histórico ou fictício, encontra respostas para eles.

²¹¹ Ibidem. p. 181.

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO. *A Canção dos Nibelungos*. Trad. Luis Krauss. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ANÔNIMO. *Carta do Presbítero João*. Tradução disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/cartapreste.htm>>. Acessado em 02/10/09.

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEER, Jean-Marc de; MAGASICH-AIROLA, Jorge. *América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, s/d.

_____. *Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

CARTER, Lin. *O Senhor do Senhor dos Anéis: O Mundo de Tolkien*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

COLBERT, David. *O mundo mágico do Senhor dos Anéis*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

COSTA, Ricardo. Por uma *geografia mitológica*: a lenda medieval do Preste João, sua permanência, transferência e “morte”. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/preste.htm>>. Acesso em: 02/10/09.

COSTA, V. A. A. A pertinência do irreal: reconhecendo faces inexploradas na ficção especulativa. In: *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n. 62, pp. 81-95 jan./abr. 2004. Disponível em: <www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/costa.pdf>. Acesso em set/2008.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DAVIDSON, H. R. Ellis. *Deuses e mitos do Norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.

DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

_____. *O Tempo das Catedrais - a arte e a sociedade 980-1420*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ELIADE Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média e o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense: 1986.

GINZBURG, Carlo. *Indagações sobre Piero: o Batismo, o Ciclo de Arezzo, a Flagelação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GONÇALVES, Dircilene. *Pseudotradução, Linguagem e Fantasia em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien: princípios criativos da fantasia tolkieniana*. 229f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.

HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d.

KAPPLER, Claude. *Monstruos, demonios y maravillas a fines de La Edad Media*. Madrid: Akal, 1986.

KLAUTAU, Diego Genú. *O Bem e o Mal na Terra-média – A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade*. Dissertação. 255f. (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

KYRMSE, Ronald. *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LÓPEZ, Rosa Silvia. *O Senhor dos Anéis & Tolkien: o poder mágico da palavra*. São Paulo: Devir: Arte & Ciência, 2004.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa 1983.

_____. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Volume II. Lisboa: Editorial Estampa 1983.

_____. Declínio. In: *Enciclopédia Einaudi, Vol. 1: História – Memória*. ED. Portuguesa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

_____. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. Escatologia. In: *Enciclopédia Einaudi, Vol. 1: História – Memória*. ED. Portuguesa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

_____. Idades Míticas. In: *Enciclopédia Einaudi, Vol. 1: História – Memória*. ED. Portuguesa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

- _____. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994.
- _____. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70
- _____. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1995.
- _____. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993.
- _____. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrum*. São Paulo: UNESP, 1998.
- LOPES, Reinaldo José. *Quid Hinielodus cum Christo: a obra de J.R.R. Tolkien como mediação entre paganismo e cristianismo germânico*. In: Disponível em: http://www.brathair.com/revista/numeros/01.01.2001/review_mabinogion.pdf. Acesso em: abr/2009.
- MANDEVILLE, Jean de. *Viagens de Jean de Mandeville*. Tradução e organização: Suasani Silveira Lemos França. Bauru: EDUSC, 2007.
- MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. *Acaso ou Providência na História?* Disponível em: < <http://www.valinor.com.br/colunas/ives-gandra/acaso-ou-providencia-na-historia/> > Acesso: maio/2009.
- MILLINGTON, Barry (org.). *Wagner: um compêndio - guia completo da música e da vida de Richard Wagner*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.
- MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, Pai da História?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2002.
- PIMENTA, Fernanda. Apropriações contemporâneas do “medievo” – O Senhor dos Anéis. In: *Atas da III Semana de Estudos Medievais*. p. 5-12. Disponível em: <www.pem.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: out/2008.
- RICÓN, Luiz Eduardo. A Jornada do Herói Mitológico. In. *II Simpósio RPG & Educação*. São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://hosted.zeh.com.br/misc/senac/4semestre/prj/jornada.pdf> >. Acesso em: jul/2008.
- SEVILHA, São Isidoro de. *Etimologias*. Texto latino, versão espanhola e notas por Jose Oroz Reta e Manuel A. Marcos Casquero. Madrid: Editorial Católica, 1983.
- SIMMEL, Georg. Fidelidade e Gratidão. In: *Fidelidade e Gratidão e Outros Textos*. Relógio D'Água Editores, 2004.
- SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo: Ática, 2007.
- SQUIRE, Charles. *Mitos e lendas celtas: Rei Arthur, deuses britânicos, deuses gaélicos e toda a tradição dos druidas*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras. 1988.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____. *Introdução a literatura fantástica*. São Paulo: 1975.

TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. Trad. Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Piseta. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *O Senhor dos Anéis*. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Piseta, revisão técnica e consultoria Ronald Kyrmse. Edição Especial. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Sobre histórias de fadas*. Tradução. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

WHITE, Michael. *Tolkien: uma biografia*. Tradução de Alda Porto Rio de Janeiro: Imago, 2002.

WOORTMANN, Klaas. O selvagem na “Gesta Dei”: história e alteridade no pensamento medieval. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 25, nº 50, p. 219 – 314, 2005.

VASCONCELLOS, Maria Elizabeth G. Aqueles Lendários Viajantes Medievais: Por Mares e Florestas, em Busca do Além. In: *Atas da III Semana de Estudos Medievais*. p. 5-12. Disponível em: <www.pem.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: out/2008.

ZIERER, Adriana. Resenha: Mabinogion. In: *Revista Brathair*, v.1, n.1 p. 77 – 79 2001. Disponível em: http://www.brathair.com/revista/numeros/01.01.2001/review_mabinogion.pdf. Acesso em: abr/2009.

REFERÊNCIAS DE WEBSITES:

Ardalambion: <<http://www.ardalambion.com.br>>

BBCBrasil.com: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese>>

Conselho Branco - Sociedade Tolkien: <<http://www.conselhobranco.com.br/>>

The Internet Sacred Text Archive: <<http://www.sacred-texts.com>>

Tolkien Society: <<http://www.tolkiensociety.org/>>

Valinor – Onde a Luz do Antigo Oeste Ainda Vive: <<http://www.valinor.com.br/>>

ANEXOS

ANEXO 1 – Exemplo da língua élfica: Texto bilíngüe Sindarin/Português

- Texto Sindarin escrito em caracteres tengwar:

၆၀၁၆

የሕይወት ፣ ማረጋገጫ ሂሳብ ለጥያቄው ምላሽ ማረጋገጥ፡፡

[illegible]

ጥላም ማርያም. ጥላም

ཡུལ་ལྷན་ཁྲུང་ ར་ཤྱི་ལྷན་ ཡུལ་ཁྲུང་།

[illegible]

ἡμεῖς καὶ τὸ πᾶν τὸ ἐν ἡμῖν· ὡς ἰσχυρὸν· ὡς ἰσχυρὸν ὡς

၆၇၁။ မိမိ ဂုဏ်သိက္ခာ အတိုင်း အကျင့်အစား

မဟာဗျူဟာတံ မလံ ချစ်သောကံ၊ မဟာဗျူဟာတံ ကံစွာ လှည့်ပတ်။

[illegible]

y^ut^ufym m^anß

ထုတ်ပြန်စဉ် မိမိ၏ လက်ထဲမှ ထွက်ခဲ့သည်။

Fonte do Texto e Tradução: RENK, Thorsten. Curso de Sindarin: Pedin Edhellen. Curitiba: Arte & Letra, 2008. P. 59-60.

- Texto em Sindarin escrito em alfabeto corrente:

Siniath

Aragorn a Glorfindel reviar laind Imladris. Aragorn gên adan neri nan aegir.

Aragorn: Glorfindel, tiro venn!

Glorfindel: Daro ah anglenno!

I venn bada an edhel a nan adan.

Eobhan: Mae govannen! Im Eobhan. Tegin hihath an Elrond. Man râd Imladris?

Glorfindel: Mae govannen! Imladris nan harad. Noro!

Glorfindel cên na chaered a gêr.

Aragorn: Man?

Glorfindel: Mathon vorn... Ephedinc i venn.

- Texto em português:

Novidades

Aragorn e Glorfindel vagam pelas fronteiras de Valfenda. Aragorn vê um homem correr nas montanhas.

Aragorn, Glorfindel, veja, um homem!

Glorfindel: Pare e aproxima-se!

O homem vai até o elfo e o humano.

Eobhan: Que bom lhes encontrar! Sou Eobhan. Trago notícias para Elrond. Qual o caminho para Valfenda?

Glorfindel: Bem-vindo! Valfenda fica ao sul. Corra!

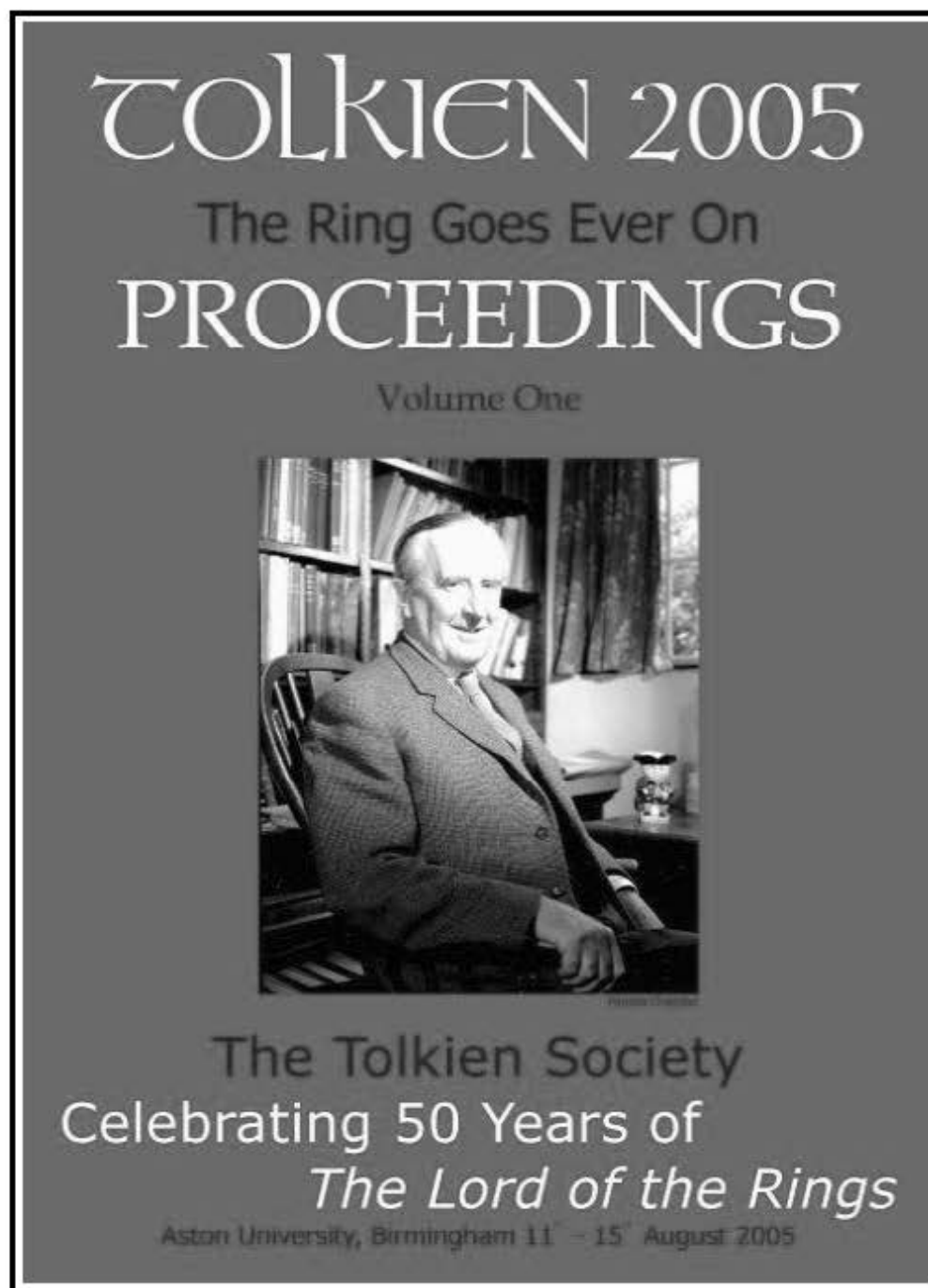
Glorfindel olha em direção à distância e estremece.

Aragorn: O quê?

Glorfindel: Sinto uma escuridão... sigamos o homem!

ANEXO 2– *The Ring Goes Ever On: Proceedings of the Tolkien 2005 Conference*

- Capa, Volume 1.



Disponível em: <<http://www.tolkiensociety.org/2005/proceedings/>> Acesso em: 22/Nov/2009.

ANEXO 3 – Tolkien Society

- Página inicial da web site Tolkien Society:



Welcome to the
Tolkien Society
Home Page

The Tolkien Society is an international organisation registered in the U.K. as an educational charity, number 273809. Our aim is to encourage and further interest in the life and works of the late Professor J.R.R. Tolkien C.B.E., author of two of the most well-known and best-loved books of the late twentieth and early twenty-first centuries, *The Hobbit* and *The Lord of the Rings*. This site has information about JRR Tolkien (not, as often stated, JRR Tolkein), the books he wrote, his life, books others have written about him, our Society and its events, and a host of other items that you can find in the sections below. We also work with Tolkien Society Trading, which has a mail order list of books and many other items connected with Tolkien's works.

Disponível em: <<http://www.tolkiensociety.org/>>. Acesso em: 22/Nov/2009

- Calendário de eventos disponível na web site da Sociedade:

Annual Tolkien Society Events

The Tolkien Society organises a number of regular annual events. As the society has grown the quantity of events has increased; hopefully those who have attended feel that the quality has also increased! This page presents a summary of the Society's annual events with a brief description of each and a link to further information: including a history of each event, reports of recent ones and details of the forthcoming ones.

Event	Usual Dates	Brief Description
<u>Birthday Toast</u>	January 3 ^d	A simple toast raised to celebrate Tolkien's birthday.
<u>Tolkien Reading Day</u>	March 25 th	An educational day, to encourage reading and reading Tolkien in particular.
<u>AGM & Dinner</u>	A weekend mid- to end of April	The Society's business meeting and semi-formal Annual Dinner.
<u>Tolkien Weekend</u>	A weekend in mid May	A celebration in the form of a country fair of Sarehole & Moseley, where Tolkien grew up.
<u>Seminar</u>	A weekend in June or July	A more literary weekend with papers and talks.
<u>Summermoot</u>	A weekend in July or August, or occasionally early September	An informal low-cost weekend, encouraging fellowship and enjoyment of a rural or urban location.
<u>Oxonmoot</u>	Usually the weekend nearest September 22 nd	The major TS event, encompassing a Fan Convention with a remembrance of Tolkien.
<u>Autumnmoot</u>	A weekend in October or November	An autumn version of Summermoot.

Disponível em < http://www.tolkiensociety.org/ts_info/tseventscalendar.html>. Acesso em: 22/Nov/2009.

ANEXO 4 – Conselho Branco:

- Página da *web site* da sociedade *Conselho Branco*:

Sociedade | Tocas | Cadastro | Exclusivo Sócios

JRR Tolkien | Arquivo | Links | Loja | Contato

SOCIEDADE

Brasil, 20 de Novembro de 2009.

O Conselho Branco - Sociedade Tolkien é uma entidade sem fins lucrativos criada para estudar e divulgar a obra fantástica do escritor, professor e filólogo **J.R.R. Tolkien**, considerado por muitos como o pai da Fantasia Moderna. Criado por fãs, o Conselho Branco tem o firme propósito de contribuir para o desenvolvimento do hábito da leitura e da cultura no Brasil atuando através de ações sociais e culturais em parceria com outros grupos de estudo, iniciativa privada e Governo.

Para isso, o Conselho Branco dispõe do trabalho voluntário de seus Associados, organizados em todo o país em **Tocas** (sedes regionais) e grupos de estudos estruturados em diversas áreas da Cultura tolkieniana. São estes mesmos Associados que assumem posições na **Diretoria Nacional** e desenvolvem os projetos e **parcerias** do Conselho Branco, como descrito no **Estatuto** da sociedade.

E **projetos** não faltam! A obra literária de J.R.R. Tolkien não teve paralelos no século que terminou e seu principal livro, a trilogia O Senhor dos Anéis, vendeu sozinho mais de 150 milhões de exemplares no mundo todo. Sua criação é tão fabulosa que diversos e renomados estudiosos se dedicam a estudá-la e mereceu, inclusive, a criação de uma cadeira para estudos de lingüística na Universidade de Oxford, Inglaterra.

O Conselho Branco vem fazer sua **história** junto a uma vasta Comunidade Mundial, levando a esta a rica contribuição de nossa cultura, certo de que cumprirá com seu papel.

SAIBA MAIS SOBRE O CONSELHO BRANCO!

- **Sociedade**
- **História**
- **Estatuto**
- **Diretoria Nacional**
- **Projetos**
- **Parcerias**
- **Tocas**

PERGUNTAS?

Tire suas dúvidas sobre a Sociedade, as Tocas, Associação e muito mais **aqui**.

© Conselho Branco 2002
Este site foi desenvolvido pela **Berner Artes** em parceria com o Conselho Branco.
Visualize com 800x600 pixels e 16k cores.

Disponível em: <<http://www.conselhobranco.com.br/sociedade/sociedade.htm>>. Acesso em: 22/Nov/2009.

- Página contendo os projetos do Conselho Branco:



Brasil, 22 de Novembro

A listagem abaixo apresenta os Projetos do Conselho Branco em andamento a nível nacional. Informações adicionais sobre a implementação e desenvolvimento dos mesmos podem ser conseguidas com seus respectivos coordenadores.

- A Última Casa Amiga
O projeto consiste em fornecer um espaço para a oferta e procura de um local de abrigo para sócios que, sem esse recurso, não poderiam participar de determinados eventos promovidos ou com a participação do Conselho Branco.

- Casa de Vairë
Coordenador: Cláudia "Nísire"
Esse projeto busca estimular a leitura e a divulgação das obras de Tolkien e o acesso a trabalhos de ficção relacionados a ela. Assim como, estimular a prática das pessoas de se reunirem para ouvir e contar histórias, prática essa que forjou a civilização humana e que está sendo atualmente esquecida.

- Conselho de Elrond
O projeto criado pela Toca SP consiste em reunir enTocados para compartilhar seus conhecimentos e obter pontos mais incisivos para a análise da obra de Tolkien. Capítulo a capítulo os participantes opinam, relembram e observam pontos sobre a escrita do Professor.

- Entebate
A iniciativa, originária da Toca MG, foi reformulada pelo Conselho Branco com o intuito de facilitar o encontro de enTocados com interesse em se empenhar em estudos referentes à vida e a obra de Tolkien. Pretende-se assim incentivar a discussão e criação cultural por parte dos associados da sociedade.
Em todo mundo, a vida e a obra de Tolkien são estudados em diversos cursos universitários. Nesses países existem periódicos acadêmicos que há mais de 15 anos publicam ensaios e estudos sobre o legendário tolkieniano, incluindo assuntos como lingüística, cultura, geografia, história, teologia, entre outros.

- Espelho de Galadriel
O intuito do projeto é desenhar, desenvolver, produzir fantasias inspiradas no universo de Tolkien. Esse conhecimento deverá ser de acesso a todos associados do Conselho Branco.

- Juízo dos Valar
Gerar discussões sérias sobre os personagens de Tolkien, debates sobre suas ações e motivações dentro da ficção, porém de maneira lúdica e dinâmica, através de julgamentos conduzidos via lista de discussão.

- Lambendili
Coordenador: Reinaldo "Imrahil"
O Lambendili busca reunir associados interessados em pesquisar e divulgar trabalhos sobre as línguas usadas nos livros de Tolkien. Também destina-se a desenvolver métodos de ensino e prática destas línguas a serem divulgados a todas Tocas do Conselho Branco.

- Ordem dos Istari
A Ordem dos Istari é um projeto que promove a reunião de interessados em jogar RPG, com aventuras variadas direcionadas ao Universo das obras de J.R.R.Tolkien, cujas obras inspiraram a criação do jogo.

Disponível em: <<http://www.conselhobranco.com.br/projetos/index.htm>>. Acesso em: 22/Nov/2009.

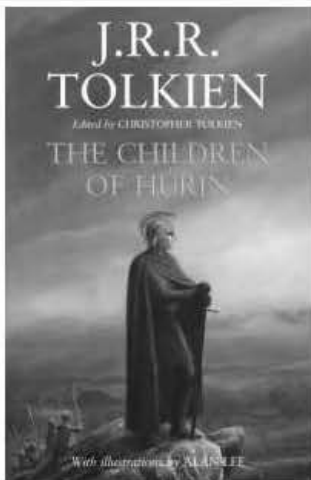
ANEXO 5 – Comunidade Virtual Valinor

- Página Inicial da Comunidade Virtual Valinor (<http://www.valinor.com.br/>)



[Valinor](#) [Notícias](#) [J.R.R. Tolkien](#) [Livros](#) [Filmes](#) [Artigos](#) [Mídia](#) [Arte dos Fãs](#) [Colunas](#)

Em Destaque



**OS FILHOS DE HÚRIN
CHEGAM AO BRASIL EM
DEZEMBRO**

A melhor notícia em muitos meses para os fãs brazucas de Tolkien acaba de ser anunciada pela editora Martins Fontes, detentora dos direitos de publicação da obra do Professor no Brasil. O livro "Os Filhos de Húrin" deve sair por aqui neste ano, provavelmente no começo de dezembro. E a Valinor terá...

[ARTIGO COMPLETO](#)

Mais Notícias

Ciência da Terra-média: as terras debaixo das ondas

Brian Cox em O Hobbit? Façam suas apostas!

Del Toro fala

Os Filhos de Húrin: a maldição dos ananos. Ananos?!

Ian McKellen já leu o script de O Hobbit

Prudência: A Arte de Decidir

Sam, o astrônomo

Quando Gandalf tira férias

Os alfabetos científicos de Tolkien

Doriath

Caranthir

Soberba e Humildade: A Grandeza e Miséria Humana

Beleg Cúthalion

Peregrin Tûk, um estudo de caracteres

Colunistas



A Temperança: Como Chegar ao Equilíbrio Interior
Ives Gandra
8 de setembro de 2009



Os Contos de Fada e a Sanidade Mental: A Visão de G. K. Chesterton e J. R. R. Tolkien
Ives Gandra
3 de agosto de 2009



MAGOS, BRUXAS E FEITICEIROS: o Bem e o Mal na Literatura de Fantasia
Rosana Rios
21 de junho de 2009

Você Não Pode Deixar De Ler

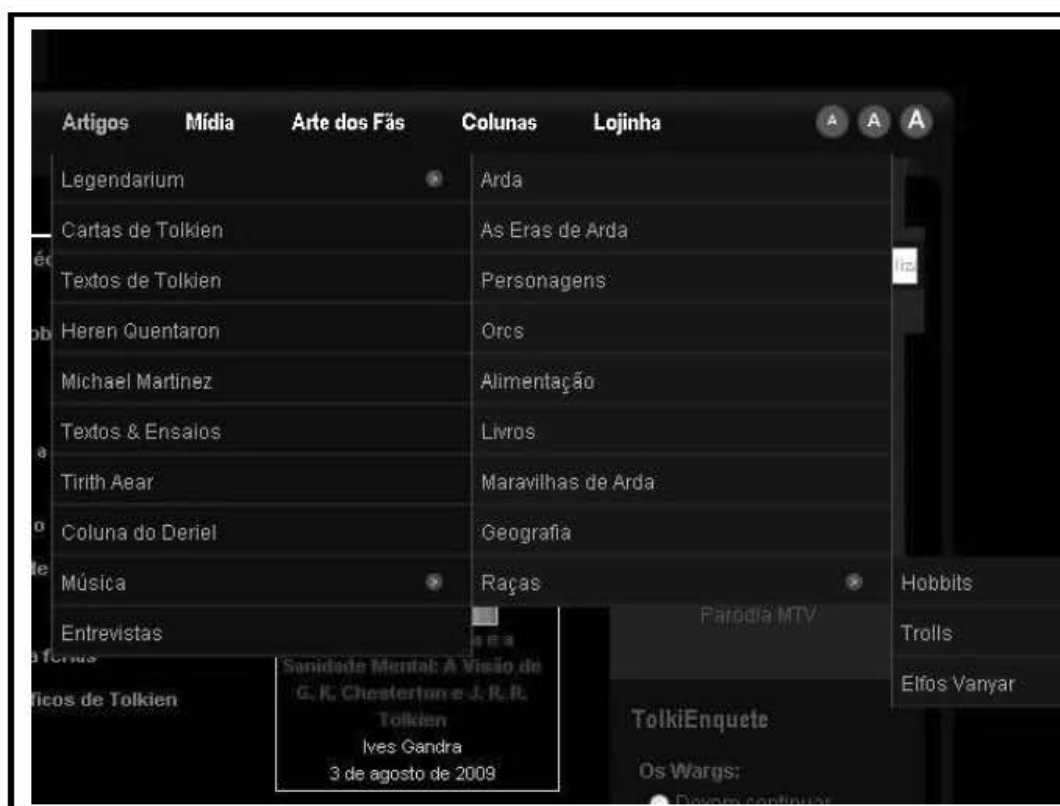
ATHRABETH FINROD AH ANDRETH

O famoso Diálogo de Finrod e Andreth, através do qual muito se sabe do relacionamento entre os Filhos de Eru, seus passados e futuros.



Disponível em: <<http://www.valinor.com.br/>>. Acesso em: 22/Nov/2009.

- Detalhe do website Valinor:



Disponível em: <<http://www.valinor.com.br/>>. Acesso em: 22/09/2009.

- Coluna *Torech Ungol* de Susana Rios:

Torech Ungol



Torech Ungol é a coluna escrita por **Rosana Rios**, consagrada autora de literatura infantil/ juvenil com diversos prêmios literários e uma bibliografia de mais de 100 títulos publicados, entre eles o livro *Senhoras dos Anéis*, onde foca as mulheres das obras de Tolkien. É também autora de roteiros para teatro, cinema e TV, onde foi autora-roteirista dos programas *Bambalão*, *TV Criança* e *Agente G*. Pesquisadora de Mitologia e Literatura Fantástica, coordena o GELF - Grupo de Estudos de Literatura Fantástica.

Rosana também mantém um blog pessoal, onde sempre publica detalhes sobre suas últimas obras e mantém a longa lista de livros publicados.

Sua coluna na Valinor é uma viagem à literatura fantástica e tem periodicidade bimestral, sendo publicada sempre no último domingo dos meses ímpares.

Filtro Ordem **Data desc** Exibir # **50**

Data	Título	Autor	Acessos
21 de junho de 2009	MAGOS, BRUXAS E FEITICEIROS: o Bem e o Mal na Literatura de Fantasia	Rosana Rios	2766
11 de abril de 2009	O Avô dos Castelos Mal-Assombrados	Rosana Rios	1656
25 de janeiro de 2009	Românticos, porém Fantásticos	Rosana Rios	2164
01 de dezembro de 2008	Uma Introdução à Literatura Fantástica	Rosana Rios	4357

Disponível em: <<http://www.valinor.com.br/colunas/torech-ungol/>>. Acesso em: 22/Nov/2009.

Anto Saurono

Boletim Informativo do Conselho Branco Sociedade Tolkien

Ano V - Nº 16 - Janeiro a Abril de 2006

CB com dois Presidentes?

Nilda "Alcantique", Secretária Geral do CB, explica o período de Transição da nova Diretoria Nacional e por que a Sociedade agora conta com dois Presidentes!

Página 3

DN propõe alteração para os Pacotes de Associação

Vem aí os novos Pacotes de Associação do Conselho Branco. Confira em primeira mão o que a Diretoria Nacional está propondo.

Página 3

Chega às prateleiras o tão esperado Cartas de J.R.R. Tolkien

O Conselho Branco dá uma olhada no mais recente livro tolkieniano a ser publicado no país! Após meses de espera, o Cartas já está disponível para os fãs brasileiros.

Confira também a entrevista com Thiago Tizzot, da editora Arte & Letra, falando sobre o lançamento.

Página 5

Entebate - como criar e desenvolver um na sua Toca

Visando desenvolver a participação dos Associados nas atividades promovidas pelo CB, a DN está divulgando o projeto Entebate.

Veja aqui o que é necessário para começar um na sua Toca!

Página 6

FTB confirma HobbitCon!

A Federação Tolkieniana Brasileira (FTB) bateu o martelo e decidiu: a HobbitCon 2006 vai realmente acontecer. Veja onde e quando e comece a se preparar para o maior evento Tolkien do País!

Página 6

Onde está a religião no Senhor dos Anéis?

Publicado na íntegra o texto "Por que não há religiões?" de Ivan Dias Martins, vencedor da edição de 2005 do concurso Livro Vermelho do Conselho Branco, para ensaios e estudos sobre a obra de Tolkien. Leia e comente!

Página 4

Tocas ES e RJ começam 2006 com muito agito!

Novas Coordenadoras, aniversários, encontros e muita diversão. Confira o que Capixabas e Cariocas estão aprontando!

Páginas 7 e 8

~ Também Nesta Edição ~

- Editorial

A mensagem do novo presidente do CB. Confira!

- Expediente

A Assembléia Nacional elegu a nova Diretoria do CB em novembro último. Veja quem é quem!

- Curtas!

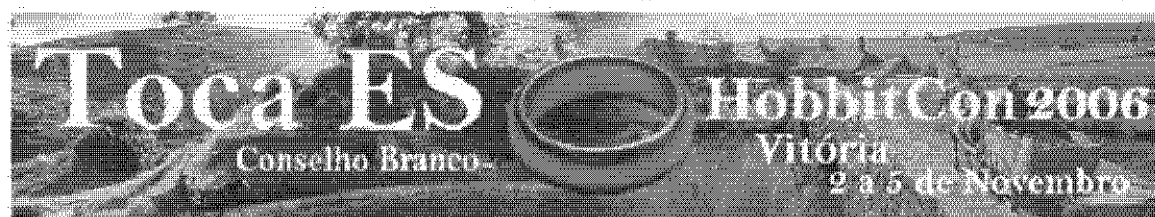
O mais caro espetáculo já produzido abre suas portas. Começa, no Canadá, a temporada do musical O Senhor dos Anéis!

- Pippin Pergunta!

O AS está estreando uma nova seção, veja do que se trata e prepare-se!

- Concurso!

CB lança novo concurso para modernizar o Anto Saurono!



Editorial

Para o Alto e Avante!

O começo do ano nos trouxe grandes surpresas: muitas boas, mas outra incrivelmente triste.

Essa edição do Anto Saurono traz uma homenagem ao Sérgio "Isildur" Akamatu, nosso Presidente "in memoriam", um homem que trabalhou intensamente para construir sólidas bases para a estrutura que hoje é o Conselho Branco.

No entanto, nem só de pesares havemos de viver. Ótimas notícias chegam de SP e ES, duas Tocas de sucesso que recentemente elegeram suas novas Coordenadorias. Também merece nosso reconhecimento o hercúleo trabalho que vem sendo desenvolvido pela Toca RJ para resgatar o grupo do ostracismo, por meio do "Vinyar Mistalondëo" ("Notícias dos Portos Cinzentos"). Além desta, outras duas sedes regionais que já tomaram as primeiras medidas para seu ressurgimento são as Tocas RS e Campinas. Desejamos a maior sorte possível a estas e todas outras Tocas do Conselho Branco.

A HobbitCon, um evento de sucesso da FTB, esse ano se lançará ainda mais longe, até o Espírito Santo. A conferência será realizada, pela primeira vez, em 4 dias consecutivos.

Uma ótima notícia para os associados que viajavam horas por apenas um dia de evento.

Em âmbito nacional, muitas mudanças aparecerão em breve. Essas, por sua vez, são medidas discutidas e exigidas há tempos, mas que enfim serão colocadas em prática. Aliás, o Anto Saurono está finalmente em dia!

E, por falar em Anto Saurono, essa edição traz ainda um concurso para definir o novo layout do periódico, além do anúncio da nova coluna de entrevistas "Pippin Pergunta". Também não poderíamos deixar de fora "As Cartas de J.R.R. Tolkien", sobre as quais Thiago "Isaine/Estus" Tizzot, da Editora Arte&Letra, fala exclusivamente para o Anto Saurono.

Como se pode ver, estamos trabalhando duro para uma maior participação de todos os associados. A construção de um melhor Conselho Branco depende primariamente disso. Contamos com a sua ajuda!

Alexandre "Marreo Herunolé"
Presidente

presidencia@conselhobranco.com.br

Nota de falecimento

~ Rosana "Shelob" Rios ~

Longo no início de 2006, uma surpresa desagradável aguardava os membros do Conselho Branco. O membro da Toca São Paulo, Sérgio René Akamatu, que todos conhecíamos pelo *nick* de Isildur, sofreu um inesperado aneurisma da aorta e veio a falecer no dia 2 de janeiro.

Isildur havia sido eleito em novembro de 2005 para ocupar o cargo de Presidente do Conselho Branco, depois de servir a sociedade como Secretário Geral na última gestão, e ter sido ainda por muito tempo Coordenador na Toca São Paulo.

Todos os que o conheceram, tanto na Toca SP como na Diretoria Nacional do CB, puderam aprender muito com seu conhecimento da obra de Tolkien e sua facilidade em lidar com sites, programas e webdesign. Nosso amigo Isildur foi professor da FAAP em São

Paulo, além de ter sido designer em várias empresas e mesmo Presidente da Associação Brasileira de Design. Era autor do Jornal da Terra-média, *site* onde escrevia com muito humor sobre Arda. Sua partida deixa saudades não apenas para todos nós, que fomos seus companheiros na Sociedade Tolkien, mas especialmente para sua esposa Viviane "Entesposa" e o pequeno João Felipe "Manwë".

Sua atuação no CB foi exemplar e é a ele que devemos as últimas atualizações do *site*, além do recadastramento de sócios efetuado nos últimos anos. Todos os membros do Conselho Branco sentem-se de luto com sua partida, e embora saibamos que Isildur hoje faz parte da Terra Abençoada, a saudade permanece.

Nai Anar kabhvatyeüanna, querido amigo!

Expediente



Presidência *in memoriam*
Sérgio "Isildur" Akamatu

Presidência
presidencia@conselhobranco.com.br
Alexandre "Marreo Herunolé" de Oliveira

Secretaria Geral
secretaria_geral@conselhobranco.com.br
Nilda "Alcarinquê" Azevedo

Diretoria Administrativo-Financeira
administrativo@conselhobranco.com.br
Rosana "Shelob" Rios

Diretoria Jurídica
juridica@conselhobranco.com.br
Fabrício "Eurh-Lord" Lopes

Diretoria Cultural
cultural@conselhobranco.com.br
Rodrigo "Steer" Jaszewski

Coordenadoria de Atendimento
atendimento@conselhobranco.com.br
Marisa "Amantissya" Frieschentruder

Coordenadoria de Logística
logistica_dh@conselhobranco.com.br
Vivi "Entesposa" Zavati

Coordenadoria de Concursos
livrovermidho@conselhobranco.com.br
Marcelo "Teldagor" Manfrinati

Coordenadoria da Casa de Vair
antosaurono@conselhobranco.com.br
Cláudia "Nisire" Dias

Coordenadoria do Lamberdili
lamberdili@conselhobranco.com.br
Rinaldo "Imrahil" J. Lopes

Coordenadoria do Site
webmaster@conselhobranco.com.br
Luciana "Luk" Vitiello

Coordenadoria de Traduções
Aline "Elcawë" Muback

Editoria do Anto Saurono
antosaurono@conselhobranco.com.br
Julcie "Arwen" Mutius
Cláudia "Nisire" Dias
Thomaz "Azog" Brasil (design gráfico)

Anto Saurono é o informativo de distribuição interna do Conselho Branco Sociedade Tolkien.
www.conselhobranco.com.br

~ A Transição ~ ou por que temos um Presidente "in memoriam" e um Presidente "em exercício":

O dia 02 de janeiro não era lá estas coisas como dia mesmo: uma segunda-feira depois do fecho de Ano Novo não prometia grandes coisas.

Mas receber no meio da tarde o aviso de falecimento do Sérgio, ou Isildur, como sempre o chamei, um amigo, na casa do qual estive poucos dias antes conversando e rindo, amigo este que era o presidente do Conselho Branco a pouco mais de 24h, foi um choque e tanto.

Deixei um pouco pra entender o completamente o final da mensagem enviada neste dia pelo Slicer, nosso Diretor Cultural: "estou contigo até o fim"...

Sim, sem o Presidente, eleito em novembro, a direção nacional do Conselho Branco seria encabeçada por mim. Justamente a pessoa eleita que nunca havia sido eleita para algum cargo do Conselho Branco, mesmo que sempre tenha participado de uma forma ou outra de atividades na Toca São Paulo e outras atividades nacionais.

O que fazer??

N um primeiro momento, decidi que não assumiria a Presidência de fato, continuaria como a Secretária Geral, o que era permitido pelo estatuto, e o Isildur continuaria sendo o nosso presidente eleito, apesar de agora só poder ser isso.

Só que menos de um mês nesta condição foi o suficiente para perceber que seria muita coisa para uma pessoa apenas, ainda mais com o quadro da atual Diretoria Nacional bastante reduzido. A chapa eleita, em novembro, contava apenas com 4 membros. Agora éramos apenas 3. E todos somos voluntários, muitos estudantes, com empregos, quando não as duas coisas ao mesmo tempo.

A questão precisava ser resolvida logo, pois não se poderia decidir muita coisa e fazer algo sem que a questão da Presidência fosse resolvida.

Realizar outra eleição?? Se na última a formação de uma chapa com um mínimo de componentes já havia sido problemática, agora seria mais ainda. E deixar o Conselho Branco sem uma direção nacional até a realização da outra Assembleia Nacional, onde esta possível chapa deveria ser eleita, poderia ser representar um desastre. A luta das últimas diretorias nacionais para manter o Conselho Branco ativo, principalmente no último ano, quando a onda dos filmes havia "esfriado" o interesse de muita gente por Tolkien poderia ser destruída, e isto era uma hipótese impensável.

O que fazer??

L endo o estatuto, encontramos uma possível solução: O artigo 18 prevê que a Diretoria Nacional pode convidar alguém para preencher um cargo que esteja vago.

Comuniquei oficialmente, a minha decisão de não assumir a Presidência do Conselho Branco, bem como pedi para que o Sérgio "Isildur" continuasse constando como presidente, agora "in memoriam", bem como para que um novo presidente fosse escolhido pela Diretoria Nacional, utilizando o art. 18 do nosso estatuto.

Esta ideia foi proposta aos membros da Lista da Nacional do Conselho Branco, da qual participam a Diretoria Nacional, os Thains e coordenadores das Tocas, pois era uma decisão que não poderia ficar restrita aos poucos membros da Diretoria Eleita em novembro de 2005.

Discutida e aceita, o nome do Alexandre Marreco, na época ainda Thain da Toca Espírito Santo surgiu como a melhor opção. Apesar do Estatuto ser claro quanto ao fato de um membro da diretoria nacional não poder ser, ao mesmo tempo, membro de uma coordenadoria regional, entendemos que, o pouco período em que haveria o "acúmulo" de funções não seria um problema em si, já que as eleições para o novo Thain do ES já estavam em curso, e certamente seria necessário um período de transição, para que o ele e todos se adaptassem à nova realidade.

No dia 08 de fevereiro, após uma votação ocorrida na lista, o nome do Marreco foi aprovado, logo depois ele passou a exercer a Presidência do Conselho Branco.

Não se pode dizer que a Nacional do Conselho Branco esteja funcionando como desejamos, pois muita coisa se perdeu com a ida de nosso amigo Isildur para os salões de Mandos, principalmente a experiência de mais de 2 anos participando de decisões, e alguns tropeços com certeza irão acontecer. Mas nossas atividades estão retornando, e com um vigor maior do que o que nós mesmos esperávamos ser possível antes, e em tão pouco tempo, como é o caso deste Anto Saurono, e outras atividades e projetos que estão sendo levados adiante nas Tocas espalhadas pelo Brasil.

E ousou dizer que, com o ocorrido, mais forte do que antes, pois após 5 anos de existência, o Conselho Branco mostrou que pode resistir a golpes duros do destino, e se fortalecer com ele.

Nilda "Alcarinque"
Secretária Geral

~ DN prepara novos Pacotes de Associação ~

A Diretoria Nacional do Conselho Branco vem há algum tempo estudando meios de aumentar a participação dos Associados e desenvolver uma base financeira sustentável para a entidade. Entre as propostas em discussão, a remodelação dos Pacotes de Associação da Sociedade.

As mudanças apresentadas abaixo entrarão em vigor em breve, mas por enquanto os pacotes continuam os mesmos.

Pacote Tom Bombadil

Custo Anual: R\$ 0,00 (GRATUITO).

Benefícios:

- Inscrição automática na Lista de sua respectiva Toca;
- Participação nos Eventos da sociedade;
- Acesso às Áreas restritas do site do Conselho Branco;
- Acesso ao conteúdo intelectual do Conselho Branco através do site;
- Anto Saurono, periodicamente, via site em formato PDF;

Pacote Gollum

Custo Anual: R\$ 10,00 por ano.

Benefícios:

- Vantagens do Pacote TOM BOMBADIL;
- Carteira exclusiva do Conselho;
- Descontos e vantagens SIMPLES em lojas.

Pacote Hobbit

Custo Anual: R\$ 25,00 por ano.

Benefícios:

- Vantagens do pacote TOM BOMBADIL;
- Carteira exclusiva do Conselho Branco;
- Descontos e vantagens SUPÉR em lojas associadas;
- Cartão postal e selo comemorativos dos 50 anos de "O Senhor dos Anéis";
- Uma conta pessoal de e-mail do Conselho Branco.

Pacote Elfo

Custo Anual: R\$ 50,00 por ano.

Benefícios:

- Vantagens do pacote TOM BOMBADIL;
- Carteira exclusiva do Conselho Branco;
- Descontos e vantagens PREMIUM em lojas associadas;
- Cartão postal e selo comemorativos dos 50 anos de "O Senhor dos Anéis";
- Uma conta pessoal de e-mail do Conselho Branco;
- Anuário de Estados e edições anuais do Anto Saurono do Conselho Branco, em CD;
- Camiseta exclusiva dos sócios elfos do Conselho Branco.

~ Por que não há religiões? ~

~ Ivan Dias Martins - vencedor do concurso Livro Vermelho 2005 ~

Fãs de Tolkien, com a característica curiosidade extensiva a todos os cantos da obra, não deixam de reparar, após apenas alguma diminuição na paixão que a obra desperta de imediato, a (aparentemente) estranha ausência de religiões nos seus livros. Ou, pelo menos, assim ocorre com os que não chegaram às obras atrás de, somente, sons e luzes. A estranheza somente aumenta quanto mais se lê, e não falo somente de quantos mais textos ou livros são lidos, mas especialmente de quanto melhor se lê. Pois é evidente, após pouca atenção dispensada, a presença profunda, essencial e generalizada de mística e religiosidade por toda a Obra. Seja no mundo criado, em suas causas profundas, sentidos básicos e história, quanto no texto, nos motivos fundamentais que se seguem.

Por isso a pergunta se torna de maior importância. Por que foi tão importante, para Tolkien, excluir de sua obra religiões organizadas? Ou melhor, por que excluir formalmente, diretamente, a religião (e não se enganem, esta é a católica) que pode ser tão claramente sentida? Há uma resposta simples, eficiente e correta para isto, e não há motivos para duvidar dela. Tolkien criticava, na fantasia medieval, a presença aberta do cristianismo. Para ele, parecia um erro mortal. As razões para tal não são difíceis de imaginar. Possivelmente, cria que a presença de Verdades Reveladas amarrava a sub-criação dos autores, cuja percepção intuitiva, adivinhada e "complementada" da Verdade era (e é) a essência básica da fantasia. "História" verdadeira limitaria a feitura de uma história alternativa. E é fácil entender que Tolkien não tivesse nenhuma intenção de, ao excluir a religião Verdadeira (de acordo com sua fé), incluir ou criar qualquer outra.

Entretanto, a religião Verdadeira está realmente fora do mundo secundário de Tolkien? A leitura de alguns dos mais famosos e melhores textos de Tolkien não permite essa conclusão. Se o cristianismo não está incluso nos escritos de Tolkien, ele está inscrito em seu mundo. Não no período que Tolkien descreve, mas no seguinte. Tolkien descreve sua obra como período histórico imaginário, como passado criado deste mesmo mundo, e deste mesmo presente. Presente esse que inclui necessariamente a vinda, há dois mil anos, de Cristo. Escrevendo sobre um período passado há mais ou menos, em suas próprias palavras, seis ou oito mil anos antes de agora, ele pôde incluir Cristo sem ter que escrever sobre ele. Liberando sua criação de amarras, mas a mantendo no mesmo sistema de suas crenças sinceras: a própria formalização de sua tese sobre a sub-criação mitológica. Qualquer dúvida quanto à presença futura de Cristo no mundo secundário de Tolkien não resiste à leitura do *Atthabeth Finrod Ab Andreth*, presente no History of Middle-earth X, Morgoth's Ring (e que possui tradução para o português em páginas da Internet).

Entretanto, tais explicações não são o objetivo deste texto. Estas conclusões são bastante claras e eu não as formulei, somente extraí de alguns dos mais conhecidos textos de Tolkien, mais em sentido de introdução que de revelação. Tampouco pretendo a partir de agora elaborar uma tese inovadora. Minha intenção é, a partir de uma frase, contida em uma das cartas direcionadas aos fãs, demonstrar como, interna e externamente ao mundo sub-criado, a religião organizada não é fundamental, mas sim produto histórico (embora não social), e está ligada aos mais profundos motivos do Legendário. Como pôde, portanto, o mundo secundário funcionar como sistema, auto-sustentado, e progressão de acontecimentos, e mais, como sistema em movimento, embora este seja melhor considerado do ponto de vista artístico que, digamos, "sociológico".

Tolkien afirma que os hobbits tem algo como uma religião natural. Uma certa percepção intuitiva, não "revelada" ou deduzida pela razão, do que é certo, ou de como o mundo é de fato. Não é segredo pra ninguém que Tolkien tinha um grande conhecimento de escolástica (medieval, pelo menos, talvez moderna também). O tomismo divide a Verdade universal em Divina, Eterna e Natural, sendo estas duas últimas mundanas, e, portanto poderiam ser percebidas ou deduzidas

sem o conhecimento da Palavra. E de certa forma mesmo o Divino poderia ser algo sentido, embora não descoberto. Dessa forma, há um relato de um missionário espanhol entre os índios no século XVI que afirma que os índios eram tão inocentes e sinceros em suas práticas idólatras que deveria ser visto ali uma genuína fé mal direcionada. Acredito que Tolkien segue esta forma de pensamento. Os hobbits percebiam de forma fraturada Eru, mas na essência era puro. Pelo Mythopoeia se depreende que essa era a concepção de Tolkien a respeito da religião humana também, adaptada e decorada com a ação criativa humana.

Creio que isso explica como a religião é em geral tratada por toda a obra. Sendo o Divino e o Natural perceptível, era possível para os povos de Arda viverem de forma correta por sua intuição, não precisando de Revelações. Aliás, isso é corroborado pelo Conto de Adanel, onde o Divino é diretamente alcançado no interior do ser enquanto os homens eram impolutos, mas esse Divino não instrui amplamente os humanos, sendo mais uma supraconsciência que uma fonte de conhecimento. Esse se cala à medida que os homens se afastam da vida correta. Não acredito que os elfos tenham tido algo tão direto, acreditando que a tal Voz não seja uma metáfora, mas talvez nunca tenha precisado. Além de mais fortemente conscientes da própria espiritualidade, os elfos estiveram durante a maior parte do tempo sob a tutela direta ou indireta dos Valar. Considerando as coincidências entre os Ainur e os elfos (mesmo ritmo temporal, maior afinidade dos Valar com os elfos, etc.) eu imagino que Eru tenha criado os elfos com isso em mente. A regência dos Valar era tanto espiritual quanto natural, e eles serviram como instrutores dos elfos em questões divinas. Talvez os humanos, com sua vida natural rápida, não precisassem de certeza sobre estas questões, antes do seu destino final. Talvez pudessem somente se valer da sua intuição e da Voz.

Imagino que seja por isso que não exista religião ordenada, que apresente uma cosmogonia e sistema universal ou código de conduta definido, ou culto no qual se demonstrasse um respeito ou temor ritualizado. Se os fundamentos da universo fossem perceptíveis por si e a conduta ideal alcançada sem direcionamento, ou seja, se a Existência fosse respeitada e seguida na essência, não havia a necessidade de uma instrução Revelada. Essa só se configura para os humanos, e através da Queda. A partir daí a Cura dos homens só pode se dar pela redenção dele mesmo, ao mesmo tempo em que pela intervenção de Deus. Além da questão puramente mística da Dupla Natureza de Cristo, também a Palavra é revelada algumas vezes, compondo o que seriam os Evangelhos, e criado um culto baseado na verdade, subvertendo e reparando os danos do culto primordial a Morgoth. Uma Igreja nas mesmas bases formais da morgothiana, mas inversa no sentido, santificada, libertando os homens do peso da mácula original. Eu imagino que esta seja a razão da existência de uma Igreja hoje (o hoje mítico, óbvio). A pergunta inicial estaria invertida, se for assim. Por que existem religiões? Acredito que o Fim do Drama seria a resposta. Imagino mesmo que a Cura completa só se daria pela inversão total da Queda no Fim, a conversão de todos os homens (ou então só haveria Cura e vida eterna para os "santos").

Dessa forma Tolkien funde, de forma bela e auto-explicativa, teologia, com suas bases estáticas, com história a nível humano, pequenas vidas vividas dentro de um mundo dado, e mitologia, com a progressão de um Drama que se compõe estágio a estágio, em direção ao fim que unifica e justifica o todo.

Argumento, principalmente, dentro da Obra escrita por duas razões básicas. Por considerar que descobrir a razão em Tolkien externo é procurar agulha em palheiro. Segundo, porque acho que Tolkien não só refletiu suas preocupações e exerceu uma sub-criação em sentido estrito, mas também porque nela estas se apresentam de forma fechada e coerente, com um sentido. Não necessariamente na criação em si é desta forma.

~ As Cartas de J.R.R. Tolkien ~

~ Jackie "Arwen" Matias ~

Agora é pra valer! Depois de muito esperar, fãs de Tolkien de todo o Brasil podem conferir em português mais um marco na história tolkieniana.

Publicada pela editora Arte e Letra, "As Cartas de J.R.R. Tolkien" revelam muito mais do que simples conversas. O livro é composto por uma enorme coletânea com mais de 350 cartas que foram escritas por Tolkien, ao longo dos 14 anos em que esteve escrevendo "O Senhor dos Anéis".

A demora na publicação, segundo a editora, se deve a preocupação com que foi editado o livro, tendo-se a maior atenção em traduzi-lo com a maior fidelidade possível ao texto original. Um dos tradutores é nada mais que Gabriel "Tilion" Brum, um dos maiores especialistas em Tolkien no Brasil e que já traduziu outros textos do Professor para nossa língua.

Pra fã nenhum botar defeito!

Nas 354 cartas que compõem o livro, há informações raríssimas e que irão agradar a todos os fãs e, quem sabe, até aos que ainda desconhecem a magia de Tolkien. Ele relata a fãs, editores e à sua família, muitas histórias sobre a composição de suas obras, sua opinião sobre casamento, família, descreve a Terra-média e ainda conta detalhes de costumes dos povos que lá vivem que não estão nos livros oficiais. São relatos minuciosos com detalhes surpreendentes sobre suas idéias e inspirações literárias.

Todos ficamos muito felizes com mais uma conquista para nós fãs, mas ainda existem muitos outros livros que ainda não foram traduzidos para o português. Enquanto esperamos pela publicação de outras grandes obras como: "The History of Middle-earth" ("As Histórias da Terra-média" 12 vol.) e "The Adventures of Tom Bombadil and other Verses from the Red Book" ("As aventuras de Tom Bombadil e outros Versos do Livro Vermelho"), podemos saborear mais esta dádiva de Tolkien para nós.

Enjoy it!



Ficha Técnica

Título Original:
The Letters of J. R. R. Tolkien.
Editores:
Humfrey Carpenter e
Christopher Tolkien.
Páginas: 471
Editora:
Arte e Letra
<http://www.arteeletra.com.br>
Preço: R\$ 39,90

Em entrevista exclusiva ao Anto Saurono, Thiago Tizzot, da editora Arte e Letra, fala um pouco mais sobre o lançamento e as expectativas para o livro.

Anto Saurono: Quando As Cartas foi lançado, e por que demorou tanto?

Thiago Tizzot: O livro foi oficialmente lançado em 21 de fevereiro de 2006. Não acho que tenha demorado, tivemos um atraso de três meses no lançamento por causa do cuidado que tivemos com a tradução. Foi necessário muito cuidado e revisões para que o resultado chegasse aonde queríamos. Crio que por isso foi a parte mais difícil da publicação. Traduzir o texto de Tolkien de uma maneira que representasse o mais fiel possível a forma dele escrever.

AS: Tem data prevista para chegar às livrarias, ou a compra só vai poder ser feita pelo site mesmo?

TT: Não existe uma data específica para chegar às livrarias porque depende do interesse delas em pegar o livro pra vender. Se estivesse na mão da editora, já estaria disponível em muitas livrarias. Por enquanto o garantido é comprar pelo site.

AS: Quais as expectativas da editora em relação às vendas? E quanto à expectativa do público?

TT: As expectativas da editora são as melhores possíveis. Apesar de sabermos que o mercado de fantasia aqui no Brasil ainda não é muito desenvolvido, acreditamos que ele pode crescer muito. Acho que os fãs têm uma grande expectativa também, é um livro muito comentado entre os fãs e muita gente tem curiosidade pra ler.

AS: Há interesse na publicação de outras obras de Tolkien?

TT: Com certeza, interesse existe. Tudo vai depender de como vamos nos sair nas vendas, mas acredito que mais novidades devam chegar.

AS: Alguns críticos dizem que As Cartas são apenas um livro de consultas sobre Tolkien. O que você tem a dizer sobre isso?

TT: Ele é também um livro de consultas sobre Tolkien, mas não apenas. Só por esse fato já se torna um grande livro. Além de Tolkien discutir muitos pontos de sua obra, ele fala sobre a construção de mundos imaginários e da importância das palavras. É um livro essencial para quem tem curiosidade de saber mais sobre a Terra-Média e para quem gostaria de saber como um mundo imaginário é construído.

O livro pode ser adquirido pelo site da editora <http://www.arteeletra.com.br>. É só responder um questionário de compra e eles enviam um e-mail com os dados pra se fazer o depósito bancário. Aos fãs, fica o aviso: as vendas de "As Cartas de J.R.R. Tolkien" influenciarão bastante na edição e publicação de outras obras no futuro, já que a Martins Fontes, responsável pelos outros livros já publicados, não quis adquirir os direitos d'As Cartas, pois é um livro mais endereçado aos fãs de Tolkien.

- Paraná
Cascavel
- Livraria Nobel
Rua Riachuelo, 1815

Curitiba
- Iban
Av. São Jardim, 845
- Wadlands
Av. Mal. Floriano Peixoto, 740
- Teichem
Cândido de Abreu, 127
Shopping Mueller

As Cartas de JRR Tolkien também pode ser encontrado em uma livraria perto de você! Confira aqui alguns endereços:

- Espírito Santo
Vitória
- Leitura Shopping Vitória
Av. Américo Buaiz - lj. 462/463

- Minas Gerais
Belo Horizonte
- Livraria da Travessa
Av. Getúlio Vargas, 1105

- São Paulo
Limeira
- Livraria Nobel
Av. Santa Bárbara, 1360

São Paulo
- Livraria da Vila
Rua Fradique Coutinho, 915

- Rio Grande do Sul
Porto Alegre
- Jambô
Rua Sarmiento Leite, 631

Caxias do Sul
- Livraria do Maneco
Marechal Floriano, 879

Passo Fundo
- Livros e Livros
Av. Presidente Vargas, 392

Projeto "Entebate"

A iniciativa, originária da Toca MG, foi reformulada pelo Conselho Branco com o intuito de facilitar o encontro de enTocados com interesse em se empenhar em estudos referentes à vida e a obra de Tolkien. Pretende-se assim incentivar a discussão e criação cultural por parte dos associados da sociedade.

A. Situação-problema

Ao longo do tempo foi possível notar que muitos associados, com grande vontade de contribuir culturalmente com o Conselho Branco, são desestimulados por não encontrada, em um primeiro momento, outros membros que compartilhem de seu desejo.

Estes não são poucos, mas acabam por se agregar aos grupos de associados sem desinteressados de se aprofundar nas questões referentes à obra e a vida de J.R.R. Tolkien.

B. Descrição

1. Do Nome

O nome é proveniente do encontro de Ents presenciado por Merry e Pippin em *O Senhor dos Anéis - As Duas Torres*. Nele os sábios Pastores de Árvores se reúnem para debater sobre determinado tema que lhes parece pertinente.

Desse evento foi tirada inspiração para a reunião de enTocados que desejam estudar a fundo para melhor compreender a concepção da Terra-média e demais trabalhos de Tolkien.

2. Objetivo Primário

Facilitar o encontro de enTocados com interesse em se empenhar em estudos, incentivando a criação cultural do Conselho Branco.

3. Desenvolvimento

O Coordenador Cultural local apresentará à Toca uma série de temas disponíveis para discussão. O tema escolhido pela maioria dos votos será fruto de estudo para um determinado número de associados.

Os participantes do estudo seriam definidos por meio de inscrição por meio da lista de discussão ou e-mail particular para o Coordenador Cultural. Assim, após o preenchimento do número de vagas estabelecidas por ele, seria formado um grupo para debater o tema proposto. Entre o grupo deverá haver a nomeação de um responsável, cujas atribuições são descritas posteriormente.

3.1. Encontros

Não há rigidez para a frequência ou número de encontros do grupo. Este deverá se reunir quando julgar interessante e até o momento em que considerar a discussão realizada como satisfatória para a criação de um texto-estudo acerca do que foi debatido e suas devidas conclusões.

3.2 Textos

Os relatos escritos deverão ser repassados para o Coordenador Cultural e divulgados da maneira que este considerar mais adequada. O prazo de sua conclusão é de seis meses após o início dos encontros do grupo. Entre as opções estão:

- Lista de Discussão da Toca local
- Site da Toca local
- Site do Conselho Branco
- Auto Saurono
- Anuário do Conselho Branco
- Demais mídias informativas

Vale ressaltar que o primeiro item deve ser considerado sempre que possível, pois permite a discussão entre os demais associados sobre o tema analisado.

3.3. Responsável

O projeto deve contar com um colaborador local, subordinado ao Coordenador Cultural de sua Toca, responsável por:

- marcar os encontros do grupo de maneira que permita a participação de seus integrantes
- comandar as reuniões dos associados participantes
- definir a perpetuação ou o encerramento dos encontros do grupo
- estabelecer, entre os integrantes do debate, um responsável pelo texto-estudo
- enviar o texto-estudo para o Coordenador Cultural

Em sua ausência um novo responsável pelo projeto deve ser definido pelo grupo.

Observação: No caso de Tocas de baixa participação ou com fortes empecilhos de reunião física dos membros, é sugerida a discussão do tema pela lista do grupo. Dessa maneira deverá ser promovida a movimentação da lista local e enriquecimento do seu conteúdo.

4. Objetivos Secundários

Deve-se considerar que a criação de um estudo ao fim de cada encontro do grupo já é uma grande conquista para o cenário cultural do grupo. Mas, como consequência ao incentivo à produção local e seu envio à lista de discussão da Toca, os textos serão ainda um recurso fomentador das discussões do grupo.

Além disso, pretende-se instigar o trabalho em equipe e o interesse da pesquisa das obras como refortalecedores da curiosidade que cerca o mundo criado por Tolkien.

Como consequência final, o projeto almeja, além do revigoramento, a divulgação dos trabalhos culturais do Conselho Branco.

CONCURSO DE DESIGN



Venha participar do concurso para
eleger um novo layout para o
periódico do Conselho Branco.

Envie sua sugestão de layout para
antosaurono@conselhobranco.com.br

Inscrições abertas
até
1º de julho

HobbitCon 2006

A federação Tolkienista Brasileira (FTB) convoca a todos para participar da HobbitCon 2006, que acontecerá de 2 a 5 de novembro, na cidade de Vitória-Espírito Santo. Portanto, seja de pônceis, mearras ou até mesmo olifantes, venham e batam à primeira porta marcada com runas, pois estaremos esperando por vocês com um farto banquete hobbit.

Aproveitem e tragam seus manuscritos e telas de pinturas, esculturas talhadas e qualquer coisa que demonstre suas habilidades para expor a Hobbits, Anões e Elfos de toda a Terra Média!

Não esqueçam de vir armados para participar do treinamento de batalha, pois talvez tenhamos que desembainhar nossas espadas e usar nossos machados caso apareça algum Dragão.

Desperte o espírito Tûk que há em você e que o pêlo de seus pés jamais caia!

Parabéns Toca ES

~ Udayam "Haradrim" ~

No dia 25 de março foi realizado, no Parque Pedra da Cebola, o encontro de comemoração dos esplêndidos 4 anos da Toca ES. Além disso, foi dado início a uma nova fase do grupo com a posse da nova Coordenadoria capitãba.

O evento contou com um farto banquete hobbit, que impressionantemente conseguiu saciar a fome das 47 pessoas que estiveram presentes no encontro. O número de participantes - o segundo maior registrado na história do grupo - foi fruto de um ótimo trabalho de publicidade e da revitalização do projeto Na Toca com Sam, que pede aos enTocados para levarem amigos fãs da obra do Professor e divulgar a Toca ES.

Também ocorreu no encontro um torneio na arena de batalhas, com direito a ótimas premiações para o campeão (Livro de RPG, postal e folder da Tolkien Society) e o vice do duelo (2 milhões do Anro Saurono, chaveiro de "O Senhor dos Anéis" e album de figurinhas do Harry Potter).



Para celebrar a data o novo Coordenador Cultural, Eder "Turwenya", criou a iniciativa intitulada "Crônicas Entocadas?", para dar a oportunidade a diversos membros do grupo de contar a história do seu primeiro encontro na Toca capitãba. Dessa maneira, foi possível retratar diversas fases da história do grupo e lembrar os bons momentos que ela propiciou a todos. E no que depender da nova Coordenadoria, melhores momentos ainda virão!

Parabéns à Toca ES e a seus membros que, com o passar dos anos, tornam-se mais fiéis e amáveis.

Fazendo Arte - III TSV

No dia 12 de fevereiro a Toca ES realizou o III Tardes nos Salões de Valfenda, um projeto onde os entocados têm a chance de mostrar seus talentos nas mais diversas produções artísticas. E, levando em conta que são baseadas em produções fantásticas, as mesmas não deixariam de responder por tão grandioso adjetivo.

O projeto também possui um pano de fundo muito importante, o da socialização dos entocados, e os mais introspectivos ao verem a festa que cada apresentação e a acolhida pelo público, logo entram no clima, e assim muitos shows inesperados e improvisados acabam por se mostrarem, talentos bem escondidos afloram como a coragem de Sam. A auto-estima em relação às produções sempre é valorizada, pois os entocados e apicabas mostram cuidado quase extremado com relação às suas produções. Desta forma uma festa mais do que esperada se concretiza.

No final deste evento, e pela aclamação das apresentações, todos saíram inspirados a produzirem mais ou melhorar o que já foi feito, para os mais detalhistas. Uma das coisas que se apresentou mais sólida foi a formação de um grupo musical com flautas, violão e a presença de dois cantores, em ámbros de comédia apelidado de Toca-Toca.

Foram apresentadas:

Textos:

- Louvada Seja, escrito por Alexandre "Marreco Herunolê"
- Balada de Belg e Turin, escrito por Nildo "Odthin"
- Karma, escrito por Eder Benevides

Desenhos:

- Beren e Luthien, criado por Eder "Turwenya"

Músicas:

- Lágrimas Incontáveis, escrito e interpretado por Nildo "Odthin" e musicado por Fábio "Miojo"
- Bilbo Bolado, escrito e interpretado por Breno "Gwahil"
- Trilha sonora da trilogia O Senhor dos Anéis (diversas), musicadas por Danilo "Mith", Layla Claire e Thais "Elenwe" e interpretadas por Marcos e Suzana

Histórias:

- Cansei de ser baixinho, criado por Renan "Lost"
- Os pés de um hobbit, criado por Udayam "Haradrim"

Assim aconteceu o III Tardes nos Salões de Valfenda que, depois de tanto sucesso, promete voltar em breve!

Aventuras em Belfalas

~ Fábio "Miojo" ~

A Toca ES realizou no mês de janeiro o que foi chamado por nós de BBTM (Big Brother Terra Média). Um grupo de mais ou menos oito entocados arrumaram suas malas e foram juntos para Guataparí apelidada de Belfalas, cidade praieira e turística do Espírito Santo, que fica cerca de 50 quilômetros da capital, Vitória. Dando corda à diversão, hospedaram-se no apartamento do então Thain "Marreco Herunolê" e passaram uma semana juntos.

Enquanto alguns tinham que voltar para casa, outros apareceram para se juntar ao grupo, e alguns ficaram em outra casa, coincidentemente, na mesma rua. Durante essa semana, além de ir à praia pegar um bronzeado, os entocados aproveitaram para passear, visitar rebos, relaxar em bairinhos e também para desenvolver o comportamento em grupo. Dividiram os trabalhos de casa como lavar e limpar, como também fazer compras.

Puderam assim receber boas visitas, como a de alguns membros da

Toca ES que moram em Guataparí e que, por isso, perdem a oportunidade de comparecer a boa parte dos encontros. Eles se juntaram aos abrigados no trabalho e na diversão, proporcionando uma semana muito especial. No total passaram pela casa cerca de 20 entocados.

E, para terminar, na última noite na cidade, foi realizado um luanã com direito a bebida, comida, música e uma adorável fogueira, que foi comentada por vários observadores nos dias seguintes.

Essa foi a primeira vez que um número tão grande de membros se reuniu por tanto tempo, e essa prova é vista por nós como uma grande vitória, nos trazendo maior integração e amizade. Foi durante essa estadia que começou a se formar a nova chapa, que assume em março o lugar de Marreco, que está deixando o Thainato para assumir a Presidência do Conselho Branco.

O "Boom" Capixaba

Há bons anos a Toca ES trabalha para estimular e perpetuar o desenvolvimento conquistado pelo grupo. Todavia, nos últimos tempos, a evolução da participação dos capixabas superou a mais otimista das expectativas.

Os enTocados do Espírito Santo que, até o mês de Setembro de 2005, mandavam cerca de 78 e-mails para a lista, enviaram, só nos quatro meses seguintes, o total de 594 mensagens demarcando uma média de quase 150 e-mails mensais. O incrível aumento do fluxo de mensagens levou os membros a enfrentar uma realidade comum a poucas Tocas do Conselho Branco, apesar de ainda ser diminuta no número de associados.

Mesmo assim, nada disso foi suficiente para prepará-los para os meses que estavam por vir. O mês de Fevereiro, apesar de ser um período habitualmente calmo, foi alcançado o recorde de 277 e-mails, maior marca da história da Toca ES.

Parabéns a todos tolkiendili capixabas, os verdadeiros responsáveis pelo período áureo em que o grupo se encontra. Que bem-aventurado seja seu ano e que ainda mais sucesso lhe seja concedido.

Nova Coordenadoria da Toca ES

Não só encontros, festas e outras atividades foram realizadas pela Toca no começo do ano. Também foi feita a eleição da nova Coordenadoria!

Thaini - Udayan "Haradrim" Bassul

Coordenador Cultural - Eder "Turwenya" Pereira

Coordenador Técnico - Fabio "Miojo" Reis

Coordenadora de Comunicação - Layla "Nienna" Souza

Coordenador Financeiro - Leandro "MiriFred" Santos

SP elege nova Coordenadoria

Os paulistas também realizaram suas eleições à pouco e uma nova Coordenadoria já está trabalhando. Veja abaixo quem é quem na Toca SP!

Thaini - Luana "Luthuriel" Navarro

Coordenador Cultural - João "Mandos Féantar" Uberti

Coordenadora Técnica - Luciana "Luky" Vitiello

Coordenador de Comunicação - Jorge "Estel Thelurian" Sequeira

Coordenadora de Logística - Sara "Gythien" Souza

Coordenador Jurídico - Alexandre "Amroth" Pytel

Ouvidora - Cláudia "Tinúviel" Gusson

~ Pippin Pergunta! ~

A felicidade do StTûk aí não é à toa! A notícia que o deixou dessa maneira é o anúncio da nova coluna do Anto Saurono, onde ele será o repórter e vai entrevistar diversas personalidades da cultura tolkieniana.



A área contará com entrevistas bem-humoradas para permitir que os associados conheçam melhor as pessoas que compõem o Conselho Branco.

O problema é que nunca se sabe quando esse hobbit vai decidir atacar! Cuidado e fiquem ligados!

Fim de Ano movimentado na Toca RJ

O fim de ano foi bastante agitado na Toca RJ. Primeiramente, seus membros tiveram a felicidade de participar juntamente com outros fãs clubes de um encontro beneficente durante a estreia de As Crônicas de Nárnia nos cinemas. Foram arrecadados cerca de 60 kg de alimentos não perecíveis para a Campanha Natal Sem Fome. Após a exibição do filme, foram sorteados brindes doados pelos fã-clubs presentes. Parabéns aos organizadores pela bela iniciativa e, em especial, à Elaine Nascimento "Nanny" pela ideia de reunir diferentes grupos em benefício de uma boa causa, promovendo sua integração de uma forma divertida. Atividades semelhantes estão sendo planejadas para 2006.

Para completar o ano de atividades na Toca foi encerrado com a comemoração da posse da nova Diretoria e aniversário de 5 anos do Conselho Branco em um churrasco de confraternização que foi organizado em parceria com os amigos do Conselho Jedi Rio. A festa correu em clima de muita diversão, integração, troca de presentes (amigo oculto com livros usados), boa música, etc. A Toca RJ agradece o apoio do Conselho Jedi Rio não só neste evento, mas pela parceria sempre bem vinda em mais uma atividade bem sucedida.

Toca RJ tem novo informativo

Em janeiro deste ano a Toca RJ ganhou mais um canal de comunicação e informação. Idealizado pela nova Diretoria Regional, foi lançado o Boletim Informativo "Vinyar Mistalondë" ("Notícias dos Portos Cinzentos"). O primeiro volume do informativo pode ser obtido online pelo site do CB.

O Informativo ainda se encontra em desenvolvimento, portanto sugestões e críticas são bem vindas. Mande as suas por e-mail para: thaini-rj@conselhobranco.com.br.

A Equipe do Anto Saurono parabeniza a iniciativa dos organizadores do Vinyar Mistalondë e deseja sucesso e vida longa ao Informativo.

~ Curtas ~

Musical "O Senhor dos Anéis" estreia no Canadá!

Em muitos aspectos, o universo criado por Tolkien é superlativo: sua mitologia foi o trabalho de toda sua vida; o Senhor dos Anéis levou 15 anos para ser escrito e era tão grande que os editores resolveram publicar em três partes para cortar os custos; os filmes levaram 3 anos para serem terminados e arremataram mais de 20 Oscars no total.

O musical não podia ficar atrás. Tão grande que não havia teatro disponível para recebê-lo no Reino Unido, o espetáculo achou casa em Toronto, Canadá, e se tornou o mais caro já produzido.

E os milhões foram bem gastos. Palco e cenários se tornam uma atração à parte enquanto personagens em figurinos exuberantes cantam e dançam a história sob luzes e efeitos estonteantes e assustadores. Orcs, Elfos, Enrs, Nazgûl, Homens e, claro, Hobbits são interpretados por ingleses e canadenses (com um destaque especial para Gollum!) em um show que resume de maneira inteligente a trama criada por Tolkien.

Embora a adaptação tenha cortado e condensado diversas cenas da obra para encaixar nas 3 horas e meia de duração, o Show foi bem recebido pela crítica e aclamado pelo público.